





Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



PARNAZO BRASILEIRO,

OU

COLLECCÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

TOMO I.

*gazeta de maio
Liliana, de 1829
93450*



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL. 1829.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1900

PHYSICS DEPARTMENT

1900

REPORT OF THE PHYSICS DEPARTMENT

FOR THE YEAR 1900

PHYSICS DEPARTMENT

UNIVERSITY OF CHICAGO

AO PUBLICO.



EMPREHENDI esta collecção das melhores Poesias dos nossos Poetas, com o fim de tornar ainda mais conhecido no mundo Litterario o Genio daquelles Brasileiros, que, ou podem servir de modellos, ou de estímulo á nossa briosa mocidade, que ja começa á trilhar a estrada das Bellas Letras, quasi abandonada nos ultimos vinte annos dos nossos acontecimentos Politicos.

Os que se derão á huma semelhante tarefa na Inglaterra, França, Portugal, e Hespanha, de certo não tiverão tantas difficuldades á vencer, como as que encontro neste Paiz, onde a Imprensa he moderna, e por isso os escriptos, por mais de huma vez copiados, podem ser, em muitas partes, differentes dos que sahirão das pennas de seos Authores.

Todavia, confrontando manuscriptos de amigos entendidos, e amantes dos nossos Poetas, e sem desprezar o conselho de alguns, que ainda lhes pertencem por sangue e afeição, julgo prestar hum serviço louvavel, aos que desejão possuir, em huma só collecção, tantas Poesias estimaveis, que o tempo vai ja consumindo, com prejuizo da nossa gloria Litteraria.

Fôra bom ajuntar á esta collecção huma noticia Biographica de tantos Poetas, que honrão o nome Brasileiro com producções distinctas; mas esta tarefa offerece maiores difficuldades, sem com tudo desanimar a quem espera ainda offerecer ao conhecimento do

mundo as memorias dos Illustres Brasileiros, que fazem honra á Litteratura Nacional. Os dous *Alvarengas*, *José Basilio*, *Salles*, *Claudio Manoel*, *João Pereira*, *Caldas*, e outros que hoje só vivem em suas obras, tem parentes e amigos, que de certo se prestarão a communicar-me as materias necessarias á *Biographia dos Poetas Brasileiros*, que intento escrever, para ser publicada em algum dos seguintes Tomos desta Collecção. A esperanza em que estou de ser coadjuvado n'esta empreza de gloria Nacional, por todas as pessoas, que possuem poesias e noticias dos nossos bons Poetas, até hoje sepultados em archivos particulares, obriga-me a pedir, que as confiem do Editor do *Parnazo Brasileiro*, remettendo-as á sua morada, Rua dos Pescadores N.º 112. (porte pago), onde se dará recibo, para a entrega do original, depois de copiado.

O Conego *Januario da Cunha Barboza*.

SONHO.

Pelo Doutor Ignacio José de Alvarenga.

OH que sonho! oh que sonho eu tive n'esta
 Feliz, ditosa, e socegada sesta?
 Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
 E no meio das ondas transformar-se
 Na figura de hum Indio o mais gentil,
 Representando só todo o Brasil.
 Pendente ao tiracol de branco arminho
 Concavo dente de animal marinho
 As preciosas armas lhe guardava;
 Era thesoiro e juntamente aljava.
 De pontas de diamante erão as settas,
 As asteas d'oiro, mas as pennas prettas;
 Que o Indio valeroso activo e forte
 Não manda setta, em que não mande a morte.
 Zona de pennas de vistosas cores
 Guarneçada de barbaros labores,
 De folhetas e perolas pendentes,
 Finos chrystais, topazios transparentes,
 Em recamadas pelles de Sahiras
 Rubins, e diamantes, e Saphiras,
 Em campo de Esmeralda escurecia
 A linda Estrella, que nos traz o dia.
 No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
 Vi tudo quanto póde a natureza.
 No peito em grandes letras de diamante
 O nome da Augustissima Imperante.
 De inteiriço coral novo instrumento
 As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento
 Das saudosas palhetas, que afinava,
 Pindaro Americano assim cantava.

—*—*—*—

Sou vassallo, e sou lial,
 Como tal,
 Fiel constante,
 Sirvo á gloria da Imperante,
 Sirvo á grandeza Real.

Aos Elysios descerei
Fiel sempre á Portugal ,
Ao famoso Vice-Rei ,
Ao Illustre General ,
A's bandeiras , que jurei.
Insultando o fado e a sorte ,
E a Fortuna desigual ,
A' quem morrer sabe , a morte
Nem he morte , nem he mal.

O D E.

*A' Rainha D. Maria I. pelo mesmo Auctor , servindo de
continuação ao Sonho.*

Invisiveis vapores
Da baixa terra , contra os Ceos erguidos ,
Não offuscão do Sol os resplendores.
Os padrões erigidos
A' Fé Real nos peitos Lusitanos ,
São do Primeiro Affonso conhecidos.
A nós Americanos
Tóca levar pela razão mais justa
Do Throno a Fé aos derradeiros annos.
Fidelissima Augusta ,
Desentranhe riquissimo Thesoiro
Do cofre Americano a mão robusta ;
Se o Tejo ao Minho e ao Doiro
Lhe aponta hum Rei em bronze eternizado ,
Mostre-lhe a Filha eternizada em oiro.

Do Throno os resplendores
Façam a nossa gloria , e vestiremos
Barbaras pennas de vistosas cores.
Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza ,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á Real grandeza
A prata , o oiro , a fina pedraria ,
Que esconde d'estas serras a riqueza.
Ah ! chegue o feliz dia ,
Em que do novo Mundo a parte inteira
Aclame o nome Augusto de Maria.

Real Real Primeira,
Só esta voz na America se escute
Veja-se tremular huma bandeira.

Rompão o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os Galeões pezados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desção Nações confusas diferentes
A' vir beijar a mão da Soberana.
Chegai, chegai contentes,
Não temaes dos Pissarros a fereza,
Nem dos seos companheiros insolentes.
A Augusta Portugueza
Conquista corações, em todos ama
O Soberano Author da Natureza.
Por seos filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura
E os seos favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Ja era vosso o mundo novo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do Cabo ao mar pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.
Ficavão incluídas
As terras, que vos forão consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas
Os aromas, e os Indicos effeitos,
Poderão mais que as Serras prateadas.
Mas nós de amor sугeitos
Prontos vos offertamos á conquista
Barbaros braços, e constantes peitos.


Póde a Tartaria Grega
A luz gozar da Russianna Aurora;
E á nós esta fortuna não nos chêga?

Vinde , Real Senhora ,
Honrar os vossos mares por dous mezes
Vinde ver o Brasil, que vos adora.
Noronhas e Menezes
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Tem prendido o Leão por muitas vezes.
Fiai os Reaes Sellos
De mãos seguras, vinde descançada,
De que servem dous grandes Vasconcellos?
Vinde á ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a Lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na Real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo :
Aos pés Augustos voa,
Chora, e faz que a Mãe compadecida,
Dos saudosos filhos se condoa.
Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor,
Tens triumphado, tens a acção vencida.
Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta; he lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a Magestade,
Em quanto o mundo novo sacrifica
A' tutelar propicia Divindade :

O Principe sagrado
Do pão da pedra, que domina a barra
Em colossal estatua levantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado Sudöeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extenção de immensos mares,
Que cerca o seo Imperio magestoso;
Honrando nos altares
A mão, que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seos, ambos os mares

E a Fé mais Santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.




Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do Luso Imperio,
Eterna Paz, eternamente goza.

N'hum e n'outro hemispherio
Tu vês os teos Augustos Descendentes
Dar as Leis pela voz do Ministerio:

E os povos differentes,
Que he impossivel quasi enumeral-os,
Que vem á tributar-lhes obedientes;

A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teo;
Que adorão Rei, que servirão vassallos.

O Indio o pé bateo,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desapareceo.



O D E.

*Pelo mesmo Autor, á Sebastião José de Carvalho e Mello,
Marquez do Pombal*

Não os Heroes, que o gume ensanguentado

Da cortadora espada

Em alto pelo mundo levantado

Trazem por estandarte

Os furores de Marte;

Nem os que sem temor do irado Jóve

Arrancão petulantes

Da mão robusta, que as esferas móve,

Os raios crepitantes,

E passando á insultar os elementos

Fazem cahir dos ares

Os cedros corpulentos

Por hir rasgar o frio seio aos mares,

Levando a toda a terra

Tinta de sangue, envolta em fumo a guerra.

Ensanguentados rios, quantas vezes
 Vistes os fertes valles
 Semeados de lanças e de arnezes?
 Quantas, ó Ceres loura,
 Crescendo huns males sobre os outros males
 Em vez do trigo, que as espigas doura,
 Viste espigas de ferro,
 Fructos plantados pelas mãos do erro,
 E colhidos em montes sobre as eiras
 Rotos pedaços de serviz bandeiras!
 Inda leio na frente ao velho Egypto
 O horror, o estrago, o susto
 Por mãos de Heroes tiranamente escrito;
 Cezar, Pompeo, Antonio, Crasso, Augusto,
 Nomes, que a Fama poz dos Deoses péto,
 Reduzirão por gloria
 Provincias e Cidades á desérto:
 E a penas conhecemos pela historia
 Que o tem roubado ás eras,
 Qual fosse a habitação, que hoje he das feras.
 Barbara Roma, só por nome augusta,
 Desata o pranto vendo
 A conquista do mundo o que te custa;
 Cortão os fios dos arados tortos
 Trezentos Fabios n'hum só dia mortos,
 Zelosa negas hum honroso asylo
 Ao illustre Camilo;
 A' Manlio, ingrata, do escarpado cume
 Arrojas por ciúme,
 E vêz á sangue frio, oh povo vario,
 Subir Marcello as proscricções de Mario.
 Grande Marquez, os Satyros saltando
 Por entre as verdes parras
 Defendidas por ti de estranhas garras;
 Os trigos ondeando
 Nas fecundas seáras;
 Os incensos fumando sobre as aras,
 A nascente Cidade,
 Mostrão a verdadeira heroicidade.
 Os altos cedros, os copados pinhos,
 Não á conduzir raios,
 Vão romper pelo mar novos caminhos:
 E em vez de sustos, mortes, e desmaios,
 Damnos da natureza
 Vão produzir e transportar riqueza.

(II)

O curvo arado rasga os campos nossos,
Sem turbar o descanso eterno aos ossos:
Fructos do teu suor, do teu trabalho

São todas as empresas;

Unicamente á sombra de Carvalho
Descanção hoje as Quinas Portuguezas.

Que importão os Exercitos armados
No campo com respeito conservados,
Se lá no gabinete a guerra fazes,
E a teu arbitrio dás o tom ás pazes?

Que, sendo por mão destra manejada,
A politica vence mais que a espada.

Que importão Tribunaes e Magistrados,
Asilos da Innocencia,

Se podessem temer-se declarados

Patronos da insolencia?

De que servirão tantas

Tão saudaveis Leis sabias e Santas,

Se em vez de executadas

Forem por mãos sacrilegas frustradas?

Mas vives tu, que para o bem do mundo

Sobre tudo vigias,

Cançando o teu espirito profundo

As noites e os dias,

Ah! quantas vezes sem descanso huma hora

Vês recostar-se o Sol erguer-se a Aurora,

Em quanto voves com cansado estudo

As Leis e a guerra, e o negocio, e tudo?

Vale mais do que hum Reino hum tal vassallo

Graças ao Grande Rei, que soube achal-o.



CANTO EPICO.

*Pelo mesmo Autor: baptizando-se em Minas o Filho do
Ex.^{mo} Sr. D. Rodrigo José de Menezes.*

1.

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvão-se no horror das sepulturas
Dos primeiros Avós os frios ossos:
Os Heroes das mais altas cataduras
Principião á ser patricios nossos:
E o vosso sangue, que esta terra ensópa,
Ja produz fructos do melhor da Europa.

2.

Bem que venha a semente á terra estranha,
Quando produz, com igual força gera,
Nem do forte Leão fora de Hespanha
A fereza nos filhos degenéra;
O que o Estio em humas terras ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos Heroes da mesma sorte
Produz no Sul, que produzio no Norte.

3.

Romulo por ventura foi Romano?
E Roma á quem deveo tanta grandeza?
O grande Henrique era Lusitano?
Quem deo principio á gloria Portugueza,
Que importa que José Americano
Traga a honra, a virtude, e a fortaleza
De altos e antigos troncos Portuguezes
Se he Patricio este ramo dos Menezes?

4.

Quando algum dia permittir o fado
Que elle o mando Real moderar venha,
E que o bastão do Pae com gloria herdado
No pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperaes que seja o seo agrado?
Vós experimentareis como se empenha
Em louvar estas Serras e estes ares,
Em venerar gostoso os patrios lares;

5.

Esses partidos morros e escalvados,
Que enchem de horror a vista delicada
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo Sol negão a entrada,
E do agreste Paiz habitadores
Barbaros homens de diversas cores,

6.

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quam differente he para quem ama
Os ternos laços do seo patrio berço!
O Pastor loiro, que meo peito inflama
Dará novos alentos ao meo verso,
Para mostrar do nosso Heroe na boca
Como em grandezas tanto horror se troca.

7.

Aquellas Serras na apparencia feias,
Dirá José, oh quanto são formosas!
Ellas conservão nas occultas veias
A força das Potencias Magestosas;
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata e oiro e pedras preciosas;
Aquellas brutas escalvadas Serras
Fazem as Pazes, dão calor ás Guerras

8.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupão quasi a Região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os Corinthios palacios levantados,
Doricos Templos, Jonicos altares,
São obras feitas d'esses lenhos duros,
Filhos d'esses Bertões feios e escuros.

9.

A croa d'oiro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do Augusto José a heroica filha,
Nossa Rainha Soberana Augusta,
E Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza á todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.

10.

Esses homens de varios accidentes
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudão aos rios as correntes,
Rasgão as Serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

11.

Por ventura, Senhores pôde tanto
O grande Heróe, que a antiguidade aclama,
Porque aterrou a fera de Erinanto,
Venceo a Hydra com o ferro e chamma?
Ou esse, á quem da tuba Grega o canto
Fez digno de immortal eterna fama?
Ou inda o Macedonico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?

12.

Eu só pondero, que essa força armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre huma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co' a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fôrma da terrestre esfera
Apezar de huma vida a mais austera.

13.

Se o justo e o util pode tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,
Quaes se empregão, dizei, mais dignamente
As forças d'estes, ou as forças vossas?
Mandão á destruir a humana gente
Terriveis Legiões, armadas grossas;
Procurar o metal, que acode a tudo
He d'estes homens o cansado estudo:

14.

São dignas de attenção... hia dizendo
A' tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado
E já o nosso Heroe nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito.

15.

Filho, que assim te fallo, filho amado
Bem que hum Throno Real teo berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira Graça;
Deves o nascimento ao Pae honrado,
Mas eu de Christo te alistei na Praça;
Estas mãos por favor de hum Deos Supremo
Te restaurarão do poder do Inferno.

16.

Amado filho meo, torna á meos braços,
 Permitta o Ceo, que a governar prosigas,
 Seguindo sempre de teo Pae os passos.
 Honrando algumas Paternaes fadigas
 Não receio que encontres embaraços,
 Por onde quer que o teo destino sigas,
 Que elle pisou por todas estas terras
 Matos, Rios, Sertões, Morros e Serras.

17.

Valeroso, incansavel, diligente
 Do serviço Real, promoveo tudo
 Já nos Paizes do Pori valente,
 Já nos bosques do bruto Boticudo,
 Sentirão todos sua mão prudente
 Sempre debaixo de acertado estudo,
 E quantos virão seo sereno rosto
 Lhe obedecerão por amor, por gosto.

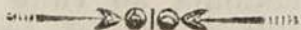
18.

Assim confio o teo destino seja
 Servindo a Patria, e augmentando o Estado
 Zelando a honra da Romana Igreja,
 Exemplo illustre de teos Paes herdado;
 Permitta o Ceo, que eu felizmente veja
 Quanto espero de ti desempenhado,
 Assim contente acabarei meos dias,
 Tu honrarás as minhas cinzas frias.

19.

Acabou de fallar o honrado velho;
 Com lagrimas as vozes misturando;
 Ouvio o nossó Heroe o seo conselho
 Novos projectos sobre os seos formando.
 Propagar as doutrinas do Evangelho,
 Ilir aos patricios seos civilisando,
 Augmentar os Thesoiros da Reinante,
 São seos disvelos desde aquelle instante.

Feliz governo, queira o Ceo sagrado
 Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
 Em que nos torne o seculo dourado
 Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
 Seculo, que será sempre lembrado
 Nos instantes de gosto e de alegria,
 Até os tempos, que o destino encerra
 De governar José a Patria terra.



SONETO.

Pelo mesmo Auctor, em huns Outeiros.

MOTE

NOMEIA VICE-DEOS AO GRANDE AUGUSTO.

NAS azas do valor em Accio vinha
 Por Antonio a Victoria declarada,
 Mas a sombra de Tullio não vingada
 Postos os Deoses contra Antonio tinha.

Fez que fugisse a barbara Rainha
 De falsas esperanças enganada,
 E o criminoso Heroe voltando a espada
 No coração zeloso a embainha.

O fatal estandarte a Grecia enrole,
 Cesse entre Esposas e entre Mães o susto,
 Descanse hum pouco de Quirino a prole;

Que Jove Eterno piedoso e justo,
 Antes que Roma e Roma se dessole,
 NOMEIA VICE-DEOS AO GRANDE AUGUSTO.



SONETO.

*Pelo mesmo Autor, ao Marquez de Lavradio, na fundação
do Theatro do Rio de Janeiro, servindo de Prologo á
Tragedia — Merope — traduzida do Italiano pelo Autor.*

SE armada a Macedonia ao Indo assoma.
E Augusto a sorte entrega ao immenso lago,
Se o grande Pedro errando incerto e vago
Barbaros duros civiliza e doma :

Grecia de Babilonia exemplos toma,
Aprende Augusto no inimigo estrago,
Ensina a Pedro quem fundou Carthago
E as Leis de Athenas traz ao Lacio e Roma.

Tudo mostra o Theatro, tudo encerra ;
N' elle a cega razão aviva os lumes
Nas artes, nas Sciencias, e na guerra.

E á vós, alto Senhor, que o Rei e os Numez
Derão por fundador á nossa terra,
Compete a nova escola dos costumes.

SONETO.

Do mesmo Autor.

A MÃO, que aterra de Nemeo a garra,
Atreo, Achilles, Sofonisba, e Phedra,
São assumptos da Lyra, e nunca medra
Invejosa dos Cysnes a cigarra.

Tu onde o vento e o mar a furia esbarra,
Sem chammas de rubim, facetas d'edra,
Immortal ficarás por mim, ó pedra,
Que ao longe mostras do teo Rio a barra.

Abrazado entre as xispas na bigorna
Malha Vulcano, e do trifauce perro
Brontes a Estigia caldeando entorna.

O grande Castro em bronze, em oiro, em ferro
Por mão de hum Deos a tua frente adorna,
Mais durarás do que o Sefaz do Serro.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

POR mais que os alvos córnos curve a Lua
Roubando as luzes ao Author do dia;
Por mais que Thetis na morada fria
Ostente a pompa da belleza sua;

Por mais que a linda Cytherea nua
Nos mostre o premio da gentil porfia,
Entra no campo, Tu, bella Maria,
Entra no campo, que a victoria he tua.

Verás a Cynthia protestar o engano,
Verás Thetis sumir-se envergonhada
Para as humidas grutas do Océano.

Venus ceder-te o pômo namorada,
E sem Troia sentir o ultimo damno,
Verás de Juno a colera vingada.

SONETO.

Do mesmo, nas Exequias de ElRei D. José.

DO claro Tejo á escura foz do Nilo,
E do barbaro Araxe ao Tibre vago,
A fama, o susto, e o Marcial estrago,
Rompe a Fama os clarins em repetil-o.

Mas não podem achar seguro asilo
Fora das margens do estigio lago
Os assombros de Roma e de Cartago,
Annibal, Scipião, Fabio, e Camillo.

Os grandes ossos cobre a terra dura,
E a morte desenrola o negro manto
Sobre o Pio José na sepultura.

Injusta morte, soffre o nosso pranto,
Que ainda que he lei a toda a creatura,
Parece não devias poder tanto.

SONETO.

Do mesmo, ao Marquez de Lavradio.

HONRADAS sombras dos maiores nossos,
Que estendestes a Lusa Monarchia,
Do torrado Equador á Zona fria,
Por incultos Sertões, por mares grossos;

Sahi á ver os Successores vossos
Revestidos de gala e de alegria,
E nos prazeres do mais fausto dia
Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

La vem o grande Affonso, a testa erguendo
A ver Carvalho, em cujos fortes braços
Crescem os Nettos, que lhe vão nascendo.

E o suspirado Almeida rompe os laços
Da fria morte, o Netto invito vendo
Seguir tão perto de Carvalho os passos.

SONETO.

Do mesmo, aos annos de D. Joanna.

NEM fizera a discordia o desatino,
Que urdio funesta liga a gente humana,
Nem soberba a Republica Romana
Poria ao mundo inteiro hum freio indino.

O' Asia, O' Grecia, O' Roma, o teu destino
Fera feliz só com nascer Joanna;
Respeitoso no peito a acção profana
Suffocaria o barbaro Tarquino.

Ella das Deosas trez as graças gosa,
E os dons sublimes ella só encerra
De Rainha, de Sabia e de formosa.

Ah! se Joanna então honrasse a terra!
O' Esposa Romana, ó Grega Esposa,
Não fora a formosura a Mãe da guerra.

SONETO.

Por José Bazilio da Gama á mesma Senhora.

A Idade, aquella idade, que primeiro
Vio em mão delicada o sceptro e o mando,
E a Egypcia, que as ruinas pôde amando
Duas vezes causar ao mundo inteiro:

Que vio levada de furor guerreiro,
Parte da trança negra ao vento dando,
Correr c'hum peito atado, outro ondeando
A usurpadora Mãe do Assirio berdeiro:

Que vio co' a mão, que erguia huma Cidade
Confundir com o dom da mão Troiana
Hum resto de fraqueza e de saudade;

Que ultrajada belleza, alma Romana
Vio nadar o seo sangue, aquella idade
Tudo não vio, por que não vio Joanna.



A GRUTA AMERICANA.

POR ALCINDO PALMIRENO ARCADE ULTRAMA-
RINO; A' TERMINDO SIPILIO, ARCADE
ROMANO.

*Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga,
á José Bazilio da Gama.*

N'HUM vale estreito o Patrio Rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que ás feras ensurdece.
Aqui na vasta gruta socegado
O Velho Pae das Nimphas tutelares
Vi sobre urna musgosa recostado;
Pedaços d'oiro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o Ceo quiz derramar n'estes lugares.
Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphiteatro, onde respirão
No ardor da sesta as Driádes formosas.
Os Faunos petulantes, que delirão
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco n'estes bosques girão.
Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e Antas fortissima Amazona
Rege do alto lugar, em que se assenta.
Prostrado aos pés da intrepida Matrona,
Verde, escamoso Jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.
Quem hes, do claro Ceo inclita filha?
Vistasas pennas de diversas cores
Vestem, e adornão tanta maravilha.
Nova grinalda os Genios e os Amores
Lhe offerecem, e espalhão sobre a terra
Rubins, Saphiras, perolas e flores.

Juntão-se as Nymphas, que este valle encerra,
A Deosa accena e falla: o monstro enorme
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vento dorme.

Brilhante nuvem d'ouro
Realçada de branco, azul, e verde,
Nuncia de fausto agoiro,
Veloz sóbe, e da terra a vista perde,
Levando vencedor dos mortaes damnos
O Grande Rei José dentre os humanos.

Quando ao Tartareo açoite
Gemem as portas do profundo Averno,
Igual á espessa noite
Vóá a infausta Discordia ao ar Superno,
E sobre a Lusa America se avança
Cercada de terror, ira, e vingança;
Eis a Guerra terrível
Que abála, atemorisa, e turba os povos,
Erguendo escudo horrível,
Mostra Esphinge, e Medusa, e monstros novos;
Arma de curvo ferro o iniquo braço:
Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.

Palida, surda e forte,
Com vagaroso paço vem soberba
A descarnada morte.
Com a miserrima triste fome acérba;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.

Ruge o Leão Ibero
Desde Europa troando aos nossos mares,
Tal o feroz Cerbero
Latindo assusta o reino dos pesares.
E as vagas sombras ao trífauce grito
Deixão medrosas o voraz Cocyto;

Os montes escalvados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacilão assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulphureo, que no bronze sôa
O Ceo, e a Terra, e o Abysmo atrôa.

Os eccos pavorosos
Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,
E os peitos generosos,
Que no seio da paz a gloria inunda,

Armados correm de huma e d'outra parte
 Ao som primeiro do terrivel Marte.
 A hirsuta Mantiqueira,
 Que os longos campos abraçar presume,
 Vio pela vez primeira
 Arvoradas as Quinas no alto cume,
 E marchar as Esquadras homicidas
 Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.
 Mas oh Rainha Augusta,
 Digna Filha do Cec justo e piedoso,
 Respiro, e não me assusta
 O estrepito e tumulto bellicoso,
 Que tu lanças por terra n'hum só dia
 A discordia, que os povos opprimia.
 As horridas phalanges
 Já não vivem d'estrago e de ruina,
 Deixão lanças e alfanjes,
 E o elmo triplicado, e a malha fina;
 Para lavrar a terra o ferro torna
 Ao vivo fogo e á rigida bigórna.
 Já cahem sobre os montes
 Fecundas gotas de Celeste orvalho;
 Mostrão-se os horizontes,
 Produz a terra os fructos sem trabalho;
 E as nuas Graças, e os Cupidos ternos
 Cantão á doce Paz hymnos eternos.
 Hile, sinceros votos,
 Hide, e levai ao Throno Lusitano
 D'estes climas remotos,
 Que habita o forte e adusto Americano,
 A pura Gratidão e a Lealdade,
 O Amor, o sangue, e a propria Liberdade.
 Assim fallou a America ditosa,
 E os mosqueados Tigres n'hum momento
 Me roubarão a scena magestosa.
 Ai, Termindo, rebelde o instrumento
 Não corresponde á mão, que já com gloria
 O fez subir ao estrellado accento.
 Sabes do triste Alcindo a longa historia,
 Não cuides que os meos dias se serenão,
 Tu me guiaste ao Templo da Memoria
 Torna-me ás Musas, que de lá me acenão.



OS CAMPOS ELISIOS.

Aos Condes da Redinha, por José Bazilio da Gama.

CANTO UNICO.

1.

Nos arvoredos hemaventurados,
Por onde o Lethes vagaroso gyra,
Pelas sombras felizes habitados,
Entrei, fiado na Thebana Lyra;
Giravão juntos os ditosos prados,
Dous vultos, por quem a Patria inda suspira
Que trajavão, se a vista não me engana,
Manto Ducal, e purpura Romana.

2.

Hum era Paulo, o Irmão do Alcides nosso,
Que de força invencivel ajulado
Pizou da Hydra o aspero pescoço;
Outro era Nuno, á pouco em flor cortado,
Noticias lhe pergunta ao Duque moço,
Dos paizes, que cobre o Sol doirado:
Elle os casos refere em doce estuo,
Chegão-se as outras sombras para ouvil-o.

3.

Vive o famoso Irmão, dice; annos largos
Esperareis, que desampare a terra;
Deu-lhe os hombros d'Atlante, os olhos d'Argos
Aquella mão, que os grandes desenterra;
Fogem os dias funebres e amargos,
Foge de arredor d'elle a iniqua guerra,
E sempre ao lado sea anda abraçada
Co' a candida justiça a paz dourada.

4.

Quando dos olhos meos a luz fugia
Ja vizinho a pagar tributo ao fado,
Hum ecco mal distincto ao longe ouvia
Que o meo tronco ao seo tronco era enlaçado;
Com os olhos busquei a luz do dia,
Era o publico voto, ajoelhado,
Que repetia, erguendo as mãos ao Ceo
Hymineo, Hymineo, vem Hymineo.

5.

Na tua toxa inextinguivel arda
O fogo animador d'almas famosas;
Descendencias de Heroes o Ceo nos guarda
De quem se esperão obras gloriosas.
Descansa, Lusitania, o Ceo não tarda;
D'ambos os filhos, d'ambas as esposas,
Quaes os lindos amores inquietos,
Hão de cercar o Avô os doces netos.

6.

Se respirasses inda a aura serena,
Tu, que cantaste Achilles d'Asia espanto,
Acháras n'outra mais formosa Elena
Nova materia á nunca ouvido canto;
Porque sendo a bellissima Lorena
Tão bella, que não he formosa tanto
Na orvalhada manhã a fresca rosa
Inda o menos que tem he ser formosa.

7.

Reviveo a esperança, que entretinhas,
Formou o coração mais firmes laços;
Doçe união, que invejão as pombinhas,
E que imitão da hera os verdes braços.
Encheu o Rei as esperanças minhas,
Que os nossos Reis não forão nunca escassos,
E as novas honras no ditoso dia
▲ bella alma de Daun merecia,

Pintar-te de seos dotes o Thesoiro
 He reduzir o mar á concha estreita;
 Estima as Artes, ama o verde loiro
 Ditosa geração aos Ceos aceita:
 Por vós tornou ao mundo a idade d'oiro.
 Dice; e a sombra purpurea satisfeita
 Airosa pas-eou no alegre prado
 Cheia da idéa do sobrinho amado.



EPITHALAMIO.

Por José Bazilio da Gama, á Senhora D. Maria Amalia.

1.

Nimpha d'esta aspereza ao Ceo visinha,
 Cingi-me a fronte de arrojado loiro:
 Torne a correr a mão cansada minha
 Com plectro de marfim as cordas d'oiro;
 Ouça dos sete montes a Rainha
 Ouça o Danubio, o Patrio Tejo e o Doiro,
 Amor na minha Cythara se esconda,
 E Amalia, Amalia o ecco me responda.

2.

Vejo Cisnes de pennas prateadas
 Trazer do Ceo sobre o fecundo leito
 Fitas de roza no pescoço atadas
 Estrellas d'oiro no encrespado peito.
 Já dão caminho as nuvens enroladas,
 Já sente a terra o amoroso effeito;
 Deixa rastros de luz no ar, que trilha
 A bella Deosa das escumas filha.

3.

Vem, ó Santo Hymineo, desce dos ares
 Coroado de Lirios e de rosas,
 Rodêem teos purissimos altares
 Do Tejo as mansas aguas vagarosas,
 D'estes bosques os Deoses tutelares,
 Ornando as tranças negras e formosas,
 Hirão co' as nuas graças e os amores
 Pelo chão espalhando as brancas flores.

4.

Esposo afortunado, em quem tem posto
 A Patria as suas doces esperanças,
 No meio dos aplausos e do gosto
 Ah! conhece o que logras e o que alcanças.
 A fortuna, que a tantos vira o rosto
 Te poem na mão as fugitivas tranças,
 Premio do teu amor, a Deosa cega
 Quanto te pode dar tudo te entrega.

5.

Estas faces mimosas e serenas,
 A boca onde se forma o doce encanto,
 Causa de tanto susto e tantas penas,
 Os olhos que enche o vergonhoso pranto,
 A garganta de neve e de assucenas
 Tão desejada e suspirada tanto:
 Olha os signaes da doce magua sua,
 Aima feliz, esta belleza he tua.

6.

Entra, Esposa immortal, de amor no Templo,
 Dá á Patria que te ama, e se divêla
 Doces fructos de amor, eu os contemplo
 Successão numerosa illustre e bella;
 Que siga os passos, e o paterno exemplo,
 E se deixe guiar da sua estrella,
 Que de fortes Leons Leons se gerão,
 Nem os filhos das Aguias degenerão.

7.

Se ameaçando a Europa injusto e irado
 Vai Frederico da victoria certo,
 Vês o Heroe do teu sangue em campo armado
 De pó, de fumo, e de suor cuberto;
 Rotas as plumas do chapeo bordado,
 A banda solta, o peito d'aço forte,
 Livrando Austria do jugo e vituperio
 Suster nos hombros o cadente Imperio.

8.

Hum dos dous Tios do seo Rei ao lado
 Com o semblante placido e jucundo,
 Governa ao longe o Imperio dilatado
 Que sepára de nós o mar profundo;
 Outro gloria da Igreja e do Senado,
 A' quem a grande Capital do mundo,
 Ha muito que magnifica prepará
 A purpura, e lhe accena co' a Theara.

9.

Não lhe mostres na Patria a estranha terra,
 Os antigos illustres que passarão,
 Mostra-lhe o grande Avô, em quem se encerra
 Quanto os Heroes da antiguidade obraão;
 E basta-lhe na paz e em dura guerra
 Que se lembrem hum dia, que beijarão
 A mão, seguro arrimo da Coroa
 A mão que da ruina ergueo Lisboa.

10.

Quando dos Alpes ao famoso estreito
 A discordia cruel com vario estudo
 Fez armar tanto braço e tanto peito,
 Esta não nos servio de amparo e escudo;
 Sentio ao longe o lacrimoso effito
 Da quarta parte novo o povo rude,
 E a foz do rio, e o tumido caminho
 Cedeu com tanto cedro, e tanto pinho.

11.

O monstro horrendo do maior delicto,
Que abortou do seo seio a noite escura,
Por obra d'esta mão no alto conflito
Manchou de negro sangue a terra impura,
Range debalde aos pés do Throno invicto
A soberba, e debalde erguer procura
A atterrada cabeça, em que descança
O duro conto da pesada lança.

12.

Quiz erguer a ambição com surdas guerras
Fantastico edificio, aerias traves,
Porém geme debaixo d'altas serras
E tem sobre o seo peito os montes graves:
La vão passando o mar á estranhas terras
Os negros bandos das nocturnas aves,
Com a inveja, ignorancia, e hypocrisia,
Que nem se atrevem á encarar o dia.

13.

Ja tirar-nos não pode a sorte e o fado
Esses alegres dias, que estão perto,
Inda ha de ver a Patria e Reino amado
O Ceo todo de nuvens descoberto,
Errar no monte sem pastor o gado;
E sem cultura, e sem limite certo,
Ondear pelo campo o trigo loiro,
Imagem da saudosa idade d'oiro.

14.

Eu não verei passar teos doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia:
Esperão-me os desertos Africanos,
Aspera inculta, e monstruosa arêa;
Ah! tu fazes cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia...
Mas divisio, e me serve de conforto
A branca mão, que me conduz ao porto.

Assim as azas vai ao peito abrindo
 E força os mares co' a cançada prôa,
 Grave das couzas, que mais preza o Indo
 A Náo, que torna do Oriente e Gôa
 Que as nuvens no horizonte descobrindo
 De flamulas se adorna e se coroa,
 Vencedora do mar, que lhe faz guerra,
 E sauda de longe a amada terra.



CANTO UNICO.

Por José Bazílio da Gama; ao Marquez de Pombal.

1.

De ti a Lira e o loiro a Archadia fia,
 Não invileças nunca o dom ságrado,
 Canta do Pai da Patria; assim dizia.
 Com a tremula voz o Velho honrado;
 Quando junto do Tibre, que o ouvia
 Sobre tropheos antigos reclinado,
 Cingio na minha frente o verde loiro,
 E poz nas minhas mãos a Lira d'oiro.

2.

Amada Lira, se o teu doce accento
 Abala troncos, e levanta muros,
 Eufrea as oudas, adormece o vento,
 E abranda os corações dos Tigres duros:
 Acompanha o meu novo atrevimento,
 Faze-te ouvir nos seculos futuros,
 Se te assusta hir com migo aos pés do Throno,
 Instrumento infeliz, busca outro dono.

3.

Pôde hum Heroe no berço recostado
 Despedaçar co' as mãos Dragões torcidos,
 Romper da eterna noite o horror sagrado
 Mostrar a luz ao cão dos trez latidos;
 E hum dos joelhos sobre o chão firmado,
 Os braços pelas nuvens estendidos,
 Sustentar elle só cheio de assombros
 Todo o pezo do Ceo sobre os seos hombros.

4.

Pode depois de longa resistencia
 Ver á seos pés o susto do Erimanto,
 Dar hum asilo á tímida innocencia
 Na terra, e o crime encher de horror e espanto;
 Possuir os thesoiros da eloquencia,
 Quem cuidou que os mortaes podião tanto?
 Pôde Pombal... O' Grecia, não duvides;
 E tu cuidavas que eu cantava Alcides?

5.

Afôga as serpes o Indiano ousado,
 E os feroces Leões co' agarra erguida,
 De curto ferro e de destreza armado
 Lança por terra o Caçador Numida;
 Porém contra as Estúrges, que rasgado
 Tem no seio da Europa alta ferida,
 Deo o Ceo hum Heroe aos Portuguezes,
 Dativa, que o Ceo dá bem raras vezes.

6.

Europa, envolve o rosto em negro manto,
 Tu viste o crime nos altares posto,
 E viste o Irmão, da Irmã, banhado em prante
 O peito vîginal rasgar com gosto;
 Consagrar o punhal no Templo Santo
 Para depois ferir voltando o rosto
 Os velhos Paes, os filhos innocentes;
 Tanto a Superstição pode nas gentes!

7.

Infama agora hum povo de guerreiros,
 Vomita essas injurias, que tens prontas,
 Porque entornava o sangue dos cordeiros,
 Ou porque á branca rez dourava as pontas,
 Os barbaros do mundo derradeiros
 Não contão mais estragos, que tu contas:
 O sangue humano, e não hum Crocodrilo,
 Tornou infame o habitador do Nilo.

8.

Se a Lusitania diz em seo abono
 Que não teme que a guerra hoje a destrúa:
 Se são a Fé, e o amor guardas do Throno,
 Grande Marquez, a gloria he toda tua.
 Ninguém perturba da innocencia o sono,
 Ensina aos povos a verdade nua
 O Sacerdote em candidos vestidos,
 As mãos, e os olhos para os Ceos erguidos.

9.

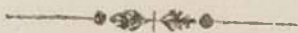
O Lavrador co' as uvas enlaçadas
 Entóa em teo louvor alegre o hymno,
 Responde o cégador co' as mãos doiradas
 De seo nobre suor tributo dino,
 E só co' a tua vista amedrontadas
 Aos gelos Boreaes, ao Ponto Euxino,
 Fogem de nós as guerras sanguinosas,
 Detestadas das Mães e das Esposas.

10.

No capacete a abelha os favos cria,
 Curva-se em fouce a espada reluzente,
 O insecto industrioso as roupas fia,
 Outras fia a Serrana diligente;
 Manda ao Tejo brilhante pedraria
 O ultimo Occaso, o ultimo Oriente
 Ao Tejo manda perolas redondas,
 Arbitro antigo das ceruleas ondas.

Formoso Tejo, que do Patrio assento
 Respeitado das Tropas do inimigo,
 Vês ondear á discrição do vento
 No Elmo as plumas, na Seara o trigo:
 Reconhece do Throno o firmamento,
 A balança do premio e do castigo,
 O Pai da Patria, o Defensor da Igreja;
 Vai ao Grande Marquez, e os pés lhe beja.

Depois ao mar, que vio o caso triste,
 Que a cinzas reduzio Lisboa inteira,
 Pinta a nova Lisboa, e que lhe ouviste
 Que não tinha saudades da primeira;
 Conta-lhe a doce paz, diz que a viste,
 De Carvalho e pacifica Oliveira
 Enramadas as torres, e altos muros,
 Ir pôr as mãos sobre os altares puros.



Correndo pela primeira vez a fonte do Passeio publico do Rio de Janeiro estabelecido pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, foi recitada a seguinte Poesia pelo seo Autor — O Doutor Bartholomeo Antonio Cordovil.

PROTHEO.

Gemem no Pindo tristes e confusas
 Aos pés de Apollo os desgrenhadas Musas,
 Chorão de ver a Cabalina pura,
 Fonte pereane em misera secura.
 Favorosas consultão sobre o caso
 Ao Deos, que inspira os Vates no Parnaso;
 Na Tripode sentado lhe responde,
 Que altos misterios Jove d'elle esconde.

Mal profere estas vozes, sem demora
 Huma desmaia, outra suspira e chóra,
 Outra pasma, outra grita, outra se cala,
 Mas Phebo as afagando assim lhes fala:
 Irmãs honestas, filhas da Memoria,
 Huma praia ali tendes, que da gloria
 O nome tem no Rio de Janeiro:
 Na viva rocha de hum vizinho outeiro
 Huma grutta achareis, aonde habita
 Poucas horas no dia, quem repita
 Da Cabalina a subita mudança;
 O Ceruleo Protheo ali descança,
 Depois que deixa de Neptuno o armento,
 E tem corrido o liquido elemento
 Nos bipedes ginetes enredados
 De verdes limos, camarões curvados.
 Este Propheta, ó Muzas, previdente
 O remoto futuro tem presente.
 Mas tudo quanto diz he constrangido,
 A' brandos rógos nunca deo ouvido.
 Eu mesmo, quando o Sol hoje abrazado
 Na metade do Ceo vir levantado,
 Quando as aves os troncos procurarem
 E nas sombras das folhas se ampararem,
 Vos mostrarei a grutta, em que se abriga,
 Depois que deixa a liquida fadiga.
 Aonde quando vires sepultados
 Em grave sono os olhos desvelados,
 Cuidadosas, deveis sem acordal-o,
 Com asperas prisões maneatal-o.
 A' tudo o que fizer mostrai-vos duras,
 Que costuma tomar varias figuras;
 Ora em bruto horroroso muda a fronte,
 Ora se troca em arvore, ora em fonte;
 Já se eleva qual ave á esfera ardente,
 Já se arrastra qual tumida serpente.
 Ora de Javali recebe a forma,
 Ora em rabido Tigre se transforma,
 Já em Dragão medonho se offerece,
 Já grosso rio, já Leão parece,
 E quantas mais mudanças fizer feias,
 Mais lhe apertai tas rigidias cadeias.

Assim Phebo fallou, dando a bebida,
 Que a Jove o moço dá roubado em Ida;

Descem do Ceo em nuvens enroladas
 As castas Musas de jasmims ornadas ;
 A' grutta chegão quando o Sol ardia
 A prumo sobre a terra, ao meio dia.
 Eis que Protheo do mar se levantando
 A solita caverna vai buscando ;
 Em torno d'elle salta a escamea gente,
 Gotas erguendo ao ar de salsa enchente,
 Qual o Pastor, que na montanha attento,
 Já quando a noite vem, guia o armento,
 E antes que o recolha muitas vezes
 Conta á ver se ali estão todas as rezes,
 Assim tambem Protheo entre o seo gado
 Antes que durma, o deixa numerado.

Tanto que as Musas na caverna o virão
 E prezo de Morfeo o presentirão,
 Rompendo a nuvem, n'elle se lançarão,
 As mãos ligando, por Protheo gritarão.
 Da sua arte sagaz então lembrado
 Mil prodigios obrou, Leão irado
 Rio, Tigre, Serpente, Fonte e bruto,
 Nada faltou ao seo juizo astuto,
 E vendo em fim que nada lhe valia,
 Vencido torna á forma, que devia,
 E diz ás Musas com semblante amigo :
 Sagradas Deosas, que quereis com migo ?
 Ellas lhe tornão; teo juizo experto,
 Do que nós pertendemos vive certo.
 Então Protheo sahindo da floresta,
 Rangendo os dentes, enrugando a testa,
 Torcendo os olhos, para os Ceos olhando
 Com som de voz lhes falla humilde e brando.

Escrito estava em chapa diamantina
 Que havia de secar-se a Cabalina,
 E ter o novo mundo dias bellós
 Quando n'elle regesse hum Vasconcellos ;
 Que em lugar d'esta fonte outra haveria,
 Que aos Vates melhor estro influiria,
 Para cantar acções do varão justo,
 Que rege as terras do Brasil adusto.
 Amphibios Jacarés de agudo dente
 Darão, que o Pindo, mais feliz enchente ;
 Suas aguas darão em poucos annos
 Homeros novos, novos Mantuanos,

Que deixando de Achilles os furores
Do Grego Ulysses os fataes horrores,
Do Frigio Capitão a vã piedade
Melhor hão de cantar em toda a idade
A Justiça, a Clemencia, os bons disvellos,
Com que o grande Luiz de Vasconcellos
Seguindo outro caminho em tudo novo
Formosea a Cidade, pule o povo,
Enriquece o Comercio, as Lettras ama,
Adorna as Praças e mil bens derrama;
E porque tudo com prazer vos conte
Quer Jove que habiteis só n'esta fonte,
Onde influir deveis estro mais forte
Qual nunca á nenhum Vate deo a sorte;
Quer que no mundo só se louve e cante
O famoso Luiz, cujo semblante
Estima sem rebuço a sã virtude,
Quer esteja no nobre, ou quer no rude;
Piza do vicio a sordida garganta,
Para longe daqui o vicio espanta;
E por gloria da gente Americana
Póde ser que ella veja ainda ufana,
Que esta prodiga fonte de si deite
Com copia liberal nectar e leite.

Dice, e lançou-se sobre o mar profundo,
Onde deixou em vortice rotundo
Lambentes ondas de alvejante espuma.
Depois que isto lhe ouvirão, de huma em huma
A fonte do Passeio procurarão,
E de n'ella habitar todas jurarão.
Novas coroas, não de mirtho ou louro,
Mas de flores que dão pomos de ouro,
As Musas Laranjiculas colherão,
Aos Brasileiros Vates prometterão
Influencia benigna, e desprezada
Do sacro Pindo a Delphica morada,
Afagão a Luiz sobre o seo collo
A' quem recebem por seo grande Apollo.

— — — — —
EPISTOLA.

Do mesmo Autor, aos Arcades do Rio de Janeiro.

Socios queridos, que voaes ligeiros
Pelas vastas campinas de Minerva,
Até parar nos Delphicos Outeiros;

A voz de Evandro, que não tem reserva
Guardai constantes dentro em vossos peitos,
Pois que amizade á todos vos conserva.

Elle deseja que sejaes perfeitos,
E nos tempos futuros apontados
Por homens sabios, livres de defeitos.

Não jaz dormindo em leitos torneados
A incançavel sciencia, que se alcança
Com trabalhos continuos e cansados.

Aquelle, que constante mais se cansa,
E a noite toda passa os livros lendo,
Esse tem de saber mais esperanza.

Mas he preciso, que só vá colhendo
Aquillo que bom for, o máo deixando,
E bom criterio na lição fazendo.

Andar obras immensas folheando
Nem gósto, nem aprovo, e só me agrada
Estar hum Sabio Autor sempre trilhando.

Eu sei que o nosso espirito se enfada
De calcar sem mudança huma materia
Tres vezes pelos olhos já passada;

Mas he couza disforme e pouco seria
Confundir as idéas, e volante
N'hum instante passar do Nilo á Hesperia.

Se hum Poema quereis compor brilhante
Lede e reledede aquelle Autor mais puro,
Que seja ao vosso intento só bastante.

Deixai os mais, que lá para o futuro
Servir-vos poderão, porém agora
Que os leaes nem permitto, nem atúro.

Queixas quereis fazer de huma Pastora?
A Theocrito lede, e tendes Maro,
Em quem do campo a simples graça mora.

Se descreveis as furias de hum avaro,
Que brilhantes idéas apresenta
O nosso Venusino, amigo charo?

Quem graça busca, quem clareza intenta,
Em Satyras, Epistolas, ou Ode,
Elle de dal-as a ninguem se izenta.

Heroes famosos decantar bem pode
Quem ler os feitos do piedoso Eneas,
E a quem abraça Homero, Homero acode.

Quem traz metido em sangue amor nas veias,
Quem quer chorar seos funebres pezares
Ovidio lhe dará bellas idéas.

Apollo a taes Varões ergueo altares
Com elles esgotou o seo thesouro,
E seos nomes ergueo até aos ares.

Com prospera alegria e fausto agouro
As Musas sobre as testas lhes puzerão
Coroas enlaçadas de hera, e louros.

Aquelles que estes premios pretenderão,
E ver do Pindo o cume dezejarão,
Por imitar taes Vates só fizeram.

Se o bom Camões com outros alcançarão
Eternisar seos nomes entre a gente,
Sobre os seos passos muito trabalharão.

Pureza, loeução, frase corrente
N'elles beberão; quem os não imita
Viver depois de morto nunca intente.

Não passe dia algum sem que repita
Cinco vezes ou seis estes Authores
Quem quizer de Poeta ter a dita.

Nem vale ornar o assumpto só de flores:
He preciso substancia, succo, e fructo,
Com que se nutrão sempre os bons leitores.

Se o vosso espectador com olho enxuto
Nunca ver pretendeis na triste scena,
Quando de Ignez pintaes tragico o luto:

Se de Andromacha triste a dura pena,
Pela morte de Heitor quereis ao povo
No Theatro mostrar, he couza amena.

Mas este assumpto velho fareis novo,
Lendo a historia primeiro, e bem sabida,
Que a fabula enventeis então aprovo.

E depois d'ella estar bem concebida,
Em vós o inverosimil não domine,
Que a mentira aborrece quando ouvida.

De noite e dia folheai Racine,
Repassai a Voltaire, tão boa escola
O Tragico artefacto vos ensine.

Huma obra má, á todos desconsola,
E sem compor Poemas, hoje quero
Ser pedra de afiar, que o ferro amóla.

A Molicre no comico venero,
Ninguem pinta o ridiculo mais proprio,
E n'esta parte, que o sigaes espero.

Os vicios soube ver com microscopio,
E mostra com fiel galantaria
Como quer o vadio dar hum opio.

Agora, amigos meos, he que eu devia
Dar do Soneto as Leis impertinentes,
Fois quem os faz perfeitos gloria cria.

Elle afflige, e deshonra a muitas gentes
(Mas sendo bom iguala ao bom Poema,)
Inda que tenha versos excellentes.

Quem chegou dos Sonetos ver a extrema
Alfeno foi, e quem seguir seos passos
O agudo dente do mordaz não tema,

Garção, o bom Garção, que sobre os braços
Viveo sempre das Musas recostado
E que de louro lhe poserão laços,

Apenas dous ou tres nos ha deixado,
Que dignos sejam de immortal memoria,
Sem que por isso fique deshonorado.

As Decimas não dão ao Vate gloria;
Labirinthos, Acrostico, Anagramma,
Foi sempre do Parnaso vil escoria,

Em fim, amigos meos, a honrosa fama,
Com a tuba na mão pizando os ares,
Para o Templo do Gosto, só vos chama.

No seo Portico entrai, nos seos altares
Bebei para lição linguagem pura
Para com graça bem vos explicares.

O Congresso dos Sabios não atura
Carunchosa dicção, frases corruptas,
Palavras expressivas só procura.

Não se analysem frivolas disputas,
Em materias serviz nunca fallemos,
Sejão altos assumptos nossas lutas.

De sermos proveitosos só tratemos,
Sejamos aos bons livros applicados,
Se nome e honra acaso pretendemos.

Estes sejam em fim vossos cuidados,
 E seja sempre toda a vossa gloria,
 De ficardes por bons canonizados
 No Santo Templo da feliz memoria.

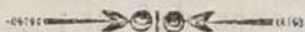


*Ao Senhor Luiz de Vasconcellos, Vice-Rei
 do Rio de Janeiro.*

O D E.

Illustre Souza, que de Reis descendes,
 Tu, que me honras, tu que me defendes,
 Bem conheces no mundo quanto as gentes
 A' projectos se inclinão differentes.
 Huns gostão de cavar nas aureas Minas;
 Com mil escravos montes e campinas,
 Sertões ignotos avidos retalhão,
 Em busca do metal, por que trabalhão.
 Outros forçando em produções o engenho
 Com caduca riqueza em fragil lenho,
 Vão ver as Ursas á pesar de Juno
 Banharem-se nas aguas de Neptuno.
 Gosta o Soldado com a fronte impia
 Ouvir roncãr a rouca arthilheria,
 E oppõe raivoso com horror sanhudo
 Ferro a ferro, elmo á elmo, escudo á escudo,
 Até romper as inimigas linhas.
 O dextro agricultor fabrica as vinhas,
 E gozando do campo o doce abrigo
 Recolhe em seo cello o o loiro trigo.
 Deixa o nauta sem medo a pobre aldeia,
 Dos ventos pluviaes não se receia,
 E depois de sofrer larga tormenta
 Novas viagens com prazer intenta.
 Antes quer suportar a tempestade
 Do que a triste infeliz necessidade.
 Da moça Esposa o caçador se esquece,
 Empinadas montanhas sóbe e desce.
 Aonde com trabalhos excessivos
 Passa em caçar os servos fugitivos.

Tu porém só me julgo venturoso
Quando formo de louro misterioso
Enramadas capéllas para a frente.
He minha inclinação, Senhor, sómente
Entoar o teu nome illustre e amado;
A frescura do Pindo venerado,
As leves danças das gentis Napéas,
Dos Semi capros Faunos as coréas
Do povo me separão. Nem duvida
Aos meos versos Caliope dar vida,
Se do Templo onde estás da honrosa fama
Tu me chamares, e de verde rama
Cingires com piedade a pobre testa
De quem só te cantar jura e protesta.



SONHO.

Pelo mesmo Author.

Sobre os braços do somno recostado
Que objectos me não mostra a phantasia?
Pelos vastos espaços do Universo
Dilato a vista á hum lado, e a outro lado,
Quando da parte Austral vejo hum gigante
Que hum pé tinha na terra, outro nos mares,
Hia a cabeça a se esconder nos ares.

Verdes cabellos de robustos troncos
A frente circulavão bronzeada;
Do collo lhe pendião por ornato
Amphibios Jacarés e Acarapepes;
Cada pulso prendia huma manilha,
Onde o Topazio e os diamantes brilha;

Era rispida a barba, hirsuta, e negra,
Povoada de esqualidas serpentes,
Que em torno do pescoço se euroscavão;
Por cajado na mão tinha hum coqueiro,
Cujá ponta nas nuvens se occultava,
E a base no abismo se interrava.

Longa aljava nos hombros lhe carréga
 De settas emplumadas guarneçada,
 Sustenta a esquerda mão por arco hum tronco
 De pezado madeiro extenso e branco;
 O peito lhe apertava huma Esmeralda
 Com certas Letras de Rubim gravadas,
 Que não pude entender o que diziao,
 Por mais que os meos sentidos applicasse;
 Eu lhe pergunto, e elle a voz erguendo
 D'este modo fallou com som horrendo.

- „ Eu sou o Maranhão soberbo Rio
 „ Que nas minhas entranhas tenho e crio
 „ Immensa copia de metal lozente;
 „ Altivo pizo com terror da gente
 „ Brillhante pedraria, e mais riquezas
 „ Até hoje aos Indigenas defesas;
 „ A' pezar do furor, á que me inclino,
 „ Devo ceder á força do Destino.
 „ Chega o tempo por elle decretado,
 „ Em que manda que eu seja navegado;
 „ Tristão, o bom Tristão, que hoje governa,
 „ Com fama e gloria, que ha de ser eterna,
 „ E cujo nome he este, que não lhas
 „ Traz aos meos Nacionaes ditosos dias.
 „ Elle o primeiro foi, que providente
 „ Fez explorar do meo poder a enchente;
 „ Elle tenta primeiro os meos desertos,
 „ E poz os meos sertões de todo abertos.
 „ Ao novo navegante e viageiro
 „ Não ha de assombrar mais o canoeiro;
 „ Elle desiste da cruenta guerra,
 „ Com que assusta nas aguas e na terra;
 „ E deixando as Pirogas, e as covas,
 „ Tristão sobre a cerviz lhe põe leis novas;
 „ Eu quero obedecer aos seos accenos.
 „ Vós geraes moradores dos terrenos,
 „ Que com meos braços seu terror retalho,
 „ Vinde abraçar o provido trabalho,
 „ Que Tristão vos offerta, e em breves annos
 „ Subjugados tereis os vossos damnos.
 „ Do meo descobrimento expõem a historia,
 „ A'quem de descobrir quizera a gloria

„ Seos designios declara, e patentea
„ [1] A Francisco, a importancia d'esta idéa.
„ Tristão conhece a força e vê a essencia
„ De huma nova e geral correspondencia;
„ Mas antes que o Comercio estabeleça,
„ Como pratico e sabio quer que cresça
„ Huma firme e legal civilidade,
„ Sem a qual não persiste a Sociedade.
„ Só quando este principio se conhece,
„ Se faz indispensavel o interesse.
„ Comunicação-se os Povos mutuamente
„ Pela troca, que fazem differente;
„ As maximas, e as Leis introduzidas
„ Vão pouco a pouco nas Nações vencidas
„ A operação firmando sem excesso,
„ Que facil torna todo o seo progresso.
„ Se povos, que não pensão, nem discorrem
„ Com firme actividade, inda não correm
„ A' buscar as riquezas, que lhe offerto
„ No thesouro, que tem Tristão aberto,
„ Tempo virá que busquem infelizes
„ As ricas produções dos meos paizes,
„ E que fiquem depois involuntarios
„ Da oppressão e miseria tributarios.
„ Systema regular e reflectido
„ Da boca de Tristão eu tenho ouvido
„ E p'ra vosso constante beneficio
„ Sobre solida base ergue o edificio
„ De huma futura e doce Sociedade
„ A industria, a paciencia, a sobriedade
„ A mutua confiança perduravel,
„ São de huma precisão indispensavel
„ A' nascente Colonia, que se fórma:
„ Tristão regra vos dá, preceito, e norma,
„ E sem que mais palavras eu repita,
„ Nos suaves costumes, que exercita,
„ Melhor firmeza e ordem achareis
„ Do que na força e no vigor das Leis. „

Assim o monstro fala meneando
A virente cabeça, e suspirando
O beijo então mordeo, a cara volta,
E de novo esta voz aos ares solta:

[1] D. Francisco de Souza Coutinho.

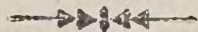
„ Finalmente Tristão quebrou o Imperio
 „ Que tinha o meo poder n'este Emisferio.
 „ De ardentes febres huma audaz cohorte,
 „ Que atacando era certa e prompta a morte,
 „ Para o Averno intrepido desterra:
 „ Com fogos novos purifica a terra,
 „ Alimpa-se a atmosphera, e as malinas
 „ Para longe se vão d'estas campinas.
 „ Benignos ares são substituidos
 „ E alimentos saudaveis produzidos,
 „ Em vez das hervas más e venenosas:
 „ Sibilantes serpentes perigosas
 „ Vão a furia cevar n'outros lugares
 „ Distantes de meo leito, e dos meos ares.
 „ E terão os meos novos navegantes
 „ Outra saude que não tinhão dantes.
 „ Sinto o que posso „... Basta, lhe repito,
 „ Não quero escutar mais as tuas vozes:
 „ Antepões a crueza á humanidade?
 „ Perdoa, me responde, crueldade
 „ Não chames ao que he pura natureza,
 „ Tu louvas de Tristão d'alma a grandeza,
 „ Eu sigo a inclinação, que o Ceo me inspira,
 „ Sem que o louvor denigra com a ira.
 „ Do teu Heroe conheço a illustre alma,
 „ Digno pelo que faz de louro e palma:
 „ Elle, só elle rompe-me as entranhas,
 „ Quer-me abater as lateraes montanhas,
 „ Intenta-me arrancar todo o thesouro;
 „ Como posso occultar a pedra e o oiro,
 „ Se cedo o meo poder á sua força?
 „ Quem ha que o seo mandato evite ou torça?
 „ Quer que os meos hombros com valor suportem
 „ O pezo, que me impoem, e que o transportem
 „ Aos dezejados fins do seo destino:
 „ Quer que me sulque o nauta peregrino
 „ E que tome por fim até ao mar
 „ A volta e direcção que me quer dar.

Em quanto assim commigo conversava,
 Voltei a face, e vi que branquejava
 Hum soberbo edificio, a quem adornão
 Marmoreos balaustres encrustados
 De laminas brilhantes d'oiro e prata;
 Pela elevada porta immenso povo

Alegre ora sahia, ora tornava,
E mutuamente os parabens se dava.

Ao Gigante pergunto o que contemplo,
Quando elle me responde: he este o Templo
Da immortal gratidão; esse congresso,
Que vês sahir, e entrar com tanto excesso,
E que ser povo immenso tu suppunhas,
São os Heroes, que as azuladas cunhas
Ao teu illustre Protector deixarão,
E que tanto com elle melhorarão;
Mutuamente se estão congratulando,
E huns aos outros os parabens se dando,
Por ver que em beneficio dos humanos
Enche Tristão o giro dos seus annos
E que a mão poderosa da alegria
Inda trouxe a Goyaz tão bello dia.

Ouvi á este tempo hum grande viva,
Que nos concavos ares retumbava:
Acórdo, deixo o Templo, e n'hum instante
Vejo em agoa tornado o meo Gigante;
Porém para louvar a Tristão forte
Tomara sonhar sempre d'esta sorte.



ODE ANACREONTICA.

*Composta em Hespanhol por Melendes, e traduzida por
José Eloi Ottoni.*

O' inquieta pombinha,
Tu moves as brancas pennas,
Voando do hombro de Felix
Ao regaço de assucenas.

Se a immensa dita, que gósas,
Eu tambem felis gosára,
Nem fôra tão inquieto
Nem de lugar eu mudára.

Porém do regaço ao seio
Hum vôo sómente eu dera;
Ali descauço encontrára;
Ali meo ninho fizera.



DYTHIRAMBO.

Composto por Bartholomeo Antonio Cordovil.

Nimphas Goyanas,
Nimphas formosas,
De cor de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flores
De varias cores
Hoje enastrai.

Sim, Nimphas, aplaudi tão grande dia:

E tu, doce Lyéo, Pai da alegria

Vem me influir,

Que os annos de Tristão quero aplaudir.

O' lá, traze do Pheno

O suave lizor grato e sereno:

Traze os doirados côpos cristalinos,

Venhão Falernos

Venhão Sabinos

Deita, deita, enche o copo; gró, gró, gró;

Não entornes, espera, que este só

Não he que havemos

Hoje beber;

Mais vinhos temos

Sem confeição

Para brindar

Ao bom Tristão.

Hoje á sua saude

Pretendo de beber mais de hum almude,

Evoé

O' Padre Lenêo

Saboé

Evan Bassarêo.

Nectar suavé, ó quanto me consolas?

De mim se ausentem

Rixas, temores,

Maguas, tristezas,

Penas, e dores.

Venha outro cópo de Bacho espumante

Que ferva no peito

E a mente levante

Nos Lusos Fastos não se leia agora

Dos seos Maiores a brilhante historia:

Com alheias acções não condecóra

A sua alta memoria

O bom Tristão delicias dos humanos.

O curso dos seos annos

Cheios não são d'este furor guerreiro,

Que nos campos de Marte desbarata,

Rende, saqueia, obriga, assola, e mata:

Mas esperem, que escuto!

Vejo os troncos bolir! Ah sim, bem vejo

Os Satyros brincões, Faunos auritos,

Que cheios de dezejo

Soltando aos ares vem ruidosos gritos

Os Capripedes Deoses que dirião?

Se não me engano, em sua companhia

Vem Bistanidas Thacias ululando,

Agitalas da rubida ambrosia,

Em choreas sincinnas volteando

Estas doces cantigas modulando:

Goyanos leuemos

Tristão immortal,

Bebamos, dausemos,

Ausente-se o mal.

E os doces licores

Do bom Nictelêo

Em taças se entornem

De claro cristal.

Evoé

O' Padre Lenéo

Saboé

Evan Bassarêo.

Pois já que Tristão

De paz nos encheo,

Gostosos bebamos

O sumo de Orêo.

(,) Traze, traze depressa o Peramanca;
Empine-se a botelha toda inteira.

Mas que chamma ligeira
Ao modo de huma tropa

Felas tumidas veias me galopa?
Hes tu, Bromio gostoso. Eu bem te entendo.

Ecbamos mais aquelle, que das Ilhas
Me mandarão de mimo

Do Profundo Oceano as verdes filhas.

No Licor forte o coração me nada,

Bacho, Bacho, evoé;

O que terei nos pés? Eu cambaleio?

Cahindo estou de somno;

Depois que esvasiei quatro botelhas

Rubidas tenho e quentes as orelhas,

O nariz frio, os braços estendidos,

Parece-me que gyra a casa toda.

Já não posso suster-me; nos ouvidos

Sinto hum leve susurro:

O corpo tremilhica, o chão me falta,

E julgo que esta casa está mais alta.

Como o teo elixir

Tão depressa, ó Lenêo, me faz dormir?

Agora que eu queria

Cantar do Bom Tristão

O seo candido genio,

O terno coração,

A presaga prudencia,

A profunda modestia,

A serena clemencia,

A justa temperança,

Agora he que me fazes tal mudança?

Evoé

O' Padre Lenêo

Saboé

Evan Bassarêo

Venha hum copo, dous copos, tres copos,

Retinem nos ares

Mil brindes contentes,

E os povos ardentes

De summa alegria,

Nas aras do gosto

Com fervido mósto

Tantoem gososos
Sem mais dilação
Os annos ditosos,
Do terno Tristão.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes

O povo todo louve,

O Neiva lhe dará muitos almudes

Deste espirito rubro,

Que colhe no moinho,

Que os pezares desvia,

Que o somno concilia,

Que alegra a mocidade

Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.



ODE.

*A' Affonço de Albuquerque, por Domingos Vidal
de Barboza.*

Onde, Musa, me levas inflammado,

Onde me guia teo furor Divino!

Em transportes de gosto arrebatado

A curva Lyra affino.

D' Africa vejo os asperos lugares

Vejo rasgados nunca vistos mares

Ondeando as Reaes altas Bandeiras
Vê o assustado Ganges ; treme a terra
Ao rouco som das tubas pregoeiras
Da turbulenta guerra.
Eis que medroso ouvindo o Oriente,
Treme de susto o Samorim potente.

Em denso fumo envolto, ardendo em ira
Vomita o bronze a sibilante bala,
O triste horror por toda a parte gyra ;
Altos muros escála
O invicto Affonso, e os Nairos belizosos
Do largo ferro fogem temerosos.

Partida a longa barba retorcida
Sobre o espaçoso peito cabeludo
Lhe ondêa com a vista enfurecida.
Erguendo o largo escudo,
No punho aperta a rutilante espada
Asia, já mostra a face ensanguentada.

Entre os espessos barbaros alfanjes
Vejo arrancar os loiros vencedores ;
Fogem cortadas, timidas falanges
Dentre mortaes clamores,
Do guerreiro Albuquerque o nome e a gloria
Vejo subir ao Templo da Memoria.

Volta a grande Orfação o rosto iralo,
A guerreira Cidade vejo afflicta
Cahir sobre o seo sangue derramado,
Domada a furia invicta,
Aos pés do vencedor obediente
O colo offerece á aspera corrente.

Mostra a terra nas costas fumegantes
Boiando em sangue corpos azulados,
Pernas e braços inda palpitantes
E os mares descolorados.
Guerra, guerra já oiço em toda a parte
Brandindo irado o Lusitano Marte.

A tragadora chamma crepitante
Sobre as azas do fumo suspendida
Sobe á lambear os ares vacillante;
Mascate enfraquecida
Sentindo de Vulcano o duro effeito,
Volve no immundo pó o afflicto peito.

Já triste sobre as cinzas asen'ada
No meio dos temores e agonias,
Co' a fria mão na face ensangentada;
Chora os passados dias,
Ouvindo entre o rancor o medo e o susto
Do guerreiro Albuquerque o nome augusto.

O Rio Ganges forte e celebrado,
Detem hum pouco a tumida corrente,
Eu o vejo entre susto descolorado
Chegar obediente
Com vacillantes passos duvidoso
A vencedora mão beijar medroso.

A decantada Ormuz sempre guerreira
Gôa, Pangim, Malaca bellicosa,
Turbadas cedem pela vez primeira
A' espada furiosa;
E sobre seos estragos e ruínas
Tremular vejo as vencedoras Quinas.

O' guerreiro Albuquerque, a vossa historia
Por mais que corra a tragadora idade,
D' Africa horror, de Lusitania gloria,
Vive na eternidade,
E o vosso nome no sagrado Templo
Aos futuros Heroes sirva de exemplo.

Deo sinal a trombeta Castellhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso;
Ouvio-o o monte Artabro e o Guadianna
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio o Doiro e a terra Trastagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso,
E as Mães, que o som terrivel escutarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.

Cam. Lus. C. 4.

G L O Z A.

Por José Eloi Otoni, applicada aos felices successos da Península no anno de 1808.

I.

Dos Sceptros, que arrancou, rivaes de Roma
A infame, a prostituta, ergueo-se altares,
O Dragão do Oriente ao rito assoma,
De veneno e de horror salpica os ares.
O coló-so se ergueo, mortal symptoma
Unio virtude ao continente, e aos mares,
E ao rebombo da gloria Lusitana
Deo sinal a trombeta Castellhana.

2.

Se guerreira, ou cruel, a Hespanha hum dia
Deo leis ao mundo inteiro, a Hespanha agora
Pune o roubo, a traição, a aleivozia,
Rebate ao monstro a furia usurpadora:
Das cavernas e tumulos se erguia,
Clarão nocturno, que brilhava outr'ora!
No Pantheon se ouviu écco ruidoso,
Horrendo, féro, ingente, e temeroso.

3.

De Provincia em Provincia o raio acceso
Vinga o damno, a perfidia, o dolo, o estrago,
Da Hespanha o odio, que transcende illeso
Te avisa, Infame, a sorte de Carthago;
Não manxa a gloria de hum solar defeso
Perjurio antigo na apparencia afago:
Retumba o Ebro,.. e a voz da Iberia ufana
Ouvio o monte Artabro e Guadiana.

4.

O Algarve sacudindo o arnez e a malha
Que a mão da morte enxovalhados tinha,
Enruga a testa, os esquadros retalha,
Entoa o nome da immortal Rainha.
Rebomba ao Norte a guerra! hum Genio atalha
O golpe, que o furor desembainha,
Neptuno vendo em furia o Tejo iroso,
Atraz tornou as ondas de medroso.

5.

Lisia a fronte gentil ergueo vaidosa,
O Pae, os filhos de prazer chorando
Virão como em fugida vergonhosa
As Aguias sobre o Tejo esvoaçando;
Sem honra escapa a gente bellicosa,
Os meninos e os velhos esmagando;
A carnagem feroz e deshumana
Cuvio o Douro e a terra Trastagana.

6.

Ne ardor de illustre e fervido combate
Marulha o Tejo, o Mançanares brame,
Remonta o vôo, que sem pejo abate,
D'ingenuas aguias o brioso enxame:
Libitina cruel, raivosa Hecate
Os loiros murchão da victoria infame:
A instavel urna contemplando ancioso,
Correo ao mar o Tejo duvidoso.

7.

Anjo terrivel desfechando a espada,
De novo ensópa em amargura o Douro;
Descobre a mão depois de ensanguentada,
Do riso inerme o placido thesouro.
Reçuma de prazer do Rio a entrada,
A fronte cingem de Oliveira e Louro
Os Paes, que em pranto os filhos abraçarão,
E as Mães, que o som terrivel escutarão.

8.

O raio d'Albion nas grutas sôa;
Retumba o ferro nas Lipareas Ilhas,
O cujo Bronte arregaçado atrôa,
Batendo notas da cadencia filhas.
Predice o fado a gloria de Lisboa:
E os Heroes de tão altas maravilhas,
Depois que em nobre ardor as Mães beijarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.



ODE.

Do AUTOR ANONIMO.

Move incessante as azas incansaveis
O tempo fugitivo,
Atraz não volta, e aquelle que aos amaveis
Prazeres se não dá, sem lenitivos
Depois amargamente
Chora o bem, que perdeu, e o mal que sente.
Voa de flor em flor na Primavera
A abelha cuidadosa;
Fabrica o doce mel, a branda cera,
Da suave estação os mimos gosa,
Antes que o seco Estio
Abraze o verde campo, e sorva o rio.
Dos feixados garneis das loiras eiras
As providas formigas
Vão levando em sollicitas fileiras
O loiro trigo, e formão com fadigas
Subterraneo celeiro,
Antes que as prive o frigido Janeiro.
Em tudo nos descobre a Natureza,
O' Marilia formosa,
Que he preciso do tempo a ligeireza
Fazel-a ao nosso gosto proveitosa,
Para o prazer nascemos,
Em prazeres o tempo aproveitemos.
A' fera, inda a mais fera, entre os rochedos
Da fragosa montanha,
E ás aves nos copados arvoredos
A paixão não lhe he de amor estranha:
Em doce companhia
Passão o tempo sem perder hum dia.
As ternas pombas, em que amor pintando
Está perfeitamente,
Ora beijando-se estão, ora catando-se,
Ora entregues ao seo dezejo ardente
Fazem . . . mas quem ignora?
O que Amor fazer manda quem se adora.

Vê que nos ternos brincos d'estas aves
Te deo, Marilia bella,
De amoroso prazer lições suaves
A branda Humanidade: Amor he aquella
Paixão, que ella mais preza.
Quem não ama desmente a Natureza.
Tu sabes, ó Marilia, que eu te amo,
Que vives no meo peito,
Que he teu nome o nome por quem chamo,
Tu só por quem á Amor vivo sujeito;
Vem unir-te com migo,
Faremos ao Amor hum doce abrigo.
Vem, que elle aqui te espera, aqui o temos,
Aqui entre os meos braços:
Olha que o tempo foge, e não podemos
O seo curso deter; vem, move os passos,
E aqui em prazer grato
Das pombinhas seremos o retrato.



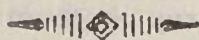
SONETO.

NAS loiras tranças da gentil Tircéa
Os amores por gosto se prenderão
E em seos formosos olhos se esconderão
As trez Graças e a mesma Citheréa.

O terno pejo as faces lhe rodêa,
E as cores, com que as pinta, se escolherão
No seio da ternura, já cederão
Vulcano e Marte á chama que ella atêa.

Dos rubros labios pende a formosura,
E estendendo o seo braço delicado,
O collo lhe formou de neve pura,

Este lindo semblante, o Deos vendado
Beja mil vezes, e com elle jura
Ter dos Ceos e da terra triumphado.



O CARNAVAL.

Por João Pereira da Silva.

JA sobre as azas do voluvel Tempo
 O gordo Carnaval se apressa, e corre:
 A roliça cerviz, o enorme ventre,
 Macissas carnes, torneadas roscas
 Fazem que o velho encanecido gema:
 A seo lado a Folia desgrenhada,
 Chum tenue véo cobrindo as partes, onde
 Amor as chammas do Dezejo accende,
 Co' os Prazeres se abraça ternamente:
 Andão em torno os Risos voltejando,
 Ora a boca, ora as faces lhe beijando.

Ali já se prepara o fresco Entrudo:
 Derrete os favos do sagaz insecto,
 E breves glóbos cheios d'agoa fóрма,
 Para orvalhar a Deosa dos Amores.
 Noutro lugar os Satyros applica
 A triturar o talco reluzente,
 E a loura espiga da formosa Ceres.
 Pequenas bombas manuaes fabricão
 Da ferrea folha, que enriquece a Flandres,
 E ás ócas canas calculando ajustão
 De umida argilla as pegasojas ballas:
 Os Enganos se próvem destramente
 De obscenas pulhas, de irritantes peças,
 Manchando as roupas da fiel verdade,
 Com que vão revestidos, mascarados
 Encher de enojo os Simples descuidados.

A devorante Gula se arregaça,
 E em brando silex amolando a fauce,
 A donzella novilha, o gordo pato,
 O Cordeiro de mama, o porco imundo,
 Sobre os lares degola, consagrando
 A bruta offrenda á intemperauça bruta;

O moço Deos, de duas mães nascido,
 Da terrestre ambrosia as pipas abre:
 Concavos tarros os pastores enchem,
 E os refulgentes copos levantando,
 Se vão em gratas libações saudando.

Eu penso ver os Baccanaes antigos
 Nos seculos Christãos resuscitados:
 Furiosas Baccantes transportadas
 Se croavão de pampanos viçosos,
 Soltas as tranças, os vestidos soltos,
 Altas as mãos, os thyrsos meneando,
 — Evoé, evoé — Os ares dizem,
 Trazendo os éccos de ululantes gritos;
 Outras a branca espadua *guarnecendo*
 Com toscas pelles de manchados Tigres,
 Entre sonoros Cymbalos saltando,
 Com torpes momos, com lascivos gestos,
 Imitando as Selvaticas Napéas
 C' os pés ordenão desiguaes coréas.
 Rugosa mão de tremula Canidia,
 O melifluo bollo repartindo,
 Com mil desconcertados movimentos,
 Os bocados offrece a cada instante
 Ao nescio, estupefacto circunstante.

Bem depressa a luxuria consagrada
 Degenerou em sordida lascivia.
 Este mostro, quebrando o doce freio,
 Com que o doma a pudica Natureza,
 Os torpes membros sem pudor descobre
 Ao incendio voraz, voluptuoso,
 Que o almo licor nos corações ateia,
 Sem que aos olhos do Ceo, e gente os cubra
 Outro manto, que o véo da clara noite.

Assim o pai dos tres irmãos contrarios
 Cheio do mesmo sumo, que espremera
 Acaso hum dia dos maduros cachos,
 Jazia á luz do mundo descomposto;
 E em quanto a impudicicia o riso sólta;
 A modestia co' a mão os olhos tapa,
 E tinta em rubra cor lhe lança a capa.
 Assim do mesmo sumo embriagado,
 Teve outro pai as filhas por espozas;
 Cujos filhos, da mãe irmãos, sobrinhos
 Forão, sendo do pai filhos, e netos.
 Quem póde crer tão barbaros projectos!

Mas em vão, (1) ó Posthumio, e tu Philippo,
 Pezando na balança da Justiça
 Estes costumes vis, os ameaças
 C'o a dura espada de terriveis penas.
 As vossas Leis, e o vosso mesmo imperio
 Cahio. Qual rocha sobre o mar pendente,
 Que, pela mão do Tempo compellida,
 As ondas fere, erguendo as espadanas;
 Mas sempre ficão sobre o mar boiantes
 Os verdes troncos, que plantados nella
 Desracinados são no precipicio:
 Assim vossas virtudes, vossas forças
 Perderão seos direitos, seos officios,
 E só nos restão vossos mesmos vicios.

Eu vejo ainda nas funcções sagradas
 Ter a Dissolução ampla licença
 Para nutrir no seo nefando seio
 Os torpes filhos, que pario do luxo:
 Vejo dos proprios templos amparar-se,
 Para exercer seos sordidos costumes,
 E ante (2) os mesmos altares, ante os pios,
 Puros retratos do Autor da vida,
 Formar concertos de immodestas danças.
 Ao som de impuras cytharas chulantes.
 Que mais podem fazer ébrias Baccantes?

Vejo na Caballina das Sciencias,
 Cujas sonoras agoas transbordando
 Do mundo os quatro membros fertilisão,
 Voltar Minerva envergonhada o rosto,
 Vendo a muitos dos seos espurios filhos
 Nus, c'o as bellas Mondegides despidas,
 Só c'hum breve sendal salvando o pejo,
 E em ordenada Procissão devota, (3)
 Que vai guiando a horrenda Hypocrisia,
 E o cercilhado Fanatismo estulto,
 A luxuria levar ao Santuario:
 Por menor crime delle expulsas forão
 De hum Divinal flagello e golpes rijos,

(1) Dous Consules Romanos, que prohibirão os Bac-
 canaes com grandes penas.

(2) Os bailes de S. Gonçalo em S. Domingos em
 Lisboa.

(3) A Procissão dos Nus em Coimbra.

N'outro tempo a cubiça, e avareza,
Ali tendo em symetricas fileiras
Postado as tendas de usurarias feiras.

Vejo, em fim, que no tempo destinado (4)
Para alimpar a estrada á Penitencia,
A mascara de todo os vicios tirão,
E sem disfarce pelas ruas andão
Acometendo á misera Pobresa,
Que, debaixo de hum manto esfarrapado,
Talvez mendiga o pão, que a Gulla entorna
Pelas bordadas, guarnecidas mezas
Da fina louça, que o Japão fabrica.

Mas que aproveita estar vociferando
De antigos erros aos ouvidos surdos?
Nós vemos hoje o que já outros virão;
E não poderão da razão armados
Do louro trigo separar a ervinha,
E os rudes cardos das mimosas flores.

Qual vil sendeiro, que na estrada embica,
Nem da aguda rozeta em sangue tinta,
Nem alanhando-o c'o azurrague forte
Calosa mão de barbaro Lacaio,
Adianta hum só passo do caminho:
Ou qual tortuoso rio encabeçado
Não perde o leito, em que se acama hum tempo,
Por mais que o lavrador por novas vallas
Divertil-o pertenda, e encaminhal-o,
Por onde não destrua as sementeiras:
Taes são dos homens os teimosos usos,
Que o Sabio observa como vãos abusos,
E delles arrancar debalde intenta.

Deixemos pois a sêpa; que já torta
Brotou do fertil chão da Natureza:
Querer torcel-a para indireital-a,
Será só de a quebrar talvez o meio:
Consiste o seo direito na tortura.
Tal he do mundo a nescia formozura!

(4) O Jubileo das 40 horas.

SONETO.

*AO CASAMENTO DO TENENTE CORONEL FRANCISCO
DE PAULA FREIRE DE ANDRADA,
EM MINAS GERAES.*

PEITOS, que amor da Patria predomina,
Vede o Consorcio, que a virtude traça;
Não he de Chipre na festosa praça,
Que o nobre Andrada á Isabel se inclina.

Abençoã do alto a mão Divina
O nó sagrado, que apertou a Graça;
E a mesma innocencia, que os enlaça,
Feliz prosteridade lhes destina.

Risonhos amorinhos de Cythera,
Fugi deste logar aos Ceos acceto,
Que aqui nem Venus, nem Cupido impera.

Genios Celestiaes, cercai-lhe o leito:
Do puro fogo da sublime Esphera,
Desçã as chammãs á inflammar-lhe o peito.

Por J. B. da Gama.

SONETO.

AO INCA, QUE NO PERU, ARMANDO ALGUMAS TRIBUS, DECLAROU GUERRA AOS HESPAÑOES, E POR ALGUM TEMPO OS DEBELLOU.

DOS curvos arcos açoitando os ares
Vôa a setta veloz do Índio adusto;
O horror, a confusão, o espanto, o susto,
Passão da terra, e vão gelar os mares.

Ferindo a vista os tremulos cocares,
Animoso esquadrão de Chefe Augusto,
Rompe as cadêas do Hespanhol injusto
E tórna á vindicar os patrios lares.

Inca valente, generoso Indiano!
Ao Real sangue, que te alenta as véas,
Une a memoria do paterno damno.

Honra as cinzas de dor, de injurias cheias,
Qu' inda fumando a morte, o roubo, o engano
Clamão vingança as tepidas arêas.

Por J. B. da Gama.

PARNAZO BRASILEIRO,

OU

COLLECCÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

=====
CADERNO 2.°
=====



~~~~~  
**RIO DE JANEIRO.**

**NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.**

**1830.**

ESTADO LIBRE ASSOCIADO

GOBIERNO DE LAS ISLAS FILIPINAS

SECRETARIA DE INTERIORES

OFICINA CENTRAL DE IMPRESION

MANILA


1900



NA TIPOGRAFIA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO

1900





## INTRODUCCÃO.

**A** Nação Brasileira, que nestes derradeiros tempos se tem feito conhecer, e devidamente apreciar no meio do Mundo civilisado por seos nobres sentimentos patrioticos, com os quaes soube vindicar a sua Independencia e Liberdade, depois de mais de trezentos annos de oppressiva tutela; carecia ainda de fazer patente ao Mundo illustrado o quanto ella tem sido bafejada, e favorecida das Musas, particularmente daquellas que, empregando a linguagem das paixões e da imaginação animada, offerecem á admiração das eras exactos modelos do mais delicado engenho, e apurado gosto. Verdade he que sobejos monumentos de Divina Poesia muito ha adornavão os seos Fastos Litterarios, com os quaes podia correr a par das Nações mais bem aquinhoadas neste genero de gloria; porém que montava nadasse ella em tantas e tão puras riquezas de amena Litteratura, se as muito bem acabadas produções dos seos melhores Engenhos jazião nas trevas do esquecimento, já por existirem ineditas em mãos avaras ou incuriosas, já por havem sido dadas á estampa confusa, e destacadamente em collecções, á que nem sempre presidio o bom gosto? Os mesmos nomes dos mais abalisados Authores de suas composições Poeticas, dignas de cedro e bronze, andavão até trocados; e muitas del-



las havia, e não das menos distinctas, que corrião anonimas, por se ignorar completamente quem fossem os seus verdadeiros Escriptores: em huma palavra, o Brasil gozando a dita de ter visto nascer no seu Solo Poetas Illustrés, que os mais bellos tempos da Grecia e do Lacio se não dedignarião de contar por seus Poetas, aos quaes exactamente compete o *mens divinior*, adque os *magna sonaturum* do grande Lyrico Romano; tal vez porque no meio das suas desaventuras nunca teve ocio sobejo para lhes levantar padrões, que os tirasse do pó do esquecimento, não podia ostentar-se entre as Nações cultas tão fecundo e rico em thesouros de Nobre Poesia, quanto em realidade delles se achava abastado.

Agora porém que o Brasil, felizmente desassombrado da oppressão antiga, e tão duradoira; agora, que occupando hum lugar distincto na cathegoria dos povos livres, lhe he já permitido, á sombra de hum Governo verdadeiramente paternal, o dar-se em desafogo á altura de todo o genero de uteis applicações; fôra sem duvida hum descuido imperdoavel o não fazer resurgir a sua esmorecida Litteratura, appresentando na frente della as excellentes Composições Poeticas dos seus mais Illustrés Engenhos. E quem não vê, que o conhecimento do patrimonio opulento, deixado como herança á mocidade futura por seus tão gloriosos antepassados, deverá necessariamente despertar de novo as sementes do bom e apurado gosto na geração presente, e na que está para vir? Sim, e eu o tenho por sem duvida, os Jovens meos patricios, lendo e estudando os perfei-



tos exemplares de animada Poesia dos seos claros Maiores, que nesta Collecção lhes hirei apresentando, certo se hirão tambem mais e mais adestrando neste genero de amenas composições, e chegarão por ventura a dar á Patria copias fieis de tão bem acabados modelos.

Pela minha parte, no desempenho da ardua tarefa, que tomei á peito, fazendo indubitavelmente hum serviço relevante á gloria Litteraria do meo ninho paterno, contentar-me-hei delle em recompensa com haver concorrido para acordar o louvor dos Beneritos passados, e para estimular á sua imitação, assim a presente, como as gerações futuras.

Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha Patria amei, e a minha gente.  
(Ferreira.)

*O Conego Januario da Cunha Barboza.*

tas exemplares de acañada Tosta dos seus  
elares Miores, que nestas Colheitas de 1865  
se apresentando, certo se tinha tambem nestas  
e mais abstrahido neste genero de acañadas  
compositas e chegado por ventura a dar  
a Patis copias de se em bem acabadas  
marchas.

Esta minha parte, no descomponho da  
antes todas, que tomel a parte, fazendo  
indistinctamente para ser o relevado a glo-  
ria da Patis do meu amigo paterno, e con-  
tinuando de se em recondigao com haver  
essendo para verter o favor das libe-  
rtaes passadas, e para extimar a sua  
imitação, assim a presente, como as por-  
tas futuras.

Da deus gloria se por contenta,  
Que a minha Patis amei, e a minha parte,  
(Mascara)

O Conego Amatorio da Uniao Barbata.



---

A DECLAMAÇÃO TRAGICA  
POEMA

DEDICADO

A'S BELLAS ARTES.

.....Theatris  
Fundamenta locat, scenis decora alia futuris.

*Virg. Æneid.*

*Composto por José Bazilio da Gama.*  
ANNO DE 1772.

---

**T**U, qu' os costumes nossos melhor que ninguém pintas,  
Ensina-me o segredo, com que dás alma ás tintas.  
Em; resta-me as imagens, a quem dão vida as cores,  
Quadros, que a tua mão quiz semear de flores.  
Tu nos deixaste as leis dos numeros diversos,  
*Despreaux*, eu canto a Arte de recitar os versos.

A Dama, qu' em teos muros, magnifica Lisboa,  
Espera ornar a frente co' a tragica coroa,  
Se quer qu' em seos louvores o povo se disvéle  
Estude o que he Theatro, antes de dar-se á elle.  
Aprenda a magoar os insensiveis peitos,  
E saiba da sua arte as regras e os preceitos.  
Deve pensar, sentir, ou a balança justa  
Do povo ha d'ensinar-lho hum dia á sua custa.  
A Corte lhe promette conquistas de mil almas,  
E para a nobre testa pronta lhe offrece as palmas.  
Do publico o bom gosto segura-lhe a victoria,  
E abre-lhe hum caminho mais facil para a gloria.  
Lê nos turbados olhos do seo triumpho effeitos  
Tem no Theatro hum Throno, reina nos nossos peitos.

\*

Vós, que buscaes a gloria, não procureis atalhos,  
 O placido descanso he filho de trabalhos;  
 Pizai o ocio vil, que flores tem por leito,  
 Exercitai a voz, e cultivai o peito.  
 Lede no coração, sondaí a natureza,  
 Sabei as doces frases da Lingua Portugueza.  
 Luzir não póde a Dama, que a sua Lingua ignora,  
 A' pezar dos thesoiros, que espalha quem a adóra.  
 O povo assim que a vê começa a assobiar:  
 Para fallar em verso, convem saber fallar.

Julgai á sangue frio, e examinai por gosto  
 Que paixões, que character exprime o vosso rosto.  
 N'elle hão de respirar as iras, o furor,  
 E por seo turno a raiva, o odio, a ambição, o amor.  
 Talvez á enternecer-nos vosso dezejo aspira?  
 Fazei com esses olhos, qu' eu na feliz *Zaira*  
 Veja a cruel batalha de hum peito generoso,  
 Que perde as esperanças de vir a ser ditoso:  
 Quando banhando as mãos do Pae, á quem adóra  
 Prefere ao seo amante hum Deos, que ainda ignora.

Nos papeis furiosos quereis levar a palma?  
 Pinte o terror dos olhos toda a desordem d'alma:  
 Seja funesta a voz, horrendo e incerto o passo:  
 De vosso rosto o povo leia no breve espaço  
 Projectos horrorosos, que fórma hu' alma impia;  
 E apenas vós sahis, em vós veja *Atalia*  
 Que sobre si já sente a mão, que chóve os raios  
 Cercada de remórsos entre cruéis desmaios.  
 Uni, se he que quereis arrebatat-nos fogo,  
 A' hum medonho aspecto, hum coração de fogo.  
 O publico, embebido co' a tragica grandeza,  
 Olha p'ra o vosso estado, não olha p'ra belleza.

Estatuas, sobre tudo, Melpomene aborrece,  
 Em cujos frios rostos paixão não apparece.  
 Cheias d' affectação seos insensiveis peitos  
 Com arte dão suspiros, echorando fazem geitos.  
 A Dama presnvida, estuda o dia inteiro  
 Hum brando mover d' olhos ao vidro lizongeiro.  
 Vai hum por hum dispondo, por symetria, os passos,  
 E aplaude ao movimento dos vagaresos braços.  
 Do vidro, que t' engana, não sigas o conselho,  
 Busca, que dentro d'alma, tens o melhor espelho.  
 Defronte dos eristaes, que adulão a vaidade,  
 Não, a razão não julga: quem julga he a vontade.



Porque feições alheas, por obra do arteficio,  
 Vos formão da belleza o magico edificio;  
 Co' a roupa fluctuante azul, e cor de rosa,  
 Cuidaes que fingis Venus, ou Pallas magestosa?  
 Não vedes que a soberba vos allucina e cega?  
 Voss' alma por ventura toda jamais se entrega?  
 Os vossos olhos mortos nunca dixerão nada?  
 Moveis-me ao pranto ainda de lagrimas banhada?  
 Mas vós continuaes com hum doce sorrizo!  
 Assim assim na fonte se contemplou *Narcizo*.

Dentro do vosso peito he que podeis achar  
 A arte d' internecer, e o modo de agradar.

Depois de hum longo estudo de hum dia e de outro dia,  
 Sahi, o vosso genio vos servirá de guia.  
 Já o casquilho louco, que he de si mesmo amante,  
 Chega, desaparece, torna no mesmo instante;  
 Inficionando o ar co' almiscar, qu' em si deita,  
 O serio Magistrado s' inteza e s' indireita.  
 O grosso negociante, que o ler tem por desdoiro,  
 Todos os desejos comprando á pezo d' oiro.  
 Pende de vossa boca no curvo amphiteatro:  
 Fica a platea attenta co' os olhos no theatro,  
 Por vós he que s' espera: está tudo em segredo;  
 Olhai p'ra a multidão sem enfiar de medo.

Mas nunca os vossos olhos doces e encantadores  
 Pareção que mendigão do publico os louvores.  
 Desdenha esse arteficio o publico arrogante,  
 Zomba da namorada, honra a representante.

Entrando, o vosso andar simples e magestoso,  
 Offreça aos nossos olhos hum ar imperioso.  
 Conforme a agitação seja tambem diverso:  
 Rapido ou vagaroso, como o pedir o verso.

Que sem affectação na encantadora sala,  
 Imitem as acções tudo o que a lingua falla.  
 Cuidai em reprimir-lhe o excesso tão sómente,  
 Que sirvão as paixões de interprete eloquente.  
 Não posso ver as mãos, que do seo sitio sahem,  
 Erguem-se por engonços, e por engonços cahem,  
 Por isso as Scenas mudas querem estudo á parte

.....  
 Então he que o talento chêga á maior altura,  
 A gloria das acções he toda da figura.

As vossas narrações mostrem o interno fogo,  
 O publico impaciente quer tudo saber logo.



Perca-se embora o verso, mas vagaroso e lento  
Da tímida Platea não cause o soffrimento.

Quem quer que hum doce engano cause o maior deleite,  
Ao severo — Costume — convem que se sujeite.  
Rio-me da figura, qu' indigna do seo posto,  
Sacóde o jugo, e traja, como lhe pede o gosto,  
E que he tão atrevida, que por empreza toma  
Varrer com hum — donaire — o pó d'antiga Roma.

Fóra do seo lugar não affecteis riqueza :  
Olhai para o papel, seguí a natureza.

Representaes *Electra* nos criminosos Lares?  
Lembraí-vos que he cativa, que vive entre pezares.  
Não brilhe a sua testa, não resplandeça o manto,  
Não soffre alegres cores rosto, que offusca o pranto.  
O povo que vos julga, e que examina os erros,  
Não quer de vós rubins, quer tão sómente ferros.

Abri a antiga historia, alli vereis dispersas  
Pelos diversos Climas trinta Nações diversas.  
Examinaí-lhe os gostos, a inclinação, os Numes,  
Quaes são seos vestidos, as artes, e os costumes.  
A Fabula engenhosa, que uteis enganos tece,  
Todos os seos thesciros liberalmente offrece.  
Ali he que a Verdade, que ornatos vãos repróva  
Sendo no fundo a mesma, sempre parece nova.

Aqui encontraes *Dido*, que á pena não resiste ;  
Seo rosto descorado sobre huma nuvem triste.  
Forceja o rôto peito luctando com a morte :  
Levanta-se trez vezes, e cahe da mesma sórte.  
Seos olhos, que expirando guardão de Amor a chamma,  
Parece qu'inda pedem aos Ceos o Heroe qu'ell'ama,  
Chóra de dor e d'ira : só com suspiros falla,  
Procura a luz do dia : geme depois de achal-a.

*Niobe* mais alem, mulher soberba e ousada,  
A Mãi mais atrevida, e a Mãi mais desgraçada,  
Os filhos huns sobr'outros, os filhos seos amados,  
Que vista dolorosa ! de settas traspassados,  
A' força de sentir, parece que não sente,  
O rosto descahido, olhando fixamente,  
Muda ficou ; as magoas n'ella poderão tanto,  
Que se secou nos olhos a fonte do seo pranto,  
A'quelle seo silencio nenhuma voz iguala,  
A voz da natureza no seo silencio falla.

Quereis que hum Rainha, que tem com sigo guerra,  
Que traz no rosto os crimes, que vê rasgar-se a terra,



Que a roupa e todo chão vê do seo sangue asperso,  
No ultimo suspiro dê a pancada ao verso?

Quereis que huma Donzella, que creio em fé perjura  
Afflicta abandonada no horror da noite escura,  
Gritando se resolva ao temerario effeito,  
Que se lembre da Arte, quando traspassa o peito?

Rainha, que o Theatro por breve tempo adóra,  
Esse orgulhoso fasto não conserveis cá fora.  
Deixai na Scena o Sceptro, a raça illustre e nobre,  
E a pompa, que a meos olhos vos rouba e vos encobre,

Tirou, dentre ruinas, *Ferreira* á *Apollo* acceito  
A pallida Tragedia, com hum punhal no peito.  
Os velhos seos altares, junto do Tejo erguidos,  
Cobrio arêa e herva. Ainda mal cingidos  
(Seculos infelices, e tanto em fim podestes?)  
Murchãrão sobre a frente os funebres ciprestes.

Appareceo C\*\*\*, a voz, que move e encanta,  
O corpo sobre o braço *Melpomene* levanta,  
A ignorancia, a inveja, chorem de dor e d'ira;  
He ella, eu ouço, eu vejo a timida *Palmira*,  
Que aos pés do velho Pae, inda constante e forte,  
De hum crime involuntario pede em castigo a morte.  
Ah! Quando ao ver o Irmão nos ultimos desmaios,  
Lança do peito fogo, lança dos olhos raios,  
O' alma grande e rara, eu mesmo, eu mesmo o vi,  
O Genio de *Voltaire* erra ao redor de ti.

Mas eu dou-vos lições inuteis, e infieis,  
E a minha Musa irada arroja os seos pinceis;  
Se elles vos-não infundem soberba, que se estima,  
Soberba creadora, fogo que nos-anima,  
Não, não temais a afronta de publico insolente,  
Abrio, abrio os olhos a Lusitana gente.  
Se já vos-chamou vis, chóra de tel-o feito;  
Não, não despreza as artes, que adora no seo peito.

Eu sei que hum Sabio illustre, a quem venera a Fama,  
Hum que aborrece o mundo, e o mundo todo ama,  
Do seo retiro aonde móra a verdade nua,  
Troveja sobre vós com a eloquencia sua:  
E no seo ocio triste, cercado de desgostos  
Quiz corromper com fel todos os nossos gostos.  
Eu tremo, e a minha Musa por mais que se disvele  
Respeita este *Demosthenes*, inda queixosa d'elle.  
Mas contra as suas iras vos-devo consolar;  
Hum Sabio em fim he homem, podia se enganar.

Se elle de todo o mundo forma huma imagem feia,  
Nós porque não faremos huma formosa idea?

Dos credulos humanos, Censores rigorosos  
Para que he ter inveja do que nos faz ditosos?  
Deixai-nos esta ao menos fantastica belleza:  
Hum engenhoso engano adorna a natureza.  
Roubar-nos dos talentos os dons encantadores,  
He despojar a terra de fructos e de flores.  
Sabei pois rechassar seos frivolos intentos:  
Lá vão os seos queixumes levados pelos ventos.  
Elle assim mesmo austero, bem pode ser vencido;  
Fazei-vos estimar, e tendes respondido.

Lá n'huma região á nós desconhecida,  
Sobre huma nuvem alta de purpura vestida  
Levanta aos Ceos hum Templo a soberba faxada.  
Com temerosa mão prohibe o genio a entrada  
A' criticos pedantes, estupidos Autores,  
Que em vão forçar pretendem do seculo os louvores.  
Mostra-se ali sem veio a candida verdade,  
N'este Palacio habita a immortalidade.  
A preocupação, a quem o vulgo incensa,  
Sem mascara, bramindo lhe foge da presença.  
As palmas, que das artes são premios verdadeiros,  
S'enlação orgulhosas có as palmas dos guerreiros.  
Neste lugar *Virgilio* passêa igual á *Augusto*,  
*Homero* ao pé de *Achilles*, não sente horror nem susto.  
Mistura a terna *Sapho* ornada de mil flores,  
As mortas amorosas aos loiros vencedores.  
*Ovidio* alli parece que *Julia* a amar ensine,  
*Chapenele* inda chora nos braços de *Racine*.  
A irada de *Couvreur* desgrenha a trança bella,  
Para *Corneille* attento, e fixa os olhos n'ella.

Vós outras, a quem cinge *Melpomene* de flores,  
Tendes assento ao pé dos immortaes Autores;  
Da horrivel *Dumesnil* o tempo não consome  
Junto ao de *Crebillon* com sangue escrito o nome.  
*Clairon*, a quem nenhuma se póde comparar,  
Poz junto de *Voltaire* a *Glorio* o seo lugar,  
Preparão lá triumphos para C\*\*\* bella  
Assim não se resolva á recebêl-os ella.  
Que magoas cau a ia o caso seo fatal!  
Perdião, muito os homens se a vissem immortal,





A' TERMINDO SIPILIO, ARCADE ROMANO, POR  
ALCINDO PALMIRENO, ARCADE  
ULTRAMARINO.

(*Por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.*)

### EPISTOLA.

**G**ENIO fecundo e raro, que com polidos versos  
A natureza pintas em quadros mil diversos :  
Que sabes agradar, e ensinas por seo turno  
A lingua, que convem ao tragico cothurno :  
Teo Pegaso não vóa furioso, e desbozado  
A' lançar-se das nuvens no mar precipitado,  
Nem piza humilde o pó; mas por hum nobre meio  
Sente a doirada espora, conhece a mão, e o freio :  
Tu sabes evitar se hum tronco, ou jaspes animas  
Do sombrio Hespanhol os gothicos enigmas,  
Que inda entre nós abórtão alentos dissolutos,  
Verdes indignações, escandalos corruptos.  
Tu revolves, e excitas, conforme as occasiões,  
Do humano coração a origem das paixões.  
Quem vê girar a Serpe da Irmã no casto seio,  
Pasma, e de ira, e temor ao mesmo tempo cheio  
Resolve, espera, teme, vacilla, géla, e córa,  
Consulta o seo amor, e o seo dever ignora.  
Vóa a farpada setta da mão, que não se engana :  
Mas ai, que já não vives, ó misera Indiana!  
Usarás Catullo na morte de quem amas  
D'alambicadas frases, e agudos epigrammas?  
Ou dirás como he crível, que em magoa tão sentida  
Os eixos permanençaõ da fabrica luzida?  
Da simples natureza guardemos sempre as leis  
Para mover-me ao pranto convem que vós choreis.  
Quem estuda o que diz, na pena não se iguala  
Ao que de magoa, e dor geme, suspira, e cála.

Tu sabes os empregos, que huma alma nobre busca,  
 E aquelles, que são dignos do mandrião Patusca,  
 Que alegre em boa paz, corado e bem disposto,  
 Insensivel á tudo não muda a cor do rosto:  
 Nem se esquece entre sustos, gemidos, e desmaios  
 Do vinho, do prezunto, dos saborosos paios.  
 Tu espalhando as flores a tempo, e em seo logar,  
 Deixas ver toda a luz sem a querer mostrar.

Indiscreta vauglória aquella, que me obriga  
 Por teima de rimar a que em meo verso diga  
 Quanto vi, quanto sei, e ainda he necessario  
 Mil vezes folhear hum grosso dictionario.  
 Se a minha Musa esteril não vem sendo chamada,  
 Debalde he trabalhar, pois não virá forçada.  
 Se eu vou fallar de jogos, só por dizer Floraes,  
 Maratonies, Circenses, Pythicos, Jovenaes,  
 O critico inflexivel ao ver esta arrogancia  
 Conhece-me a pobreza, e ri-se da abundancia.  
 Quem cego d'amor proprio colerico s'accende,  
 E mostruosos partos porque são seos defende,  
 Sua, braceja, grita, e já depois de rouco  
 Abre huma grande boca para mostrar que he louco:  
 Fôrma imagens de fumo, phantasticas pinturas,  
 E sonhando c'as Musas em raras aventuras  
 Vai ao Pindo n'hum salto de Lira, e de coroa:  
 Nascem-lhe as curtas pennas, e novo Cysne vòa:  
 Igual ao Cavalleiro, que a grossa lança enresta,  
 C'o elmo de Mambrino sobre a enrugada testa,  
 Vai á região do fogo n'hum banco escarranchado,  
 D'onde traz os bigodes, e o pello chamuscado.

Se cheio de si mesmo por hum capricho vão  
 Tem por desdouro o hir por onde os outros vão,  
 He c' o dedo apontado famoso delirante,  
 Que por buscar o bello, cahio no extravagante:  
 Bem como o passageiro, que nescio, e presunido  
 Quiz trilhar por seo gosto o atalho não sabido,  
 Perdeo-se, deo mil giros, andou o dia inteiro,  
 E foi cahir de noite em sordido atoleiro.  
 Eu aborreço a plebe dos magros rimadores,  
 De insipidos Poemas estupidos autores,  
 Que freneticos suão sem gosto, nem proveito,  
 Amontoando frases á torto, e a direito:  
 Vem o louro Mondego por entre as Nimphas bellas,  
 Que de flores enlação grinaldas, e capellas:



Surgem do verde seio da escuma crespa, e alva,  
 Do velho Douro as cans, do sacro Tejo a calva.  
 Escondei-vos das ondas no leito cristalino,  
 E sahi menos vezes do Reino Neptunino:  
 O que se fez vulgar perdeu a estimação:  
 E algum rapaz travesso vos pôde alçando a mão  
 Cobrir d'arêa e lama, por que sirvaes de rizo  
 A' turba petulante da gente ainda sem sizo.  
 Se fala hum Deos Marinho, e vem a borbotões  
 Amejoas, e perseves, ostras, e berbigões:  
 Se os languidos Sonetos manquejão encostados  
 A's flautas, aos Surrões, Pellicos e Cajados:  
 Minha Musa em furor o peito me enche d'ira  
 E o negro fel derrama nos versos, que me inspira.

Autor, que por acaso fizeste hum terno Idilio,  
 Não te julgues por isso Theocrito, ou Virgilio:  
 Não creas no louvor de hum verso, que recitas,  
 Teme a funesta sorte dos Meliscos e Quitas:  
 Que muitos aplaudirão quinhentos mil defeitos  
 Nos papeis, que hoje embrulhão adubos, e confeitos.  
 Se o casquilho ignorante, com voz enternecida,  
 Repete os teos Sonetos á Dama presumida,  
 Por mais que ella te aclame bravissimo Poeta,  
 Da espinhosa carreira não tens tocado a meta:  
 Pois tarde, e muito tarde por hum favor Divino  
 Nasce por entre nós quem de coroa he dino.  
 Quem sóbe mal seguro, tem gosto de cahir,  
 E a nossa idade he fertil de assuntos para rir.  
 Equivocos malyados, frivolos trocadilhos,  
 Vós do pessimo gosto os mais presados filhos,  
 Deixai ao Genio Luso desimpedida a estrada,  
 Ou Boileau contra vós torne a empunhar a espada.  
 Mas onde, mea Termindo, onde me leva o zelo  
 Do bom gosto nascente? O novo, o grande, o bello  
 Respire em tuas obras, em quanto eu lito a vista  
 No rimador grosseiro, no misero copista,  
 Tantalo desgraçado, faminto de louvor,  
 Que em vão mendiga aplausos do vulgo adorador.

Do Throno Regio, Augusto, Benigno hum Astro brilha  
 Entre esperança, amor, respeito, e maravilha:  
 E á clara luz, que nasce do Sceptro, e da Coroa,  
 Grande se mostra ao mundo, nova, immortal Lisboa;  
 Se ella o terror levou nas voadoras faias  
 Por incognitos mares á nunca vistas praias,

Se entre nuvens de settas ao meio dos alfanges  
 Foi arrancar as palmas, que ainda chora o Gauges,  
 Da paz no amavel seio, á sombra dos seus louros  
 Hoje aplana os caminhos aos seculos vindouros:  
 A gloria da Nação se eleva, e se assegura  
 Nas lettras, no Comercio, nas Armas, na Cultura.  
 Nascem as Artes bellas, e o raio da verdade  
 Derrama sobre nós a sua claridade.  
 Vai tudo á florecer, e per que o povo estude  
 Renasce nos Theatros a escola da virtude.  
 Consulta, Amigo, o genio, que mais em ti domine:  
 Tu pôdes ser Moliere, tu podés ser Racine.  
 Marquezes tem Lisboa, se Cardeaes Pariz:  
 José pode fazer mais do que fez Luiz.



## HEROIDA.

### THESEO A ARIADNA.

( *Pelo Doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.* )

**I**NCONSTANTE Ariadna ambiciosa,  
 Que, por cobrir a feia aleivosia,  
 Depois de ser perjura hes a queixosa:

Essas asperas queixas, que m'envia  
 Teu falso coração, formosa ingrata,  
 Já não são como as queixas d'algum dia.

Tudo a fiel memoria me retrata.  
 Fui a tua esperança, o teu conforto:  
 Agora sou o Roubador, Pirata.

Quizera o Ceo que me chorassem morto,  
 (Por não sentir as penas, que hoje sinto)  
 Antes de ver da infausta Creta o porto.



Achei de sangue humano farto, e tinto  
Homem, e Touro o Monstro, que espalhava  
Morte e terror no cego Labyrintho.

Vi lançar-se da torre, que habitava  
O Artifice engenhoso; e como aos ares  
Sobre as azas de cêra se entregava.

Filho infeliz, que deste o nome aos mares,  
Quanto inveja Theseo a tua sorte,  
Depois de ter chegado aos Patrios Lares!

Temeste (eu não o nego) a minha morte,  
Mudavel Ariadna! O laço estreito  
De hum novo, e puro amor julguei mais foite.

Da tua bella mão o fio acceito,  
Que me serve de guia: encontro, e luto  
C' o formidavel Monstro peito a peito.

Livre a Patria do fatal tributo;  
Mas o premio maior d'esta victoria  
Era gozar do nosso amor o fruto.

Que breve, oh Deoses, foi a minha gloria!  
Já sobre a Náo Cecropida nos vemos,  
E eu me julgo feliz: doce memoria!

Reina a calma no mar; e nós perdemos  
De vista a Creta: geme felizmente,  
E escuma o Sal batido por cem remos.

Quatro vezes da Noite descontente  
Rasgou a branca Aurora o véo sombrio,  
Abrindo as aureas portas do Oriente.

Quando vimos o bosque e a foz do rio  
Alegre, e socegado; os Marinheiros  
Conhecirão de longe a verde Chio.

Pizamos logo os montes, e os outeiros,  
Offerecendo aos Deoses tutelares  
Huma branca novilha e dous cordeiros.

No bosque inda fumavão os altares:  
Tu dormias: as nuvens se amontoão,  
E principião a engrossar-se os mares.

Corro a firmar as ancoras: já soam  
Das ondas os rochedos açoitados,  
E os ventos, e os trovões o Mundo atroão,

Faltou a amarra: a meo pezar os Fados  
(Que tristissimos Fados!) me levarão  
Co' as negras tempestades conjurados.

Sabe o Ceo que fadigas me custarão  
Então as tuas lagrimas, e penas,  
Que as minhas cá de longe acompanharão,

Sem leme já, sem mastro, e sem antenas,  
Vão ludibrio dos mares, e dos ventos,  
As tristes praias avistei de Athenas.

Ariadna occupou meos pensamentos:  
Meo coração a teve sempre á vista  
Para mais avivar os meos tormentos.

Que fruto lógras de huma tal conquista,  
Theseo amante, filho sem ventura?  
Quem haverá que á tanta dor resista!

O velho Egeo, que os Immortaes conjura  
Por ver alegre o fim dos meos perigos,  
Teve no mar funesta sepultura.

Entre aplausos da Patria, e dos Amigos  
O triste coração suspira, e sente  
O puro amor, e seos farpões antigos.

Por dar-te hum novo Reino impaciente,  
Espero que, depondo furor tanto,  
Neptuno aplane as aguas c' o tridente.

Duas Náos tenho prontas; mas em tanto  
Espalha a fama por diversas partes,  
Que o moço Bacho te enxugára o pranto.



Que ambiciosa ao ver os estandartes  
Do alegre Indiano, e scos cabellos louros,  
Facil com elle o meo amor repartes.

Se Reino, ou Fama, ou Glória entre os vindouros  
Busca a tua ambição n'hum ser divino,  
Eu sou Theseo, Athenas tem thesouros.

Egeo sabio do Reino Neptunino:  
Na fatidica Não aventureiro  
Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.

Não foi Jason, nem Hercules primeiro  
Combater c'os Dragões... tu suspiaste,  
Vendo echer o meo nome o mundo inteiro.

Inda me lembra o dia, que apertaste  
C'o a minha a tua mão: dos nossos laços  
Por testemunha o mesmo Ceo chamaste.

Tu não viste correr longos espaços,  
Que desculpão o frio esquecimento;  
E chego á ver-te albêa n'outros braços?

He esta a fê devida ao juramento?  
Responde ingrata, desleal, mais dura  
Do que a rocha, e mais varia do que o vento!

Saião do scio da lagoa escura,  
Que o mesmo Jove de offender recêa,  
Negras furias, que o meo temor conjura.

Empunhe a ingrata o tyrso, e sobre a arêa  
D' huma praia deserta os Tigres dôme,  
Com que o seo novo amante se recrêa.

Com tanto que o amor, que me consôme,  
Em odio se converta... ah que eu deliro,  
E não posso esquecer-me do seo nome!

Ventos, que me obrigastes ao retiro,  
Levai minha ternissima saudade;  
Conheça embora a ingrata que eu suspiro.

Possão servir de exemplo em toda a idade  
Os nossos nomes, despertando a historia  
Do meo Amor, da tua variedade.

Sirva este meu tormento á tua gloria:  
Pague eu embora a culpa do meo fado;  
E roube-me das mãos outro a victoria.

Porque não fui do Monstro devorado!  
A minha desventura me guardava,  
Porque fosse depois mais desgraçado.

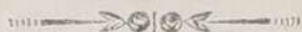
Frondosos arvoredos, onde estava  
Ariadna cruel, quando dormia,  
E a meo pesar a onda me levava;

Vós, amarellas flores, tu sombria,  
Musgosa gruta, onde a infiel descança,  
Mostrai-lhe a minha imagem noite e dia:

Eu era o seo amor, sua esperança,  
O ultimo... o primeiro... ó Ceos! perjura!  
Quanto me custa esta cruel lembrança!

Não ha mais que esperar da sorte dura.  
Voai, Remorsos, á vingar-me: ao meos  
Rodeai a no seio da ventura;  
E turbai os seos dias mais serenos.





FABULA DE ORPHEO, E EURIDICE.

IDILIO.

*Te veniente die, te decedente canebat.*

Virg. Georg. 4.

**P**ELA amena campina,  
Que banha o fatal *Ebro*,  
Do Thracio *Orpheo* a Esposa peregrina,  
Que em canto rouco, em triste voz célebro,  
Ao tempo que trazia  
O brilhante farol e claro dia,  
A Esposa de *Orpheo* digo, e as mais donzelias  
Tecendo vão grinaldas, e capellas.



Alegre, e descuidada  
*Euridice* colhia  
As flores de que tinha a frente ornada,  
De que os loiros cabellos guarnecia;  
Cantava suavemente  
Em doces córos alternadamente  
Com as lindas Irmãs a solfa rara,  
Que o canóro marido lhe ensinara.



Por acaso a descobre  
De hum monte levantado  
O pastor *Eristeo* famoso, e nobre,  
Mas de *Euridice* ha muito despresado:  
E logo mal soffrido  
Deixa o gado, os cortiços, e atrevido  
Por entre as verdes ramas se acautella  
Buscando surprender a Ninfa bella.

Mas ella, que aos clamores  
Das Driadas o via,  
Largando pronta as já colhidas flores  
Pela terra espalhadas, lhe fogia :  
Qual a timida cerva  
Que o Macilio Leão visinho observa,  
Ou qual de Açor ligeiro a pomba esquivava  
Assustada, medrosa, e fugitiva;

Interrompidas vozes  
Ao vento despedia,  
E cada vez com passos mais velozes,  
Olhando para traz os pés movia.  
Não era, não, bastante  
Se quer a demoral-a hum breve instante.  
A falla de *Eristeo*, que na carreira  
Sem duvida lhe diz desta maneira :

„ *Euridice*, não tanto  
„ Por ver-me de amor preso ;  
„ Intentas augmentar o meo quebranto ;  
„ Não te mereço, não, tanto desprezo :  
„ Dezejas que assim pene  
„ O filho da bellissima *Cirene* ?  
„ Que soffra, que padeça os teos rigores  
„ O util mestre dos rusticos pastores ?

„ O domador não zellas  
„ Desse *Protheo* famoso ?  
„ O observador primeiro das Estrellas ?  
„ O artifice do favo saboroso ?  
„ Atormentar procuras  
„ A quem foi o primeiro, que as maduras  
„ Azeitonas pisando, o caro azeite  
„ Para os homens descobre, e inventa o leite ? „



A Ninfa que não cura  
De ouvir o rogo brando,  
C' os delicados pés a terra dura  
Fugindo cuidadosa vai pisando:  
Solto o cabello ao vento,  
A' força do apressado movimento  
Fluctuando, os finissimos vestidos  
Deixava pelos troncos suspendidos.

A' sitio em fim chegava,  
Onde já não temia  
Do atrevido pastor, que a procurava  
O indigno intento, a barbara ousadia:  
Quando..., O' triste, e horrorosa  
Tragedia contra *Euridice* formosa!  
Offendido talvez da terra planta  
Hum Aspid venenoso se levanta:

E qual setta ligeira  
Com força despedida,  
Ou raio, que da nuvem derradeira  
Fere a terra ao relampago accendida;  
A serpe a colla erguendo,  
E o corpo em muitos orbes revolvendo,  
No pé mimoso, e branco, subtilmente  
Derramando o veneno imprime o dente.

Sentio a desditosa  
Da pisada serpente  
A raivosa ferida, a dor furiosa,  
O veneno mortal, que prontamente  
As linfas adelgaça  
Da já corrupta sanguinosa maça;  
E o purpureo licor, que o peito inflamma,  
Já negro por cem bocas se derrama.

Já cobre suor frio,  
A desmaiada frente.  
Da convulsiva Nyufa: hum véo sombrío,  
Esconde a vista varia, intercadente.  
Qual palida benina  
A desmaiada *Euridice* Divina,  
Proferindo do Esposo o nome terno,  
Passou da curta vida á hum somno eterno.

Tanto esta desventura  
As Driades chorarão,  
Que da Thracia e da Getica espessura  
O funebre silencio perturbarão:  
Quantas vezes em vão  
Chamarão pela Irmã? Qual fosse então  
A dor, que teve *Orpheo* misero, e triste!  
Dize-o tu, fatal *Ebro*, tu que a viste.

Aflicto, e descontente  
De noite, e mais de dia,  
O solitario *Orpheo* sempre da gente  
Se apartava, e sozinho aos êrmos hia.  
Buscava os arvoredos,  
Os mais duros inhospitos rochedos,  
Querendo nos desertos escondida  
Para sempre deixar a infeliz vida.

Qual roxinol, que a próle  
Do ninho vê roubada,  
Como que d'elle espera que o consóle,  
Ao Ceo envia a queixa magoada;  
Ou qual fiel pombinho  
Que não bebe agoa pura se mesquinho  
A doce companheira infeliz perde,  
Nem como dantes pousa em tronco verde.



Tal o misero Thrace  
Anda de monte em monte  
Sem ver a Esposa, bem que perguntasse  
Por *Euridice* ao monte, ao valle, á fonte:  
E já desesperado  
De achar no mundo alivio ao seo cuidado,  
Amante não duvida ousadamente  
D'entre as sombras errar sombra vivente.

A Cithara sonóra,  
Que á *Apollo* pertencera,  
Tomava o triste filho, e á voz canóra,  
Que sua mãe *Calliope* lhe dera,  
Destramente a afinava:  
E atrevido depois se encaminhava  
Por cavernosa gruta ao fim do Mundo,  
Raya agreste, infernal, do cáos profundo.

Chega á escura lagoa,  
Onde o velho *Charonte*  
Passa os mortos, e ousado á dura proa  
Do *Escafidio* se lança; léda a fronte  
Da horrenda *Estige* passa  
As encharcadas agoas, e devassa  
Das terras, em que a sombra opaca existe,  
A torpe habitação, a estancia triste;

Do rouco *Phlegetonte*  
A margem paludosa  
Atravessa, e do fetido *Acheronte*  
A salobra corrente vagarosa:  
Intrepido se mette  
No adormecido, e somnolente *Lete*;  
Do medonho e pestifero *Coccyto*  
Pisando vai o asperrimo districto.

Tem depois a ousadia  
De referir cantando  
A' sempre inexoravel companhia  
O seo duro pesar em verso brando :  
O esqualido Barqueiro  
Já menos carrancudo, e sobranceiro,  
Tomando o grosso remo avante o passa,  
Nem o cão de trez bocas o embarça.

Entrou as Torres fortes  
Do portico Tenareo  
Em meio das estupidas cohortes,  
Que o forão conduzindo ao Rei Tartareo :  
Caliginoso, e escuro  
Era o caminho, que do ferreo muro  
Aos palacios erueis, que *Dite* havia,  
As miseraveis almas conduzia.

No gesto pensativo  
*Orpheo* com passos graves  
Chegou-se ao fero Rei, que occupa altivo  
Sulfureo Throno, e as ferrugentas chaves  
Nas duas mãos sustenta :  
Ao seo lado triforme *Ecáte* assenta  
O implacavel tyranno: e de vapores  
Negra nuvem lhe fôrma os resplendores.

Do Báratro maligno  
As almas decorosas  
A' roda estão do vivo peregrino,  
Que vem do Mundo, e todas cobiçosas  
De saber o que busca  
Naquella atroz região nublada e fusca ;  
Este musico estranho, que se assenta,  
Com a soberba cohorte se apresenta.



As cordas temperando  
Da Lyra sonora  
Foi logo n'hum tom baixo começando  
A historia miseravel e piedosa :  
E pouco á pouco erguendo  
A voz, que mais se aclára, ao Rei tremendo,  
Que o sceptro tem na mão pesado, e forte,  
Cantando *Orpheo* lhe falla desta sorte :

„ Monarca formidavel,  
„ Jove, e Senhor eterno  
„ Do abismo tenebroso, e impenetravel,  
„ Do palido *Orco*, e do profundo *Averno*,  
„ A' cujo imperio enórme  
„ Obedece a caterva mais disforme  
„ De monstros, e serpentes estupéandas,  
„ Que sujeitas possaute ás Leis horreudas :

„ Neste carcere escuro,  
„ Habitação do espanto,  
„ Não me conduz desejo humano impuro,  
„ Mas sim razão de amor honesto e santo :  
„ Não trago o pensamento  
„ De tanger este harmonico instrumento,  
„ De sorte que apoz vão da suavidade  
„ Desertando o paiz da escuridade :

„ Da minha suspirada,  
„ Bellissima consorte  
„ A vida mais que a minha desejada  
„ Roubou tiranna intempestiva morte :  
„ De servida serpente  
„ A prêsa aguda e veuenoso dente  
„ Seos dias encurtou; que he bem constante  
„ Que á teo reino desceo a sombra errante.

„ Da tímida Cidade  
„ Vós, o gente perdida,  
„ Ao vosso Rei pedi, que por piedade  
„ Me seja a cara esposa concedida;  
„ Não quero que ella exceda  
„ A antiga humana lei; que lhe conceda  
„ Algum tempo de vida a Plutão rógó  
„ Em que andemos no mundo, e tórne logo.

„ E tu, Senhor, que hum dia  
„ Tambem de amor ardeste,  
„ Lastima-te da misera agonia,  
„ De que meo triste peito se reveste;  
„ Porém se, como digo,  
„ Não deixas hir *Eurídice* com migo,  
„ Já peço pouco, ao menos me consente,  
„ Que eu viva aqui com ella eternamente.

Em quanto assim cantava  
O doce *Orpheo*, mais brando  
O terno das *Eumenides* estava  
As enroscadas serpes aquietando.  
As *hydras*, e *chimeras*,  
Das *Esphinges*, e *Gorgones* as feras  
Vozes fizerao pausa: e o cão trifórme  
Fechando as trez gargantas, ouve, e dórme.

Livres alguns momentos  
As almas condemnadas  
Estão dos cruelísimos tormentos,  
Com que são de ordinario atormentadas:  
Hum pouco se não móve  
Das *Belides* irmãs quarenta e nove  
A desgraçada tropa, e a vã fadiga,  
Que dos mortos maridos a castiga.



De *Ixion* fementido  
A nunca instavel roda,  
Que anda sempre n'hum giro interrompido,  
Então por breve espaço se accomoda.  
*Sisypho* está sentado  
No penedo, que ás costas tem pesado:  
E em virtude do canto numeroso  
Logra, se nunca o teve, algum repouso.

O passaro faminto,  
Que a *Ticio* o ventre rõe,  
O bico levantou de sangue tinto,  
E á doce voz se abranda e se condõe:  
Já *Tantalo* sedento  
Não poem n'agoa vedada o pensamento;  
Já por hum pouco lhe não lembra a fonte  
Dos fugitivos pomos, que não come.

*Rhadamanto* severo,  
E os outros dous Juizes,  
Que tem na prisão triste o cargo fero  
De prescrever a pena aos infelizes,  
Esquecidos do antigo  
Rigor, que os obstinava no castigo,  
Suspendem a continua diligencia  
De dar aos condemnados audiencia.

A quebrantar a dura  
Sentença e Lei do Fado,  
Que foi sempre immutavel, se aventura  
Qualquer das cruas *Parcas*; já mudado  
Da mesma *Proserpina*  
O duro ferreo peito, já se inclina  
A' depor o seo genio rigoroso,  
E á supplica attender do amante Esposo.

*Plutão* desapiedado,  
A' quem humana queixa  
Jamais enteneceo, desacordado  
Em terra as duras chaves cahir deixa:  
As lagrimas forçadas  
Sem exemplo esta vez, como arrancadas,  
Se lhe virão correr: e diz que passe  
Ao Mundo a Esposa do canoro *Thrace*;

Com tanto que lhe seja  
O vel-a defendido,  
Emquanto inteiramente não esteja  
De fóra do seo Reino: e que perdido  
Seria ao mesmo instante  
O premio concedido, se o semblante  
De *Euridice* formosa incauto visse,  
Primeiro que do Mundo ao ar sahisse.

Acceita *Orpheo* contente  
A Esposa desejada,  
Que pela mão guiava diligente  
Além da melancolica morada;  
Passa as terras desertas,  
De luto, e de ciprestes só cobertas,  
Os campos deixa bemaventurados  
De espiritos ditosos habitados.

Já quasi a aura vivente  
Feliz respira, quando  
Mais demora a saudade não consente,  
E para a Esposa o rosto atraz voltando,  
*Euridice* não via,  
Que perdeu para sempre a luz do dia:  
Culpa digna de escusa, e de piedade,  
A havel-a na região da iniquidade. (\*)

(\*) *Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes.*



Do mais profundo centro  
De Reino tenebroso  
Trez vezes se ouviu fóra, e trez lá dentro  
Hum trovão formidavel, e espantoso,  
Deixando ao som horrendo  
As Tartáreas abobedas tremendo;  
E foi da voz do Fado inalterada  
Segunda vez *Euridice* chamada.

Os braços diligente  
*Orphco* em vão movia  
Já de huma, e de outra parte, e inutilmente  
Os lança apoz da sombra, que fugia,  
Quando debalde abraça  
O vento leve, que de entorno passa:  
Mil vezes tenta o mesmo desvario,  
E nunca prende mais que o ar vazio.

Emfim não se apartava  
Da gruta, nem podia:  
Crendo sonho e illusão quanto passava,  
E que de novo a Esposa tornaria:  
Porém desenganado  
Que *Euridice* não vinha, louco, e irado  
A Lyra quiz romper, e por desdouro  
Da testa ao chão arrója o verde louro.

Sete mezes inteiros  
O triste miseravel  
Foi visto pelos asperos outeiros  
De horrivel *Emo*, e *Rhodope* intratavel:  
Os rusticos penedos  
Corria do *Rifeo*, e os arvoredos  
De que se arrêa o curso dilatado  
Do *Tanaes* frio, e *Strimon* gelado.

*Euridice* chamava  
Em vão continuamente ;  
Ecco sómente *Euridice* tornava  
Ao triste doloroso, e descontente :  
A lastimosa historia,  
A tragedia infeliz, que na memoria  
Trazia de seos miseros amores  
Docemente cantava aos seos pastores.

Dizem que então os montes  
Apoz do suave canto  
Mudaveis caminhavão ; e que as fontes  
As agoas suspendião : tanto, tanto  
Podia a branda Lyra,  
Que ainda a fera, que só terror suspira,  
Pacifica se tórna ; e das montanhas,  
Arrancando-as, fundou Nações estranhas.

Triste não só fugia  
De todas as mulheres,  
Que o buscavão, mas ainda as offendia  
Despresando os seos dons, e os seos prazeres ;  
De mais lhes arrancava  
Os queridos Esposos, e os levava  
Suspensos e em total esquecimento :  
Tanto podia o Delphico instrumento !

Passava neste estado  
A vida lacrimosa  
Até que foi de subito assaltado  
Da familia de *Bacco* rigorosa :  
Convulsas, delirantes  
As dementes, e indomitas *Buceantes*,  
Sem que a Lyra as movesse, o cometerão,  
E crua morte, e misera lhe derão,



No corpo destroçado  
A sacrilega tropa,  
Bebendo o sangue já desanimado,  
As impias e homicidas mãos ensopa:  
A cithara, que d'antes  
As arvores trazia mais distantes,  
Fizerão em pedaços, e á corrente  
Lanção do *Ebro*, e o cadaver juntamente.

Separada a cabeça  
Do busto miserando  
Pelo rio, que attonito se apressa  
Ao mar, com vario curso vai rodando;  
Da alma fugitiva,  
Sabindo pela boca semiviva,  
A derradeira voz, que se lhe ouvia,  
Inda *Euridice*, *Euridice* dizia.

Por *Sales*, natural de Pernambuco.

## ELEGIA.

*Traduzida de Ovidio.*

Porque mudado estou? Se me perguntas,  
He porque poens de venda os teos favores:  
Não posso achar-te bella  
Depois que em ti de amor vejo huma *Adella*.

Sem reserva te amei, em quanto as Graças  
Recebeu de teu corpo huma alma pura:  
Hoje d'Palma a vileza  
Tem-te desfigurado a gentileza.

Nú, e menino Amor, detesta ; odeia  
Vis artificios, sordida avareza :  
Nudez não cobre enganos,  
Não curão de interesse tenros annos.

Para que pertender forçar o filho  
De Venus, á que esteja á preço-exposto ?  
Só por não aceitar-o,  
Elle seio não tem para guardal-o.

Para as guerras crueis, nem Venus bella,  
Nem de Venus o filho forão feitos ;  
Que venção soldo he feio  
Imbelles Deoses do prazer no seio.

Está por preço a meretriz taxado  
A' qualquer vil galante offerecida :  
E serve contrafeito,  
E invito o corpo ao misero proveito.

Do sordido Rufista todavia  
O dominio pragueja a desgraçada ;  
E o que fazeis por gosto  
Faz ella constringida, e com desgosto.

A conducta imitai das brutas feras,  
Que mesmo irracionaes vos são de exemplo ;  
He bem torpe defeito  
Que tenham feras mais humano peito.



Seja qualquer que for a sua especie,  
Todas se dão de graça aos seus amantes ;  
Se com elles comprazem,  
Não por cobiça, por ternura o fazem.

A mulher he sómente que blasona  
De que á seo amador despojos tira ;  
Só ella as noites vende,  
Só ella dar-se em aluguel emprende.

O prazer, que ambos tem, que ambos procurão,  
Vendendo com baixeza ao homem, taxa  
Quanto pôde excitar-lhe  
Deleites, que ella goza, e deve dar-lhe.

As gratas commoções, que amante e dama  
Em reciproco abraço iguaes recebem,  
Porque esta ha de vendel-as,  
Porque ha de aquelle por dinheiro havel-as ?

Por que devo eu perder, ganhar tu deves,  
No doce passatempo, que ambos temos,  
Se em tão suave jôgo  
Te afogas no prazer, em que me afogo ?

Se he torpe que compradas testemunhas  
Vendão seo juramento á preço d'oiro :  
Se he cousa reprovada  
Que á peita o julgador dê franca entrada :

Se he torpe que o patrono paga exija  
Por defender os miseros culpados:

Se he torpe que venal  
Grosso dinheiro ajunte o Tribunal:

Nada menos he torpe que huma dama  
Os patrios cabedaes no leito augmente,  
E que sua belleza  
Prostitua dos lucros á vileza.

De justiça, por dons de graça feitos,  
Se deve gratidão: mas por hum leito,  
Torpemente alugado,  
Ninguem á gratidão fica obrigado.

Nada se deve á dama, que se aluga;  
De tudo quite o alugador ufano  
Nenhum favor lhe deve,  
Paga a porção, que ella á pedir se atreve.

Deixai, ó bellas, de pedir dinheiro  
Em cambio do que dar deveis de graça:  
Os fructos da cobiça  
De tristes consequencias são premissa.

Não será todavia indecoroso  
Recompensa exigir de rico amante;  
Aqui se justifica  
Ser mais do que vos dá, o que lhe fica.



Permittido he colher maduras uvas,  
Que espessas pendem de peçadas vides:  
Ao padar cobiçoso  
Que farte, he justo o campo fructuoso.

O pobre dê por paga os seus serviços,  
Seo abrasado amor, e fé sincera:  
Pois he cousa ajustada,  
Dê qualquer quanto tem á sua amada.

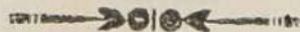
Meos versos são tambem a recompensa  
Das que á minha ternura correspondem;  
A que amo tenho a arte  
De a fazer conhecida em toda a parte.

Oiro, vestidos, preciosas pedras,  
Tudo o tempo invencivel aniquila;  
Mas o gentil renome,  
Que dos versos procede, não consome.

Eu não fujo de dar, porém não posso  
Ver sem tedio e rancor, que se me pede;  
Por que o pedes, não dei,  
Se esperas que eu o queira, to darei.

POR J. B. SOARES DE MEIRELLES.

*Natural de Minas Gerais.*



# RETRATO

POR

IGNACIO JOZE DE ALVARENGA.

**A** Minha Anarda  
Vou retratar,  
Se á tanto a Arte  
Poder chegar.

Trazei-me, Amores,  
Quanto vos peço,  
Tudo careço  
Para a pintar.

Nos longos fios  
Dos seus cabellos,  
Ternos disvellos  
Vão se enredar.

Trazei-me, Amores,  
Das Minas d'ouro  
Rico thesoiro  
Para os pintar.

No rosto a idade  
Da Primavera,  
Na sua esphera  
Se vê brilhar.

Trazei-me, Amores,  
As mais viçosas  
Flores vistosas  
Para o pintar.



Quem ha que a testa  
Não ame e tema,  
De hum diadema  
Digno lugar?

Trazei-me, Amores,  
Da silva Idalia  
Jasmins de Italia  
Para a pintar.

A frente adórnão  
Arcos perfectos,  
Que de mil peitos  
Sabem triumphar.

Trazei-me, Amores,  
Justos niveis,  
Subtis pinceis,  
Para a pintar.

A' hum doce acceno  
Settas á molhos  
Dos brandos olhos,  
Se vêm voar

Trazei-me, Amores,  
Do Sol os raios,  
Fieis ensaios  
Para os pintar.

Nas lisas faces  
Se vê a Aurora,  
Quando colóra  
A terra e o mar.

Trazei-me, Amores,  
As mais mimosas  
Pudicas rozas  
Para as pintar.

Os meigos risos  
Com graças novas  
Nas lindas cóvas  
Vão se ajuntar  
Trazei-me, Amores,  
Os pinceis leves,  
As sombras breves  
Para os pintar.

Vagos desejos  
Da boca as brazas  
As frageis azas  
Deixão queimar.  
Trazei-me, Amores,  
Coraes sobidos,  
Robins polidos  
Para a pintar.

Entr' alvos dentes  
Postos em ála,  
Suave falla  
Perfuma o ar.  
Trazei-me, Amores,  
Nas conchas claras  
Perolas raras  
Para os pintar.

O collo, Atlante  
De taes assombros,  
Airosos hombros  
Corre a formar.  
Trazei-me, Amores,  
Jaspe á mãos cheias,  
De finas veias  
Para o pintar.



Do peito as ondas  
São tempestades,  
Onde as vontades  
Vão naufragar.

Trazei-me , Amores ,  
Globos gelados ,  
Limões nevados  
Para o pintar.

---

Mãos christalinas ,  
Roliços braços ,  
Que doces laços ,  
Promettem dar.

Trazei-me , Amores ,  
As assucenas ,  
Das mais pequenas  
Para as pintar.

---

A delicada  
Gentil cintura ,  
Toda se apura  
Em se estreitar.]

Trazei-me , Amores ,  
Ancias , que fervem ,  
So ellas servem  
Para a pintar.

---

Pés delicados  
Ferindo a terra ,  
A's almas guerra  
Vem declarar.

Trazei-me , Amores ,  
As settas prontas  
De duras pontas  
Para os pintar.

Pórte de Deoza,  
Spirito nobre,  
E o mais, qu' encobre  
Fino avental.

Só vós, Amores,  
Que as Graças nuas;  
Vedes, as suas  
Podeis pintar.

### CANÇONETA.

*Composta em Italianno pelo Abbade Metastasio, e traduzida  
por Alexandre de Gusmão, natural da Villa  
de Santos, na Provincia de São Paulo.*

**B**EM hajão os teos enganos,  
Já respiro socegado,  
Já o Ceo á hum desgraçado  
Compassivo se mostrou.

As cadeias, que a prendião,  
Sacodio minha alma fóra,  
Eu não sonho, Nize, agora,  
Não souho que livre estou.

Acabou-se o ardor antigo,  
Tenho o peito socegado;  
Nem para fugir-me irado  
Acha amor em mira paixão.



Se o teu nome escuto, o rosto  
Não se cõra nesse instante :  
Quando vejo o teu semblante ,  
Não me bate o coração.

Sonho , sim , mas não te vejo  
Em sonhos huma só vez ;  
Eu desperto , e já não hes  
Quem logo desejo ver.

Quando estou de ti ausente  
Já por ver-te não suspiro ;  
Se te encontro , não deliro  
De desgosto ou de prazer.

Da tua belleza fallo ,  
Não me sinto enternecido ;  
Considero-me offendido ,  
E já me não sei irar.

Bem que estejas de mim junto ,  
Ninguem me vê pertubado ;  
Co' o meo rival ao teu lado  
Bem posso de ti fallar.

Mostra-me severo o rosto ,  
Falla-me com doce agrado ;  
He o teu rigor baldado ,  
He o teu favor em vão.

Tuas vozes já não tem  
Sobre mim a força usada ;  
Teos olhos errão a estrada ,  
Que me vai ao coração.

Se me vejo alegre ou triste ,  
Se inquieto ou socegado ,  
Já não he por ti causado ,  
Não o devo ao teo favor.

Sem ti me agrada a campina ,  
Verde sélva , ou fonte pura ,  
A caverna , a brenha escura  
Com tigo me causa horror.


Olha como sou sincero ,  
Ainda te julgo bella :  
Mas já não te acho aquella ,  
Que não tem comparação.

Não te offenda esta verdade :  
Nesse teo rosto perfeito  
Descubro hoje algum defeito ,  
Que julguei belleza então.


Quando quebrei as cadêas ,  
Confesso a fraqueza minha ,  
Julguei que nunca mais ticha  
Hum instante que viver.




Mas para fugir das penas  
Para oprimido não ver-se,  
Para á si proprio vencer-se,  
Tudo se deve soffrer.




Em o visco, em que se enlaça  
O passarinho innocente,  
Deixa as pennas, e contente  
Vai liberto da prisão.




Mas depois que em breve espaço  
Se renóvão as penninhas,  
Canta em roda das varinhas,  
Brinca em outra occasião.



Eu sei que extincto não julgas  
O voraz incendio antigo;  
Porque a todo o instante o digo,  
Porque o não sei callar.



Natural instincto, ó Nize,  
A' que falle me convida,  
Porque da passada lida  
Costuma qualquer fallar.



Seos perigos o soldado  
Depois da batalha conta,  
E para os sinaes aponta  
Das feridas, que apanhou.

6

O cativo, que nos ferros  
Entre trabalhos gemia,  
Mostra cheio de alegria  
As cadeas, que arrastrou.

---

Fallo, e só por desabafo  
Do meo gosto me entretenho:  
Fallo, porém não me empenho  
Em saber se fé me dás.

---

Fallo, porém não procuro  
Se a minha expressão te agrada,  
Ou se ficas socegada  
Quando em mim fallando estás.

---

Eu desprezo huma inconstante,  
Tu hum peito verdadeiro;  
Eu não sei de nós primeiro  
Quem se ha de consolar.

---

Sei que, Nize, achar não podes  
Outro tão fiel amante;  
Como tu, outra inconstante  
He mui facil de encontrar.

---



—>◉◉◉◉◁—  
PALINODIA.

*A Nise, traduzida de Metastasio, por Ekmano Bahiense.*

**J**A', ó Nise, os meos enganos  
Eu conheço socegado:  
Ah! Perdoa á hum desgraçado,  
O desprezo, que mostrou.

—◆—  
Dos ferros, que me prendião  
Me gabei de estar já fóra:  
Enganei-me, pois agora  
Inda mais cativo estou.

—◆—  
Já extinto o fogo activo  
Se inculcava socegado:  
O mesino semblante irado  
Trahia minha paixão.

—◆—  
Mude, ou não a cor do rosto,  
De ouvir teu nome no instante,  
Que todos têm no semblante,  
O que está no coração.

—◆—  
Sempre acordado te vejo,  
Ou se sonho alguma vez,  
E onde mesmo tu não hes,  
Minha alma te pensa ver.

Das tuas graças ausente  
Em ternas ancias suspiro ;  
Se estás presente , deliro  
De alvoroço , e de prazer.

---

Só de teos encantos falo  
Mavioso , enternecido ,  
Outra lembrança offendido  
Me faz de repente irar.

---

Se alguém vejo de mim junto ,  
Te nomeio perturbado ;  
Do proprio rival ao lado  
De ti costume falar.

---

Ou mostres altivo o rosto ,  
Ou concedas terno agrado :  
O teo desprezo he baldado ,  
A minha defeza em vão ,

---

Só o teo imperio tem  
Para mim docura usada ;  
Da ventura a só estrada  
Existe em teo coração.

---

O praser encaro triste ,  
E o tormento socegado ,  
Se este por ti he causado ,  
Se o outro vem sem teo favor.



Ri-se com tigo a campina,  
Salta alegre a fonte pura,  
A morada mais escura  
Com tigo não causa horror.

---

Ora vou falar sincero;  
Não só me pareces bella,  
Não só te conheço aquella  
Sem par, sem comparação:

---

Mas inda arrastro as cadêas  
Que em vão (por vintura minha)  
Pensei já quebradas tinha,  
Renunciando á viver.

---

Quiz minha alma evitar penas  
Para mais afficta ver-se;  
Não mais quererá vencer-se,  
Não pode tanto soffrer.

---

Passarinho, que se enlaçae  
Em trahidor visco, innocente,  
Em vão procura contente  
Libertar-se da prisão.

---

Esvôaçã em curto espaço.  
Mais apégão-se as peninhas;  
De soltar-se das varinhas  
Não encontra occasião.

Eu sinto (qual tu não julgas)  
Despertar-se o fogo antigo ;  
Quanto mais vezes o digo ,  
Tanto menos sei calar.

Loquaz propensão, ó Nise,  
O amante á queixas convida ;  
Nas éas a chama lida,  
Gasta-se o tempo em falar.

Pragueja a Morte o soldado,  
Se as suas feridas conta :  
Mas eis que a bandeira aponta,  
Não lhe lembra o que apanhou.


O escravo estima os ferros,  
Em que saudoso gemia ;  
Já se esquece, de alegria,  
Do seo peso, que arrastrou.

Falo, mas só desabáfo  
Quando de ti me entretenho ;  
Não procuro novo empenho,  
A constancia tu me dás.


Falo, mas perdão procuro,  
Se a expressão te não agrada :  
Na posse a mais socegada  
Da minha alma, ó Nise, estás.




A' hum peito não inconstante,  
A' hum amante verdadeiro,  
Ah! o teu amor primeiro  
Venha outra vez consolar.



Nenhum engano achar pódes  
Neste teu rendido amante;  
Jamais huma alma inconstante,  
Nise, em mim has de encontrar.



Da-me de paz hum penhor,  
Da-me, ó Nise, o coração,  
E ouvirás cantar de amor  
Quanto cantei de aversão,



## LYRA

POR

*FRANCISCO VILELLA BARBOZA.*

*Natural do Rio de Janeiro.*

**A**URAS, que mansas vibraes  
As azas nestes retiros,  
Manda Amor, vos alimentem  
Meos ternissimos suspiros,  
Mas se quereis  
Matar ardores,  
Temei suspiros  
Abrazadores.

Echos, que nestes rochedos  
Ha muito estaes escondidos,  
Manda Amor, que vos despertem  
Os meos ais, e os meus gemidos.  
Mas se causar  
Não quereis dor,  
Não repitaeis  
Queixas de amor.

Regatos, que hides correndo  
Tão pobres de vossas agoas,  
Manda Amor, que vos augmentem  
O meo pranto, e as minhas magoas.  
Mas se quereis  
Puros critaes,  
Prantos de amor  
Não recebaes.

Auras, Echos, e Regatos,  
Pois Amor póde em vós tanto,  
Recebei compadecidos  
Meus suspiros, ais, e pranto.  
Amor vos dê  
Frescura amena,  
Alegres sons,  
Onda serena.



---

LYRA

DO MESMO AUTOR

EM 1799.

I.

VISTE-ME, Anarda, e gemeste....?

Mas eu que tambem gemia

Os teos ais attribuia

A' dó de me ver penar.

Não julguei que de amor fossem;

Este em Gelia estar cuidava:

Cégo então, que o procurava

Tão fora de seo lugar!

Não receis pois que n'alma

Mais essa Gelia persista:

Já sou teo, e esta conquista

Quem te póde disputar?

II.

Sim, Anarda, Amor julguei

Existir no peito della,

E no teu estava, o bella,

Que a mais bella he o seo altar.

Mas alfim em ti o achei,

Foi-se o encanto, e acabou Gelia;

Assim perde o brilho Delia,

Se Phebo chega a roar.

Não receis pois que n'alma

Mais essa Gelia persista:

Já sou teo, e esta conquista

Quem te póde disputar?

III.

Se ella tem longos cabellos,  
De cor de ebano, e anellados,  
Dize, os teos não são dourados,  
Não fazem tudo cegar?  
O Sol; meo bẽm, que aos mais astros  
Por brilhante causa zelos,  
Tambem tem louros cabellos,  
Como os teos se vêem brilhar.  
Não receis pois que n'alma  
Mais essa Gelia persista:  
Já sou teo, e esta conquista.  
Quem te póde disputar?

IV.

Se os seos olhos são travessos,  
E ardentes como os de Venus,  
Não faltão certos acênos,  
Certa expressão singular?  
Quando amorosos se volvem,  
E mostrão d'alma a ternura,  
Tem a languida doçura,  
Em que os teos vejo nadar?  
Não receis pois que n'alma  
Mais essa Gelia persista:  
Já sou teo, e esta conquista.  
Quem te póde disputar?

V.

Nos teos olhos quaes dous astros  
Marco as horas preciosas,  
Em que as vagas amorosas  
Meo baixel deve sulcar.  
Pois se denso nevoeiro  
Gyra helles do ciúme,  
Fujo ao trepido negrume  
Vou-me no porto anchorar.  
Não receis pois que n'alma  
Mais essa Gelia persista:  
Já sou teo, e esta conquista.  
Quem te póde disputar?



VI.

Se o seo rosto he bem talhado ,  
Se he mimosa a face sua ,  
Tem acaso a cor da tua ,  
Vêem-se as rozas rebentar ?  
Tu não ves como já murchos  
No seo rosto os jasmins pendem ,  
Não ves como os teos recendem ,  
Quaes estrellas no alvejar ?

Não receis pois que n'alma  
Mais essa Gelia persista :  
Já sou teo , e esta conquista  
Quem te póde disputar ?

VII.

Se ella tem a boca breve ,  
Por ventura tão jucundo  
Vê-se o coral rubicundo  
Como na tua rasgar ?  
A tua boca , meu bem ,  
He de perolas thesouro :  
Tuas palavras são ouro ,  
Que á tempo sabes soltar .

Não receis pois que n'alma  
Mais essa Gelia persista :  
Já sou teo , e esta conquista  
Quem te póde disputar ?

VIII.

Se tem fo seio [espaçoso ,  
As ondas n'elle espraçadas ,  
Já batidas e cansadas ,  
Dormem como em morto mar .  
No teo , meo bem , ao contrario  
Empoladas ondas vagão ,  
Onde as vontades naufragão ,  
Que ardentes se vão banhar .

Não receis pois que n'alma  
Mais essa Gelia persista :  
Já sou teo , e esta conquista  
Quem te póde disputar ?

IX.

Se os seos braços são roliços,  
Breve a mão, o pé escasso,  
Seos movimentos, seo, passo  
Tem teu garbo regular?  
Ah! Se tu nos teos me apertas,  
Sinto de amor as cadeas:  
Se danças, ou se prendes,  
Vejo-te as Graças cercar.

Não receis pois que n'alma

Mais essa Gelia persista:

Já sou teu, e esta conquista

Quem te pôde disputar?

X.

Em fim, Anarda, de Gelia  
No que toca a formosura,  
Tenho-te feito a pintura;  
E tens tu que recear?  
Não tens, além de mais bella,  
Huma alma em tudo completa  
Que sabe nobre e discreta,  
Tantas Graças realçar?

Não receis pois que n'alma

Mais essa Gelia persista:

Já sou teu, e esta conquista

Quem te pôde disputar?

XI

Se por acaso inda á Gelia  
Alguma homenagem cabe,  
He de nescio, que não sabe:  
O que he digno de se amar.  
Assim ao barro formoso,  
Sem alma, sem movimentos,  
Mil profanos rendimentos  
Vê-se o mundo tributar.

Não receis pois que n'alma

Mais essa Gelia persista:

Já sou teu, e esta conquista

Quem te pôde disputar?



---

# A PRIMAVERA.

## CANTATA

POR

FRANCISCO VILLELA BARBOZA.

---

*Porque não cantará também o Vate  
A risonha, a formosa Primavera?*

Meleagro Idyll. á Primav.

*Trad. por J. B. A. S.*

---

**L**A onde em tuas margens, patrio Rio,  
Que do primeiro mez tomaste o nome,  
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,  
E de teos cristaes bebe a onda pura,  
(Meta antiga do Sol, centro hoje de Outro,  
Cujo lucido Imperio abrange os pólos)  
Com providente mão a Natureza  
O asilo preparou da Primavera.  
Alli não marcha a rosa: alli os troncos  
De flores sempre novas se atavião.  
Alli (em quanto as negras Tempestades  
Sobre as azas de Boreas carrancudo  
Arripião do Inverno a hirsuta grenha,  
Nos Ceos rola o trovão, cae o diluvio,

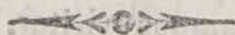
E do Septentrião alaga as plagas )  
 Se acolhe a Deosa com as Graças todas :  
 Mas apenas viçosa a amendoeira  
 Dá signal de acordar ás nuas plantas,  
 No pressuroso carro Phebo a toma :  
 Dalli volta com elle alegre e rindo.  
 Quam doce he vê-la então com mão curiosa  
 Toucar a densa coma do arvoredo,  
 E sobre o verde dos macios valles  
 Desdobrar a cheirosa bordadura,  
 Em que arte e mimo despendêra Flora !  
 Quam doce he vê-la do sahuado Inverno  
 Triunphante correr em roseo carro.  
 Os tapizados campos ! Vão ante Ella  
 Os capripedes Satyros dançando :  
 Fazem-lhe cõrte as Graças prazenteiras :  
 Namorados de vê-la os bosques cantão :  
 Os arbustos, os platanos florescem  
 Com seo halito doce perfumados :  
 E os virgineos botões, abrindo os labios,  
 Com pudibundo riso se franqueião  
 Ao pranto creador da madre Aurora.

Cantai, ó Pastoras,  
 A Deosa da sélva,  
 Que veste de relva  
 As vossas campinas,  
 E os valles matiza  
 De soltas boninas.

E Tu, que a natureza estudas e amas,  
*Andrala*, escuta o canto : ser-te-hão gratos  
 Os sons da patria Musa, e o nobre assumpto.  
 Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos,  
 E no peito a virtude, ella te acéna,  
 E te convida para os floreatos valles  
 A saudar as matutinas graças  
 Da formosa Estação, Aurora do anno.  
 Venturoso o mortal, que contemplal-a  
 Póde longe da Corte estrepitosa,  
 E se apraz de trocar os aureos tectos



Pelos verdes docéis da umbrosa selva!  
 Das symmetricas praças abhorrido,  
 Corre estas veigas placidas, sem ordem,  
 Habitadas da franca Singeleza.  
 Das flores pelo calyce orvalhado  
 Do tranquillo prazer o nectar gosta:  
 E se adornado de virentes folhas  
 No curvo ramo amadurece o Ouro;  
 Encetado sem crime, então lhe deixa  
 A frâgrancia nas mãos, o mel nos labios.



Mas que augusto espectaculo se ostenta!  
 Eis das moças Titâes a Primogenia,  
 Que do primeiro Sol dourára o berço,  
 E o fulgido Oriente assignalára  
 Com acceso rubim sobre o horizonte!  
 De brincado lavor vistosas galas  
 Trajão os Ceos; e os campos a esmeralda;  
 E as montanhas de perolas se toucão.  
 Taes do Eden os jardins se nos pintarão,  
 Que a innocencia enflorou, murchou a culpa:  
 De cujos restos sempre preciosos  
 Saudosa a Natureza, de anno a anno,  
 Com pincel immortal reforma o quadro;  
 Não de teus camarins, Mortal vaidoso,  
 Para ornar as paredes ociosas:  
 No Sanctuario está da Natureza,  
 E mui longe de vós, Homens vulgares,  
 Para quem sobre os valles esmaltados  
 Não tem côr a tulipa, ou cheiro a rosa.

Salve pois, Estacão linda,  
 Que alma nova das ao mundo!  
 Tua vinda,  
 Teu jucundo  
 Riso alegre a terra e ar.

Já dos igneos horizontes  
 Desce á terra alma scentelha:  
 Sobre as fontes  
 Já se espelha  
 O verdejante pomar.

Já não muge o trovão rouco  
Nas profundas cavidades :  
    Neu tão pouco  
    Tempestades  
Sobre a costa ouço roncar.

Já co' os sóccos quebra a neve  
O corado Lavrador :  
    Já se atreve  
    Sem pavor  
A seos campos visitar.

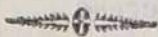
Sob o jugo os bois mettendo  
Canta a amor ; mas sem apego ;  
    Descrevendo  
    Torto rego ,  
Que ha de breve semear.

Rejeitando o tojo bravo ,  
Tenros prados tosa a ovelha :  
    Vai o favo  
    Loura abelha  
Fabricando a susurrar.

Cobre povo de mil flores  
Todo o valle , e monte agreste :  
    Traja as cores ,  
    Que o celeste  
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve pois , Estação linda ,  
Que alma nova dás ao mundo !  
    Tua vinda ,  
    Teu jucundo  
Riso alegre a terra e ar.





Mas que fogo divino , que ar mais puro  
Me inflamma o coração , me esperta o sangue ?  
Quão formosa Manhã corôa os montes !  
Espargindo ouro e lirios se annuncia  
O Rei dos Astros. Como alegre surge  
Em pompa conduzindo a Primavera !  
Soa nos bosques emplumada Orchestra :  
Ardem aromas sabre o altar de Flora :  
E adora ao Sol alvoroçada a Terra !  
O' tu , fonte de luz , Alma do mundo ,  
Principio omniparente , e bemfazejo ,  
Tu , que fazes volver a roda ingente  
Da carbunclea carroça luminosa ,  
Onde as quatro Estações gyrão perennes ,  
Sentado no teo Solio de diamantes ,  
Os meos hymnos protege , agora que alto  
Lá do animal lanigero celeste  
Ambos os pólos vês equidistantes ,  
E igualmente nos dás a luz e as trévas.  
Foste de adoração o digno objecto  
Das profanas Nações , que te incensarão ?  
Recebendo de ti alento e vida ,  
Gratidão lhes dictou canticos sacros :  
Levantárão-te altar teus beneficios.

Louvai pois , viventes ,  
O lucido Nume ,  
Que pródigo lume  
Reparte entre os entes :

E o frouxo embrião  
Na madre profunda  
Anima e fecunda  
Da terrea extensão.

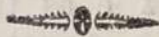
Já no arctico pólo  
Com jasmims e ouro  
Do celeste Touro  
Orna o fulvo collo :

Que submisso humilha,  
Em amor acceso,  
Ao formoso peso  
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera  
Nome a gentil Moça,  
Com graças remoça,  
E folga na sphaera.

Depois ledos mora  
Co' os Lumes irmãos,  
E os fructos louções  
Nos ramos colora.

Para elles copeia  
Da tenra Donzela  
A cor da tez bella,  
Que o pejo afogueia.



Mas eis a Tarde de primores rica!  
Em mimos com a Manhã rivalizando,  
Da creadora Estação veria o ornato,  
Com diversos paineis vestindo o Templo.  
Seguida dos Favonios innocentes  
Desce do Phebeo carro, e á par co' a Deosa  
Em floridos vergeis passeia e brinca.  
A Amizade a entretém, Amor a encanta.  
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem  
Labirinthos enreda, enleia sombras:  
Entre o mirto cheiroso o arroio escuta,  
E em cochins de verdura afaga os Somnos.  
Engolfada em taes lidas não receia  
A paz da Natureza ver turbada . . . .  
Quando do Occaso subito negrume  
Surge; e sobre o horizonte a Nevoa pouza.  
Do Inverno fugitivo Austro juntando  
Os dispersos destroços, a reforça:  
Cresce, as azas estende, avulta, e voa.



He cerrado Esquadrão de feias Nuvens :  
Cobre parte dos Ceos : feroz ameaça  
Disputar do hemispherio a posse á Deosa.  
Ai dos encantos seos ! Quem os defende ?  
Dá signal o Trovão : começa a luta.  
Quanto me agrada ver estes combates !  
Tudo he bello nos Ceos , té seos furores :  
Inda entre elles reluz da Deosa a imagem !  
Em seo auxilio Pho-bo acode prompto :  
Ardente setta rapido dardeja ,  
Que o seio rasga da assombrosa Treva.  
Dissipa-se a tormenta : as Nuvens fogem ,  
Dando em tributo aljofares á terra.  
Venceo a Deosa em fim , e a luz resurge.  
Como he mimosa então a Natureza  
Co' a bocca em riso , e as faces orvalhadas !  
Tal a Donzela , que travesso amante  
Em amorosos brincos magoára : (\*)  
Chora , e se ri , e alegre entre queixosa  
Lhe embebe na alma divinaes delicias !  
De pavoneas plumagens guarnecido  
Iris levanta o arco do triumpho.  
O Sol lhe doura a pompa : as flores se erguem  
Adornadas de liquidos diamantes.  
De enfeitar-lhe a coroa cubiçosas :  
E das aves , que attonitas nos bosques  
Pela densa ramagem se escondêrão ,  
Harmonioso bando os ares cruza ,  
Celebrando a Victoria , a Paz , e a Deosa.

Os ledos pastores

De tantos

Encantos ,

E ricos primores ,

Das frutas nos sons

Com hymnos

Divinos

Descantão os dons.

---

(\*) Como dama que foi do incauto amante  
Em brincos amorosos maltratada , &c.

E tu, Eco, as phrases,  
Que escutas,  
A's giutas  
Ensinas loquazes.

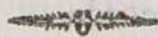
Nas azas então  
Os Ventos  
Attentos  
Suspensos estão.



Porém já lança languido sorriso  
Phebo sobre os outeiros empinados.  
Augusta sombra a Natureza envolve,  
E doce luz a escuridão prateia.  
Eis no theatro da Noite a scena posta,  
E nocturnos Festins tecendo encantos.  
Seos mysterios então Amor celebra.  
Do ethereo pavilhão se estende o pano  
Bordado da mais rica pedraria.  
Do centro pende do soberbo tecto  
Argenteo Lustre, que illumina a scena:  
Eu vos saudo, ó Noite, ó Lua, ó Astros,  
Que da Quadra gentil sois ornamento!  
Nos festejos co' a Terra o Ceo compete,  
E fulgores disputa a Noite ao Dia.  
Em aureo e vasto circulo os Planetas  
Formão attentos nitido cortejo,  
A' formosa Estação reconhecidos.  
Nella o primevo impulso recebêrão,  
Quando do mundo na mimosa infancia,  
As prescriptas carreiras ensaiando,  
Pela abobada azul promptos rodárão.  
Veneranda memoria, anciã, sagrada,  
Que repetem fieis á voz do Eterno!



Fervem mil lumes  
No ceo sereno,  
Que ao brilho ameno  
Fazem ciumes  
Do verde prado,  
Tambem bordado  
De seos fulgores:  
São estrellas no ceo, no campo flores.



Ventos mais doces sobre as crespas vagas,  
Sobre as verdes searas se derramão,  
As perfumadas azas extendendo.  
Quaes se repartem do Oceano o imperio:  
Quaes se dividem as amenas varzeas.  
Suaves virações, aquelles cruzão  
Os undosos districtos socegados:  
E ao voto ardente e saudosa Esposa  
Prosperos sopião, borrifando, os Deoses,  
E os pintados Heroes da erguida poppa.  
Brincões Favonios, estes se divertem,  
Ora levando às sequiosas plantas  
A amiga geração nas fertes azas:  
Ora brincando co' os anneis dispersos  
Da loura Camponeza, que cantando  
Entre os dedos de neve o fuso volve.

Neptuno brando  
As vagas doma.  
Dos mares toma  
Zephyre o mando,  
Que Euro excessivo,  
E Africo altivo,  
Exercitavão  
Nas salgadas campanhas, que guardavão.

Então desperta  
Gyra a ambição.  
Oh como vão  
Por via incerta  
Gravidas quilhas,  
Das Mães e Filhas  
Sempre choradas;  
Das recentes Esposas detestadas!

Já a novos portos  
A frota aborda:  
A industria acorda  
Nos Genios mortos:  
E ao mutuo bem  
Correndo vem,  
Inda singelas,  
Firmes dando-se as mãos as Artes bellas.

---

Porém quem como Tu, *Illustre Andrada*,  
Na malfadada, ingrata Idade nossa,  
Ha que assim possa sempre estudioso,  
E proveitoso despender da vida  
Em melhor lida o seo melhor thesouro:  
Na Lyra de ouro ora altos sons tangendo,  
Ora regendo os Lusitanos choros,  
Donde sonoros alvos Cysnes voão,  
Que o mundo atroão com eterno brado,  
O Tempo, o Fado, ameaçando, e a Inveja,  
Que em vão pragueja vendo a luz Phebea.  
Salve, Assembléa de Varões Sapientes,  
Astros luzentes sois da Lusa Sphera:  
Vá de era em era vossa fama e gloria.  
Fiel Historia põe a salvo os que amão,  
E a Patria afamão por trabalhos nobres.  
Que não descobres, ó sagaz Talento!  
Cada elemento submettendo a normas,  
As artes formas, e dás leis aos usos.  
Em vão reclusos seos thesouros tinha  
Com mão mesquinha a Natureza ignava.



Industria cava as preciosas minas:  
 Cria officinas pertinaz trabalho:  
 Retine o malho, range a lima, e ruge  
 Eólo, e muge a lavareda ondeando.  
 De quando em quando geme a selva; e ás praias  
 Baixão as faias das frondosas serras,  
 E a extranhas terras levão uteis seres.  
 Pomona e Ceres orna a Mãi Cybele;  
 E de Semele guia o filho as danças,  
 Prendendo as tranças pampinosas vides.  
 Sempre assim lides, geração humana!  
 Riqueza mana das proficuas Artes,  
 Que mal repartes, caprichosa Sorte.  
 Porém importe para o bem de tudo  
 Primeiro o estudo, que nos traz ventura.  
 Formosa e pura só a dá Sapiencia  
 A' consciencia, que despio cuidados,  
 Por livres prados extendendo a vida.  
 Alli guarida foi achar Verdade,  
 Quando á Cidade de entre ardis fugindo,  
 No seio lindo a recatou Virtude,  
 E ao pastor rude a confiou em guarda.  
 Muito pois tarda para ser ditoso,  
 Quem cuidadoso alli não busca abrigo;  
 Onde o perigo da ambição salvando,  
 E contemplando a universal belleza,  
 Que a Natureza tem tão rica ornado,  
 Por seo dourado codigo instruido,  
 Cante embebido na lição celeste  
 A mão que veste á Primavera as flores,  
 E á Aurora as galas de gentis primores.

No palacio da Riqueza  
 Não habita a sã Ventura:  
 Só a encontra o que a procura  
 Ne seio da Natureza.

Lê pois, *Andrada* ditoso,  
 No grande livro do mundo,  
 Em quanto o sonno profundo  
 Cerca o leito do ocioso.

Nas puras manhãs suaves,  
Quando o Sabio o campo estuda,  
O Rouxinol o saudá,  
E ledas cantão-lhe as aves.

Nas longas tardes calmosas  
O abriga docel frondoso,  
E brincar no leito hervoso  
Vê as sombras buliçosas.

Logo enlevado o diviso  
Co' os olhos nos horizontes,  
Quando o Sol dourando os montes  
Lhes dá o ultimo sorriso.

Depois no nocturno veo  
Em caracteres brilhantes  
Lem os seos olhos errantes  
As maravilhas do Ceo.



PARNAZO BRASILEIRO,

OU

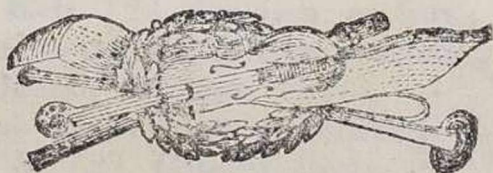
COLLECCÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

=====  
CADERNO 3.º  
=====



—  
RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.

1830.

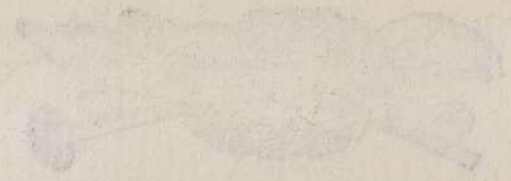
PALACIO IMPERIAL

COLECCAO DAS MELHORES FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA IMPERIAL

ALTO IMPERIAL, COM A IMPERIAL

ALTO IMPERIAL, COM A IMPERIAL



RIO DE JANEIRO  
NA TIPOGRAFIA DE ALVARO A. RACIONAL



QUITUBIA

POEMA

POR

JOSE' BASILIO DA GAMA.

*Faceia pompa d'Eroe L'Africa ancora.*

Metastasio.

**T**U, Deosa de cem bocas, que nos pintas  
As ondas do Mar Negro em sangue tintas,  
E o Niester incerto, e irresoluto  
(1) Sem saber a quem pague o seu tributo,  
Eterno assumpto de doiradas liras;  
Agora que dos Reis [2] dormem as iras,  
Teus olhos sobre a escura Africa estende;  
Depois, alada Deosa, os ares fende,  
E entoa, ao som de barbara trombeta,  
O forte Capião da [3] Guerra Preta.  
Esforçado [4] Quitubia, o Téjo sabe  
Quanto valor dentro em teu peito cabe.

---

[1] Foi escripto no mez de Novembro de 1791.

[2] A Paz Geral.

[3] Este he o seo Posto, e assim se intitula.

[4] He o seo nome de Guerra: quer dizer Fogo: o seo nome de Baptismo Domingos Ferreira da Assumpção. Assim mesmo se chamou seo Pai, que governou o Presidio de Ambaca. E o mesmo nome teve já seo Avô, que depois de obrar proezas na guerra, foi o primeiro da sua côr, que disse Missa no Presidio das Pedras.

Herdaste de teu Pai o nome, e o brio,  
 Que foi terror do perfido Gentio:  
 Fez-lhe sentir da nossa espada o pezo;  
 E levando nas mãos o raio aceso  
 [5] Queimou a Corte da [6] feroz Rainha:  
 Mas tu ganhaste, além dos que elle tinha  
 Novo Direito á immortalidade:  
 He teu brazão a tua lealdade.  
 O título, que tens, deo-te a victoria:  
 C' o teu sangue compraste a tua gloria,  
 Que ainda que essa côr escura o encobre,  
 Verteste-o por teu Rei; he sangue nobre.  
 [7] Em vão o Pai te quiz ás letras dado:  
 Estava o bravo [8] Eucogy acastellado  
 No fragoso rochedo ao Ceo vizinho,  
 Qual Aguia pendurada do seo ninho;  
 Quando a córagem, que teu peito encerra,  
 Gritou a teus ouvidos guerra, guerra.  
 Fugiste a Paz, correste aos inimigos;  
 Foste buscar a glória entre os perigos:  
 Nem tornaste sem ver sobre ruinas  
 Tremular na alta Pedra as Lusos Quinas.  
 Depois atravessaste o negro mundo,  
 Duas vezes de incognito Baluado  
 O Sertão penetraste valoroso;  
 Lá he que nasce o [9] Gangu tortuoso,  
 Que desce até perder no [10] Cuanza o nome,  
 Aonde o [11] Crocodillo os pretos come.

[5] Nas guerras, em serviço da Coroa, contra a Rainha Ginga sua Tia. E obrigou-a a retirar-se, e passar para a outra parte do Rio Vhamba, e a pedir paz em 1744.

[6] A Rainha Avô desta chama-se D. Veronica; mas o seu nome he D. Bengue.

[7] Na sua mocidade applicou-se aos Estudos na Capital de São Paulo de Loanda: mas apenas se preparou a primeira expedição, deixou os livros, e foi guerrear.

[8] Potentado; a quem conquistamos a pedra, ou serra, que conserva o seu nome. Hoje he bom Vassallo da Coroa com outros dous Potentados seus vizinhos, o Ambuella, e o Ambuilla.

[9] Rio, que vem do Sertão de Benguella.

[10] Rio bem conhecido, que entra no mar ao Sul da Capital de Angola.

[11] Gandu na lingua do Paiz.



Tentaste então, em guerra trabalhosa,  
 A barbara Quiçama sequiosa;  
 Terra vil, de tostados horizontes,  
 A quem negou o Ceo rios, e fontes:  
 Mas no ventre das [12] arvores sombrias  
 Resguardão do calor as agoas frias  
 Da chuva, com que mal se apaga a sede,  
 Que a ti, e aos teus ir-mais avante impede,  
 Apenas da fadiga descansado,  
 Para diversa empreza nomeado,  
 A estrada do valor de novo trilhas:  
 Lá te vejo abraçar ás ferteis [13] Ilhas,  
 Que a Guanza em torno serpeando lava:  
 Que inda que as defendia gente brava,  
 Evitar não poderão a ruina,  
 Que a dura Lei da guerra lhes destina.  
 Já passavas os dias em socego,  
 Quando os réos Dembos, com orgulho cêgo,  
 Rompem a guerra: a Guarda retrocede;  
 E soccorro, e vingança a hum tempo pede.  
 O grande General te chama, e ordena  
 Que os Dembos desleaes paguem a pena,  
 Tu levantaste a voz, e o braço invicto:  
 Conhecerão os Povos o teu grito;  
 Longe de si o vil terror sacodem:  
 Os Valentes de Ambaça á guerra acodem;  
 [14] Ambaça, que teu Pai regeo hum dia;  
 Que rega da Lacalla a ênchente fria:

---

[12] Estas arvores chamão-se Embondeiros: algumas são tão corpulentas, que doze homens não as abraçãõ. A casca he grosseira, e dura; o resto he tão brando, que com facilidade, e com qualquer instrumento se deixa cavar. Os negros fazem-lhe huma abertura pelo alto, e entrando dentro, lhe extrahem por alli quasi todo o interior, naquella vasta cisterna depositão toda a agoa, que podem recolher da chuva; que deste modo conservão fresca, e saudavel, nem ha outra no Paiz: a vegetação não só não padece, mas prospera, e a arvore cobre-se toda de folhas, de flores, e de fructos, que se assemelhão a confeitos.

[13] Pertencem á Rainha Ginga.

[14] Rio, que vêm das terras da Rainha, e entra na Guanza.

Pelas margens cubertas de palmeiras  
 Vem terçando a Azagaya as mãos guerreiras  
 Arma os Valentes seus com igual brio  
 Combambe ao longo do espraído rio,  
 Que cercão verdes, debruçados ramos;  
 Largo passeio dos [15] Hippopotamos.  
 Já d'entre tanto arco, e frexa tanta,  
 O Mancebo [16] Cabôco se adianta;  
 O valor pelos annos não espera:  
 He tímido inda mais que brava féra.  
 E he seu direito, em que niugnem o iguala,  
 Ser quem primeiro exponha o peito á bala.  
 O Bengo, que se humilha ao Gram Tridente,  
 Da arenosa Loanda a praia ardente;  
 Massangano, que a [17] prumo o Sol recebe,  
 E que da Cuanza, e na Lucalla bebe;  
 Todos á causa Publica concorrem;  
 E Moxima, e Calumbo ás armas correm,  
 Já perdido de vista o patrio [18] Pungo,  
 Cortavas as campinas de Golungo;  
 Já longe estava a gente valorosa;  
 Quando instruido em guerra cavilosa,  
 Com temerario pé pizando as raias  
 O [19] Mossulo c'os seus, cobrem as praias,  
 E a Capital assustão, pondo logo  
 Toda a margem do Bengo a ferro, e fogo,  
 O impayido Barão, que tanto pôde,  
 Arma o resto da gente, e a tudo acóde,  
 Tu passas sem que a nobre ira se abrande,  
 O turvo Zenza: o emaranhado Dande;

---

[15] Na lingua do Paiz Guvo.

[16] Souya Moço, que mostrou muito valor na guerra.

[17] Esta fraze em rigor não designa só Massangano: mas poeticamente exprime o effeito do calor, que he alli tão intenso, que succede muitas vezes incendiarem-se os tectos. Os Moradores, em certos tempos, tem sempre agoa sobre elles.

[18] Pedra mais alta que as outras, que se deixa ver de huma grande distancia. O primeiro Capitão Mór das Pedras, posto por Sua Magestade, foi Simão Dias.

[19] O Dembo, que se propôz fazer diversão, e atacar a Capital; e que se chegou para nós ao longo do mar até o Bengo; intitula-se Marquez de Mossulo.



E vencedor dos asperos caminhos,  
 Lhes vás fazer a guerra nos seos ninhos.  
 Nem os [20] rebeldes Dembos te esperarão;  
 Que as casas com a preza abandonarão.  
 Hum frio susto o peito lhes congela,  
 Vendo diante a morte, e a causa della.  
 A vida vão salvar nas suas brenhas;  
 Outros se acolhem ás nativas penhas;  
 Cabe a idade innocente, a curva idade;  
 Ah que eu sinto gemer a humanidade!  
 Põe debalde a razão á ira o freio,  
 Correndo vai a Mãe e'o Filho ao seio;  
 Não vê o precipicio, e o tem diante.  
 Tu ordenas, e ficão n'hum instante  
 Os fructiferos troncos escachados;  
 Os toscos edificios arrazados;  
 E em severo castigo de seo erro  
 Devora a chamma o que escapou ao ferro;  
 Com o exemplo aterrada a infiel gente,  
 E Africa assim [21] submissa, e obediente,  
 Já o illustre Barão, e'o a espada ao lado,  
 As vélas solta para o Téjo amado.  
 Tu com elle nas azas vens do vento,  
 Té ver fugir do instavel Elemento  
 Com a frente torreada a gram Lisboa,  
 De quem tão alta fama ao longe sóa.  
 Que ha muito teu sensivel peito encobre  
 A ancia que tens, e o pensamento nobre  
 De ver inda huma vez na Patria bella  
 A alma grande, que viste longe della:  
 E que te fez sentir na adversidade  
 O raro dom do Ceo, doce amizade,  
 Que une as distancias, e que iguala as sortes,  
 Mais seguro nos bosques, que nas Cortes.  
 Nas mãos lhe achas as redeas do Governo.  
 E o mesmo coração, e peito terno:

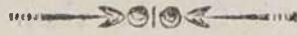
---

[20] Forão o Quinguengo, e o Nabua Angongo, ambos d'além do Dande.

[21] O Capitão Mór da Guerra Preta, que ficou na ausencia do valoroso Quitubia, he Luiz Gonçalves Vaz, seo Discipulo na Arte da Guerra, e que faz honra ao Mestre; sem ter a estatura do primeiro, tem todo o seo valor, como bem mostrou no caminho Encogy.

Lagrimas doces, lagrimas saudosas  
 Viste cahir das faces generosas  
 De quem olhou constante, e resolutto,  
 Para a desgraça com o rosto enxuto :  
 Quando o viste maior foi na desgraça,  
 Com a poderosa mão te ergue, e te abraça,  
 E te encaminha aos pés do Throno Augusto.  
 Gozaste então entre prazer, e susto,  
 Quanto a tua alma suspirado tinha.  
 Tu viste com teus olhos a Rainha  
 De seus Povos felizes adorada :  
 Tu puzeste a seus pés a invicta espada ;  
 E cheio do respeito mais profundo  
 Beijaste a mão, que faz feliz o Mundo :  
 Ouviste o doce som da voz suave,  
 Que tem dos nossos corações a chave.  
 Porém leva gravado na memoria,  
 Que ao contar as batalhas, e a victoria ;  
 Os crucis golpes ; as mortaes feridas ;  
 As cabeças dos corpos divididas,  
 E em sangue, e pó revoltos os cabellos ;  
 Tu viste enternecer seus olhos bellos,  
 Não pôdes desejar honras maiores,  
 Firmou a Mão Real os teus louvores :  
 Declarou que se dá por bem servida,  
 Unio preco, por que arrisca a vida  
 Nação leal de gloria cobiçosa.  
 Agora torna aos teus : chama-te a esposa,  
 Que com agudos ais rompe o ar denso,  
 E estende os olhos pelo espaço immenso,  
 Contando os longos dias da saudade :  
 A razão, e o dever te persuade ;  
 Torna aos teus, que te esperão cuidadosos,  
 Que á guerra te seguirão valorosos ;  
 Mostra-lhe o premio, que a virtude anima :  
 Conta da bella Europa o doce clima ;  
 Os usos, os costumes differentes,  
 Cheios de inveja os Souvas teus Parentes  
 Na Corte o ouvirão da Real Tia.  
 F em quanto a Augusta, a Immortal Maria,  
 Mandada do alto do Throno em paz, em guerra,  
 Seus raios, e seus dons ao fim da terra ;  
 E com a vermelha Cruz te aorna o peito,  
 Com este loiro a tua testa enfeito.





## O TEMPLO DE NEPTUNO.

### IDILIO.

**A** Deos Terminando, adeos Augustos lares  
Da formosa Lisboa; o leve pinho  
Já solta a branca véia aos frescos ares.

Amor, o puro mor do patrio uinho  
Ha muito que me acena, e roga ao fado  
Que eu subque o campo azul do Deos marinho.

Eis a náó que já d'hum, já d'outro lado  
Se deita, e se levanta; foge a terra,  
E me foges tambem Terminando amado.

Da alegre Cintra a desejada serra  
Mal apparece, e o valle, que ditoso  
De Lilia, e Jonia a voz, e a lira encerra.

Ainda me parece que saudoso  
Te vejo estar da praia derradeira,  
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a Real bandeira  
Despregada da pepa, que voando  
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em quando  
O vento, os varios climas, e o perigo  
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva consigo,  
E te arranca dos braços a' hum só dia  
O suspirado irmão, e o caro amigo.

Rijo Norte nas cordas assobia,  
Quatro vezes do Sol os raios puros  
Voltarão, e só mar, e Ceo se via:

Quando a esteril Selvage [a] os verde-escuros  
Hombros ergueo do sal, que se quebrava  
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava  
O retorcido buzio, e diligente  
De todo o mar a Corte se ajuntava.

Bate as azas hum Genio, e vêm contente,  
N'humã mão a coroa, n'outra a taça,  
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Febo a mão escassa  
Nega seus dons aos rudes, e aos profanos,  
Guarda meos Versos dessa tosca raça.

Embora os leião peitos sobre-humanos,  
Que no cume do monte bipartido  
Virão das santas Musas os arcanos.

Entrei no Templo de cristal polido,  
Do grão Neptuno amplissima morada,  
E o vi n'hum throno de safira erguido.

De frente está de Ninfas rodeada  
A branca Thetis, as enormes Phocas,  
E os amantes Delfins guardão a entrada.

Os grandes rios, que por largas bocas  
Entrão no vasto mar com fama e gloria,  
C'o as urnas vêm desde as nativas rocas.

Vejo a paz, a fortuna, e a victoria,  
O Deos da Arcadia, o inventor da lira,  
Venus, Amor, e as filhas da memoria.

---

[a] Ilha deserta não mui distante da Madeira.



( II )

Principe amado, por ti suave gira  
Nas cordas d'oiro o delicado plectro  
Apollo o move, e Clio assim respira.

Em alto nupcial, festivo metro  
Do lucido Titan a bella esposa,  
De côr de rosa o aureo coche adorna;  
E alegre torna a nos mostrar seu rosto,  
Cheio de glória, de prazer, de gosto.  
As brancas azas sobre o novo leito  
Aos Ceos acceito o casto Amor estende,  
A pira accende, e inda esteitar procura  
O mais ditoso laço a fé mais pura.  
Concordia, tu que tens de Amor a chave,  
Prisão suave tu lhe tens tecida,  
De quantos Ida em margens deleitosas  
Cria intactos jasmims, e frescas rosas,  
Persico ornato a fertil copia ajunta;  
E de Amatunta a Deosa delicada  
Vem rodeada dos Cupidos bellos,  
Huns voão, outros lhe pendem dos cabellos.  
Casta Lucina, o teu formoso aspecto  
Com doce affecto inclina, e nos dê prova  
A prole nova que he de amor tributo,  
E seja de taes ramos digno fructo;  
Se fundarão por seculos inteiros,  
A vós guerreiros, de Lisboa os muros,  
Netos futuros entre gloria immensa  
Nascei, he vossa a justa recompensa.  
Cercão o throno a candida verdade,  
E em tenra idade a rara fé nobreza,  
Graça, belleza, e quanto o Ceo fecundo  
Por honra da virtude envia ao mundo.  
O jubilo nos povos se derrama,  
Alegre a fama vai de agoiros cheia,  
E a nuvem, feia que a tristeza envolve,  
Espalha o vento, e em átomos dissolve.  
Do grande Avô o espirito disperso  
Pelo Universo vôa, aos seus vindouros  
Prepara os loiros; vejo a murta, e as palmas,  
Dignas coroas de tão grandes almas.  
Possa da Augusta Filha o forte braço  
Por longo espaço sustentar o escudo,  
Que ampara tudo o que o seu Reino encerra,  
E encher de astros o Ceo, de Heroes a terra.

Cantou a Musa, e sobre todos chove  
Celeste ambrosia; alado mensageiro  
Leva as noticias ao supremo Jove.

Ouvio então do mar o reino inteiro  
A fatidica voz, e o nobre canto  
De Protheo, que os futuros vio primeiro.

Cantava como ainda... mas o espanto  
Dos olhos me roubou tudo o que eu via,  
Que os timidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo, e de ostras, dividia  
A já cansada proa os mares grossos,  
Até que amanheceo o novo dia.

Se em fim respiro os puros climas nossos  
No teu seio fecundo, ó patria amada,  
Em paz descancem os meus frios ossos.

Vive Termindo, e na inconstante estrada  
Piza a cervis da indomita fortuna,  
Tendo a volubil roda encadeada  
Aos pés do throno em solida columna.



---

SONETO.

AO MARQUEZ DO PCMBAL,

*Quando em sua queda, o povo de Lisboa pediu que se  
tirasse o seu retrato, que se havia posto no monu-  
mento do Terreiro do Paço.*

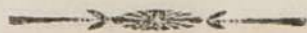
**N**AO temas, não Marquez, que o povo injusto  
De teus grandes serviços esquecido,  
Pelos gritos da enveja enfurecido  
Sollicite abolir teu nobre busto.

Para ser immortal teu nome augusto  
Não depende do bronze derretido;  
Em mais firmes padrões fica insculpido  
Teu nome excelso, teu valor robusto.

Lisboa restaurada, o Reino ornado  
De Sciencia, de Industria, e de cultura,  
De Policia, e Commercio apropriado:

A Tropa regulada, a Fé segura,  
O Thesouro provido, o mar guardado:  
Eis aqui do teu genio a copia pura.

*Por J. B. da Gama.*



## SONETO.

AO MESMO MARQUEZ,

*Appresentando-lhe o Poema Uruguay,  
o mesmo Autor.*

**E**RGUE de jaspe hum globo alvo, e rotundo,  
E em cima a estatua de hum Heroe perfeito;  
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,  
Que o seu nome enche a terra, e o mar profundo.

Mostra no jaspe, Artifice facundo,  
Em muda historia tanto illustre feito,  
Paz, Justiça, Abundancia, e firme peito,  
Isto nos basta á nós, e ao nosso Mundo.

Mas porque póde em seculo futuro,  
Peregrino, que o mar de nós affasta,  
Duvidar quem anima o jaspe duro:

Mostra-lhe mais Lisboa rica, e vasta,  
E o Commercio, e em logar remoto, e escuro,  
Chorando a Hypocrisia, Isto lhe basta.



---

**SONETO.**

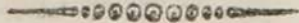
*Do mesmo Autor, a Nossa Senhora da Madre de Deos, quando com as pessoas do Navio, em que fora para Lisboa lhe offerecerão o Traquete, segundo o voto feito em grande temporal.*

**S**E eu beijo a praia, e vos penduro o voto,  
E se ainda respiro nestes ares,  
Forão vossos prodigios singulares,  
Não dextreza do palido piloto.

Qual fosse a furia do soberbo Nôto  
Mostrão vossos Santissimos Altares,  
Este despojo dos vencidos mares,  
Farpado resto do Traquete roto.

Cobrio-se o mar e o Ceo de sombra escura,  
E a Náo pendente, e surda ao leme e á vela,  
Nos fez tocar da morte a sepultura:

Porém veio a manhã serena e bella;  
E como não viria, ó Virgem pura,  
Sendo Vós nossa Aurora, e nossa Estrella!



SONETO.

A' RAINHA D. MARIA I.

*Pelo mesmo Autor.*

**E**M quanto o Potemkim o Turco aterra  
Junto ás faldas do Caucaso eminente,  
E a palida, barbuda, infida gente,  
Confusa de Bisancio as portas cerra;

Emquanto Brandbourg lamenta a guerra,  
Que Leopoldo illudio astutamente,  
E a Belgica rebelde abaixa a frente,  
Até tocar co' o rosto o pó da terra;

Emquando o fero Inglez, com manha e tento,  
Novos planos projecta cada dia,  
E o ligeiro Francez dá leis ao vento;

Hymnos ao Ceo a Lusitania envia,  
Pelos bens, que recebe cento á cento,  
Das mãos benignas da immortal Maria,





*Descripção, e Fabula do Pão de Assucar, e do sitio denominado e Botafogo, extrahida do 2.º Canto do Poema Heroi-Comico, inedito — Estolaida, — composto por João Pereira da Silva, do Rio de Janeiro.*

## X.

**H**A na foz larga d'este equoreo Rio,  
 Que o nome tem do Deos de dous semblantes,  
 Morto remanso em hum logar sadio,  
 E defêso dos ventos sibilantes:  
 Alli não calla o Inverno, nem o Estio:  
 Babuja o mar co' as conchas mais galantes:  
 Do silencio palacio verdadeiro,  
 Que cerra o *Pão de Assucar* sobranceiro.

## XI.

Esta penha redonda, alta, e pontuda,  
 Suster parece a Capricornea Zoua:  
 A piramide Egypcia mais aguda  
 D'ella á vista se abate, e desabona.  
 Ou he da madre Terra a lingua muda,  
 Do Mundo antigo maravilha nona,  
 Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,  
 Pão de Assucar do Chá dos Centimanos.

## XII.

Tomando sim os mostruosos Brontes  
 De Bacco o Chá na Liparea cópa,  
 Alçarão contra o Ceo soberbas frontes,  
 E qualquer joga as armas com que tópa;  
 Com as chicaras lhe atirão de ôcos montes,  
 Cahe na Asia o Tauro, e os Perineos na Europa;  
 E o Pão de Assucar, como mais ligeiro,  
 Na foz cahio do Rio de Janeiro.

Seu cume excelso sempre fumegante  
 Aparece por vezes inflamado:  
 Raios trisulcos lança-lhe o Tonante,  
 Neptuno o tem bramindo rodeado.  
 E ou por jazer debaixo algum gigante,  
 Qu'inda chammas vomita exasperado,  
 Ou dos relâmpos pelo assiduo jôgo,  
 Chama-se a curva praia — *Botafogo.* —



## ODE.

*Recitada no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, em  
 presença do Vice Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, por  
 seu Autor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; de Mi-  
 nus Geraes; no dia 12 de Outubro 1788.*

## I.

**L**ONGE, longe daqui, vulgo profano,  
 Que das Musas ignoras os segredos.  
 Eu vi sobre rochedos,  
 Onde nunca tocou vestigio humano,  
 Alta Deosa descer com fausto agoiro  
 Em branca nuvem realçada d'oiro.

## II.

Ah! vem, formosa candida Verdade,  
 Nos versos meos a tua luz derrama;  
 Por elles nome e fama  
 Terei com gloria na futura idade:  
 Premio, que me não rouba a mão escassa  
 Do tempo injusto, que voando passa.



III.

A perfida lisonja, pregoeira  
De palmas e tropheos não merecidos,  
Aos éccos repetidos  
Da minha Lyra fuge mais ligeira,  
Do que cruza os limites do Hemisferio  
O leve fusilar do fogo ethereo.

IV.

Levante embora os façanhosos Templos  
Barbaro habitador do cego Egypto,  
Onde de infame rito  
Deixe aos mortaes tristissimos exemplos,  
Louca vaidade, e orgulho, que nutrirão,  
E inda agora as Piramides respirão.

V.

De Nações, que assolou com guerra dura,  
Obeliscos transporta a antiga Roma:  
Nos curvos hombros toma  
O vasto pezo, que elevar procura;  
E a molle immensa, que o Averno opprime,  
Fere co' a ponta aguda o Ceo sublime.

VI.

De que servem á fraca humanidade  
Esses de falsa glória monumentos?  
Insultados dos ventos  
Estereis passarão de idade á idade,  
Qual Gelboé, que o Ceo não abençoá,  
E sô ú'aridas pedras se povóa.

VII.

Tu sim, com gloria ao Mundo e aos Ceos acceito,  
Te elevas, firme asilo da Innocencia;  
Tua magnificencia  
Co' as virtudes se abraça em laço estreito;  
Estes não são os muros, onde dorme  
A vã superstição; e o vicio enórme.

VIII.

Eu t'admiro qual arvore frondosa,  
Que, novos fructos produzindo, cresce:  
    Por ti risonha desce  
Suave Primavera deleitosa.  
Nem temas que te roube Astro maligno  
O orvalho creador do Ceo benigno.

IX.

Em vão gelado Inverno extenda as azas  
Sobre o carro de Bóreas proceloso;  
    Em vão o Cão raivoso  
Chammas espalhe nas Celestes cazas:  
Sempre illesa serás, segura, eterna;  
Quanto se deve á mão, que nos governa!

X.

O' generosa mão, que não desmaias  
No meio das fadigas! Ou dos montes  
    Desçam as puras fontes,  
Ou fuja o mar infesto as nossas praias:  
Ou a peste horrorosa, magra, e escura  
Ache no antigo lago a sepultura.

XI.

As Artes se levantão apressadas,  
E alegres, á colher a flor e o fructo:  
    E as Musas por tributo,  
Enlaçando Coroas engraçadas,  
Mandão nas azas do ligeiro vento  
Hymnos de paz ao claro firmamento.

XII.

Doce Paz, ah! não fujas! Longos annos  
A Guerra n'outros campos homicida,  
    Semeie enfurecida  
Co'a mão ensanguentada os mortaes danos;  
E em tanto no seo bosque alto, e sombrio  
Descanse em urna d'oiro o Patrio Rio.



XIII.

Mas que trovões? Que nuvem sobre os ares  
Vôa açoitada do soberbo Noto?

Vem, O' sabio Piloto

A furia contrastar dos negros mares,  
E a vencedora nao possa contente  
Lançar na curva praia o ferreo dente.

XIV.

Se a Discordia com éccos furibundos  
Sacóde a negra facha accessa em ira:

Se o furor, que respira,

Turba os vastos confins d'ambos os Mundos;  
Tu abrirás no campo da victoria  
Novos caminhos para nova gloria.

XV.

Qual o Leão feroz, que generoso,  
Brando, e grave, na paz encobre a furia,

Mas que depois da injuria

Encrespa a grenha, e firme, e valeroso  
Arrostra o inimigo, e não descança  
Sem tomar no seo sangue alta vingança:

XVI.

Tal espero de ver-te, O' novo Marte,  
Por entre estragos, mortes, e ruinas,

As Lusitanas Quinas

Levando vencedor por toda a parte,  
E igual aos teos Maiores sobre a terra  
Grande sempre na Paz, grande na Guerra.

ODE.

*Ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, recitada pelo  
seu Autor, Domingos Vidal de Barboza, do Rio de  
Janeiro, em 10 de Outubro de 1783.*

I.

Brilhante luz, que me transporta, admiro!

Sinto em meo peito estranho movimento!

Que doce encanto! Novo ar respiro!

Já oiço no alto assento

A aurea Trompa da Deosa verdadeira

D'altas accões eterna pregoeira.

II.

O' Musa, de Luiz a gloria canto;

Prende-se a voz no rude e fraco peito,

Palpita o coração cheio de espanto,

E cheio de respeito;

Pois com tremula mão a Lyra afino,

Desça á inflamar-me o teu furor divino.

III.

Eu vejo suspendida sobre os ares

A grande tócha da immortal Verdade!

Santa Innocencia, vejo os teos altares

Isento de maldade!

Entre doirada nuvem luminosa

Alegre desce Astréa magestosa.

IV.

A Justiça levanta o braço irado,

Açoita os monstros, que o mortal veneno

Vomitão co'a desordem misturado;

O justo Ceo sereno

Abre com larga mão rico thesoiro,

E manda por Luiz a idade d'ouro.



V.

A deshonra, e o adulterio enfurecidos  
Por terra vendo o seo antigo imperio,  
Da candida Justiça perseguidos  
    Buscão outro hemisferio:  
As leves negras azas desferindo  
Quaes timidas do Açor pombas fugindo.

V.

A Paz, a doce Paz, terna e ditosa,  
Por entre nós voando diligente,  
Co' alegre manto còbre carinhosa  
    O justo, e o innocente:  
Já vemos o que o Fado promettia,  
Dias de gosto, dias de alegria.

VII.

Se não vemos desfeitos fortes muros  
Aos tristes éccos do terrivel Marte  
Entre glóbos de fumo altos e escuros;  
    Vemos Engenho e Arte,  
Que podem espalhar por toda a terra  
Gloria na Paz, nome immortal na Guerra.

VIII.

O irado Tempo, que ancioso vóa  
N'alta carroça, que com pressa gyra,  
Veloz o quente eixo fuma e soa,  
    Parando cheio d'ira,  
A rouca voz soltou vociferando,  
Da boca pelos cantos escumando:

IX.

Do infalivel Destino tenho ouvido  
Que teu nome, no Mundo respeitado,  
Será do meu imperio defendido;  
    Mortal afortunado,  
Escuta, á meu pesar, a profecia,  
Que se verá cumprida em algum dia.

X.

N'esta foice , de ruinas instrumento ,  
Teu nome gravarei ; co' elle lançando  
A gloria dos Heróes , no esquecimento ,  
Que a Fama anda cantando ,  
Voltarei contra mim o odio e a inveja ,  
Sem que nenhum isento o Mundo veja .

XI.

Serei triste e terrível homicida  
D'altos Imperios , Torres elevadas ;  
Pobre choupana á cinzas redúzida ,  
Cidades sublimadas ,  
Tudo consumirei ; só tua gloria  
Verei sobir ao Templo da Memoria .

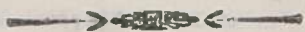
XII.

Isto dizendo , o écco retumbava ,  
E de Luiz o nome assignalado  
Nas azas da virtude aos Ceos voava .  
O mesmo velho irado  
Por hum pouco depoem a furia insana ,  
Que tem de destruir a raça humana .

XIII.

E vós , Senhor , que unis no illustre peito  
Do bravo Marte ora terror e espanto ,  
Da sabia Deosa ora o sagrado effeito ,  
Não desprezeis meu canto ;  
As debeis novas forças inda rudes  
Não podem bem louvar vossas virtudes .





## SONETO.

*Ao lançar-se ao mar, no Rio de Janeiro a Náo Serpente  
(depois São Sebastião) no Vice-Reinado do  
Conde da Cunha.*

**J**A do lenho as prisões se desatarão,  
E assustada serpente as aguas trilha,  
Já ondêa no mar a instavel ilha,  
E já no fundo as ancoras pegarão.

Os ventos sobre as azas se firmarão  
Por ver de perto a nova maravilha,  
E ao vasto peso da disôrme quilha,  
Gemeo Neptuno, e as ondas s' incurvarão.

Verdes Nymphas azues do pégo undoso,  
Conduzi pelos humidos logares  
Esse errante edificio magestoso:

E entre tantas empresas singulares,  
Veja o mundo qual he mais glorioso,  
Dar leis á terra, se por freio aos mares.

---

*Par J. B. da Gama.*

---

SONETO.

*Ao Doutor A. F. R. sobre kuma Memoria por elle escrita  
contra as mulheres, aconselhando ao Author desta  
Poezia, que se não casasse.*

**Q**UE importa, meu Doutor, tenha defeitos,  
Mais do que o nosso, o Séxo feminino?  
Que seria do Sexo masculino,  
Faltando quem nos gera, (\*) e nutre aos peitos?

São mutuos dos dous Séxos os effeitos,  
Tendem hum para outro, em força e tino;  
E a dependencia he tal, que o Ser Divino  
Quiz que no mesmo dia fossem feitos.

Mas he nossa partilha o ser injustos;  
Quam mal pagamos ás que o Ser nos derão,  
E á quem sempre custamos dor, e sustos?

Oh! Se Ellas nossos crimes escreverão!...  
Ou tiverão dous braços mais robustos!...  
Tantos homens perversos não viverão!

---

(\*) Allude-se á que a mulher tem maior parte no Systema da geração: por isso que o embrião existe inteiramente formado no Ovulo materno.

*Por Custodio Gonçalves Ledo.  
Natural do Rio de Janeiro.*



---

**SONETO.**

*Ao mesmo assumpto, e para prova de que o Poeta não muda de intenção, por mais que o seu amigo o queira dissuadir.*

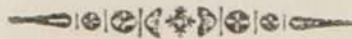
**Q**UAM doce he, meu Doutor, na Estação fria  
Passar a noite em braços da Consorte,  
E unido á ella em conjugal transporte,  
Pedir á Aurora que demóre o dia!

Ah! Que se em taes lenções inda me via,  
Antes de me tocar a mão da morte,  
Ganhava novo Ser, e nedio, e forte  
Mais largos annos que Nestor vivia!

Muito embora me agoures que o ciúme,  
E os zelos da Consorte, accêso o peito,  
Havião de trazer-me em vivo lume:

Não vario por isso de conceito;  
Por quanto em persiatiudo hum tal queixúme,  
Dava-lhé a cura sem sahir do leito.

*Pelo mesmo C. G. Léo,*



## ODE.

### A' MOCIDADE PORTUGUEZA.

POR OCCASIAO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
PELO MARQUEZ DO POMBAL.

*Foi composta por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga,  
então estudante da mesma Universidade.*

#### I.

**A** Fastosa indolencia,  
Tarda preguiça, e mólle occiosidade,  
Tiveste por Sciencia,  
Infeliz Lusitana Mocidade.  
Viste passar, cahindo de erro em erro,  
Barbaros dias, seculos de ferro.

#### II.

Parece não tocada  
A arêa, que já foi por tantas vezes  
Com o suor regada  
Dos Sabios, dos antigos Portuguezes,  
Que em premio das fadigas alcançarão  
Os verdes loiros, de que a frente ornarão.

#### III.

Longe de seus altares  
Jaz a Deosa, que horror! posta em desprezo.  
Cobre de sombra os ares  
Deos do trovão, hum raio d'ira acceso  
Vingue a Filha do Ceo. Os mundos tremem,  
O Sol desmaia, o vento e os mares gemem.



IV.

A face descorada  
No manto azul co' a propria mão esconde,  
Por não ver coroada  
A ignorancia, qu' insulta e que responde,  
Que em seus annaes escreve por façanha  
Ter subjugado a generosa Hespanha.

V.

Mas ella vê por terra  
Todo o seu culto á cinzas reduzido.  
Faz-lhe improvisa guerra  
Raio consumidor do Ceo cahido;  
Nem ha portas de bonze, ou muros d'aço,  
Tudo cede ao poder do Augusto braço.

VI.

Aos cegos Africanos  
Vôa a superstição buscando asilo.  
Fanaticos enganos,  
Tornai ás margens do encantado Nilo,  
E o negro monstro, que se expõem sereno  
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.

VII.

A perfida impostura  
Nem sempre ha de reinar; hum claro dia  
Aparta a nevoa escura  
Do teu Templo, immortal Sabedoria:  
Gemem das aureas portas os ferrolhos,  
E a desuzada luz offende os olhos,

VIII.

Aquella mão robusta,  
Dos Herculeos trabalhos não cansada,  
Não treme, não se assusta  
Quando te leva aos Astros, adornada  
Do nativo esplendor, e magestade,  
Qual já te vio de Roma a bella idade.

IX.

Assim depois que dura  
Seculos mil essa ave portentosa,  
Da mesma sepultura  
Resuscita mais bella e mais formosa,  
Para admirar de nova gloria chea  
Os aridos desertos da Sabéa.

X.

O' candida Verdade,  
Filha da immensa luz, que o Sol conserva,  
Illustra em toda a idade  
Este sagrado Templo de Minerva.  
Digna-te ser, pois veus do assento ethereo,  
A Deosa tutelar do nosso Imperio.

XI.

E vós, ou vos criasse  
A nobre Lysia no fecundo seio,  
Ou já nos convidasse  
Amor das Lettras no regaço alheio,  
Cortando os mares, desde as praias, onde  
O oiro nasce, e o Sol o carro esconde;

XII.

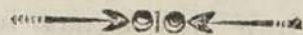
Pisai cheios de gosto  
Da bella gloria os asperos caminhos,  
Em quanto volta o rosto  
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,  
E fazei que por vós inda se veja  
O Imperio florecente, e firme a Igreja.

XIII.

Longe do féro estrago  
Os pomos d'oiro colhereis sem susto.  
O sibilante Drago  
Cahio sem vida aos pés do Throno Augusto;  
E ainda tem sobre a testa formidavel  
Do grandio Heroe a lança inevitavel.



Enchei os ternos votos  
Da nascente esperança Portugueza;  
Por caminhos remotos  
Guia a virtude ao Templo da Grandeza:  
Hide, correi, voai, que por vós chama  
O Rei, a Patria, o Mundo, a Gloria, a Fama.



A' ESTATUA EQUESTRE, EM LISBOA.

OITAVA.

**V**IO Minerva de hum jacto só fundida  
Com tanta perfeição a Estatua rara,  
Que pezarosa de faltar-lhe a vida  
Diligente á animal-a se prepara;  
O fogo ethereo, com a mão erguida,  
Hia á infundir-lhe, mas attenta pára,  
Vendo que ficaria desta sorte  
Huma obra immortal sujeita á morte.

Por *Joaquim Ignaciao de Seixas Brandão*,  
(Medico das Caldas) Natural de Minas Geraes.

AO POEMA URAGUAY.

SONETO.

PELO MESMO AUTOR

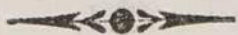
**P**ARECE-ME que vejo a grossa enchente,  
E a Villa errante, que nas aguas boia:  
Detesto os crimes da infernal tramaioia;  
Choro a Cacambo, e o Cepé valente.

Não he presagio vão, lerá a gente  
A guerra do Uruguay, como a de Troya;  
E o lacrimoso caso de Lindoya  
Fará sentir o peito, que não sente.

Ao longe, a inveja hum paiz ermo, e bronco  
Infecte com seu halito perverso,  
Que a ti só chega o mal distincto ronco.

Ah! consente que o meu junto ao teu verso,  
Qual fraca vide que se arrima á hum tronco,  
Tambem vá discorrer pelo Universo.





## OITAVA.

Estavas linda Ignez posta em socego  
De teus annos colhendo o doce fruto  
Naquelle engano d'alma ledo, e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego  
De teus formosos olhos nunca enxuto  
Aos montes ensinando, e as ervinhas  
O nome, que no peito escrito tinhas.

*Canções Cant. 3. est. 120.*

## GLOZA.

*Do mesmo Autor.*

I.

**P**ASSAVAS com descanso noite, e dia  
De amorosos cuidados innocente,  
Já vendo as flores, que este campo cria,  
Já do Mondego a placida corrente,  
Já ouvindo das aves a harmonia,  
Com que voão cantando alegremente,  
E apesar desse Deos injusto, e cego,  
Estavas linda Ignez posta em socego.

II.

Amor, que ha muito tempo o magoava  
Ver-te isenta passar a flor dos annos,  
Em ti descarregando toda a aljava  
Queria sujeitar-te aos seus enganos;  
Da multidão das settas que atirava  
Nenhuma faz em ti seus cruéis damnos,  
Antes hias sem dar á Amor tributo  
De teus annos colhendo o doce fructo.

## III.

Vôa á Sicilia o Deos envergonhado,  
 Entra do Pai nas fumegantes covas,  
 E depois de se haver de ti queixado,  
 Formosa Ignez, lhe pede setas novas;  
 Bem mostra neste excesso que empenhado  
 Quer fazer de teu peito extremas provas,  
 Só porque vivas tendo amante emprego  
 Naquelle engano d'alma ledo e cego.

## IV.

Huma setta Vulcano lhe põe prompta,  
 Porque sentio o filho ver afflicto,  
 Com que castigar possa a sua affronta,  
 Como se o não amar fosse delicto;  
 No gume de oiro da afinada ponta  
 De Pedro lhe gravou o nome escrito,  
 Por levar da innocencia aquelle fructo,  
 Que a fortuna não deixa durar muito.

## V.

Já corta o ar sereno o Deos menino  
 Com a paterna dadiva contente,  
 Deixando atrás o Ploro, e o Paquino,  
 A Serdenha, e Maina juntamente;  
 Vê á esquerda a Italia, o Apenino,  
 Os Pyrineos já passa, a ibirea gente,  
 E a seu vôo ligeiro põe socego  
 Nos saudosos campos do Mondego.

## VI.

Aqui pertende das antigas dores  
 Tomar vingança, restaurando a gloria;  
 Já grita, altiva Ignez, dos meus furores,  
 Hoje não fugirás, tenho a victoria;  
 Inda tempo virá, em que os Pastores  
 Aqui venhão cantar della a memoria  
 Ao pé deste rochedo bronco, e bruto,  
 De teus formosos olhos nunca enxuto.



VII.

Acabou de fallar, e diligente  
Por não errar o tiro fez estudo,  
Despede, a setta corre velozmente,  
Traspassa o tenro peito o ferro agudo;  
Aprenda, diz Amor, todo o vivente  
Que á meu grande poder se rende tudo;  
E vós, ó Ninfas, ide as glorias minhas  
A's flores ensinando, e ás ervinhas.

VIII.

Fugio Amor, roubando-te o socego,  
Ignez, d'huma alma livre o melhor fructo:  
Que não póde ao imperio duro, e cego  
Humano coração resistir muito;  
Amante já as margens do Mondego  
Passêas com o rosto nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e ás hervinhas  
O nome, que no peito escrito tinhas.

Achando-se o marquez do Pombal na sua Quinta da *Granja*, em occasião da chegada do Correio de Roma, que trazia a Bulla da extincção dos Jesuitas, fez elle ver á Companhia, que o cercava, a Medalha, que vinha com a dita Bulla, em que se vião gravadas as Armas de Clemente XIV., as quaes erão hum monte com tres Estrellas no seu cume, ficando-lhe fronteiro o Escudo das Armas de Portugal; e por cima o Sol espargindo a sua luz sobre as Quinas, dellas reverberando nas Armas do Pontifice, e daqui cahindo raios, que aterravão figuras de Jesuitas, que se vião cahidos com seus livros debaixo dos braços. Em roda da Medalha havia esta legenda extrahida do I.º Livro dos Macabeos — *refulsit Sol in clipeos aureos, resplenduerunt montes ab eis... et multitudo gentium dissipata est.* — No reverso da Medalha, quatro meias luas, com as pontas humas para as outras, fazião ver as Armas do Marquez.

Tendo chegado esta Medalha ás mãos de J. B. da Gama, que estava na companhia, depois de estar attento hum pouco para as Estrellas e Legenda, ao entregar a Medalha ao Marquez repetio de improviso a seguinte

### DECIMA.

Não virão Sol nem Estrellas  
 Os turbados horisontes;  
 Quem deo luz á Escudo e Montes.  
 Forão vossas Luas bellas.  
 Vossas providas cautellas  
 Nos servirão de pharol,  
 E o Romano Girasol,  
 La das Eminencias suas,  
 Vendo ao longe quatro Luas.  
 Cuidou que era a luz do Sol.

### NOTA:

Traducção da Legenda Latina. — Brillhou o Sol nos escudos doirados, com a sua reverberação resplandecerão os montes... e dispersou-se a multidão dos povos.



J. B. da Gama, estando em huma Quinta em Cintra, escrevia no tronco de huma arvore os seguintes versos:

Neste tronco, com meus votos,  
Escrevo os de Marcia bella.

Huma Senhora, amante das Musas, o fez não continuar, pedindo ao Padre Domingos Caldas Barboza, natural do Rio de Janeiro, que se achava presente, que acabasse de improviso a quadra; e elle sem demora escreveu os seguintes versos:

Porém se o tronco murchar,  
Não he por mim, he por ella.

Contão-se muitos improvisos deste mesmo Padre Caldas, dos quaes copiaremos alguns, que sem duvida merecem ser lidos.

Entrava em huma Salla o Negociante Caldas, á tempo que o Padre improvisava ao som da guitarra, como era seu costume, e immediatamente o cortejou dirigindo-lhe a seguinte quadra, frisante pelas qualidades de rico e pobre, branco e pardo, por onde se distinguão o Negociante do Poeta.

Tu hes Caldas; eu sou Caldas;  
Tu hes rico, e eu sou pobre;  
Tu hes o Caldas de oiro,  
Eu sou o Caldas de cobre.

Em outra occasião improvisava, cantando e glosando o motte que se dera, — *quem perdeu a liberdade* —; e por que teve hum engano, acodio logo com a seguinte quadra.

Errei o verso, he verdade,  
E confessár he precizo;  
Que muito que perca o sizo  
Quem perdeu a liberdade?

Tambem glosava — *tem dó do meo coração*; — e por que cada huma das Senhoras lhe dava o consoante com que elle formava a quadra, huma, talvez para o embarçar, lhe dice: — *pião* —, e elle sem demorar-se fez assim a quadra:

Tu me fazes dar mil voltas,  
Como se eu fosse hum pião;  
Da-me a corda que quizeres,  
Tem dó do meu coração.



*A Illustre O' Neille pergunta que cousa  
sejão saudades.*

RESPOSTA.

*Pelo mesmo Autor.*

**M**USA, basta de silencio,  
Quer linda O'Neille escutar-nos,  
E á sua amavel grandeza,  
Seria crime escusar-nos.

Limpo as ferrugentas cordas;  
Mas desmaia o coração;  
E ao pensar no excelso Nome,  
Me cahe a lira da mão.

He esta a que em berço agosto,  
Graças, e Musas dotarão,  
E á quem Artes, e Sciencias,  
A docil razão guiarão.

He esta a Britana Sapho,  
A quem rendem vassalage,  
Com Dacier erudita,  
A suave du Bocage:

Qu'estuda o Homem com Pope,  
Com Robertson lê o Mundo,  
Ri com Swift engraçado,  
E segue a Newton profundo.

Co's ouvidos costumados  
A' meigas vozes sonoras,  
Porque tem seu lugar proprio  
Entre as Aonias cantoras;



Como poderá ouvir  
Os meos roucos gritos vaõs,  
Sem tapar sabios ouvidos,  
Com as jasminadas mãos?

Não he do Tamisa hum Cisne,  
Que vai soltar doce canto;  
Brasileiro Papagaio  
De arremedo a voz levanto.

Tinha razão de callar-me,  
Deveria emmudecer,  
Mas se O'Neille quer q'eu falle;  
He virtude obedecer.

Em fim, Musa, obedeçamos,  
Basta já de dar desculpa,  
Porq' o muito disculpar,  
Tambem ás vezes he culpa.

Pois saber o que he saudade,  
Gentil O' Neille, careces,  
Vou talvez dizer-te hum mal,  
Que soffres, e não conheces.

Dirão huns q' he sentimento,  
Que só Portuguezes tem;  
E q' importa falte aos outros,  
Vozes qu' o expliquem bem?

Mas eu, Senhora, não quero  
Illudir vossa grandeza;  
Saudade, he nome qu' explica  
Triste mal da Natureza.

Filha da cruel ausencia  
He essa terna paixão,  
Que se nutre de esperanças  
No sensivel coração.

De lembranças, e desejos,  
Tristemente acompanhada,  
Punge, e fere huma alma terna,  
Do amado bem separada;

Por exemplo dividida  
Da tua cara metade,  
Toda essa falta que sentes,  
Isso, O' Neille, he qu' he saudade.

Em meio de mil prazeres,  
Sempre esta paixão he triste,  
E á seu intimo tormento,  
Nenhuma cousa resiste:

Obriga á lagrimas tristes,  
Obriga á sentidos ais,  
Nem só humanos obriga,  
Inda á brutos animais.

Ouve o saudoso gorgoeio  
Da amorosa Philomela,  
Quantas vezes te internees  
Co' a triste saudade della?

O aureo collo entumecendo,  
Arrulando o pombo allito,  
Tenra esposa que lhe falta  
Chama em seo saudoso grito.

Bravo sanhudo Leão,  
A madeicha sacudindo,  
Se a cara Leôa prendem,  
Os campos corre bramindo.

Traz estes males Amor;  
Porém a doce Amizade  
Não deixa de ter tambem  
A doença da saudade.

Tu, que a memoria tens cheia  
De mil successos antigos,  
Escusas qu' eu te recontre,  
Tristes saudosos amigos.

Do teu Augusto Ricardo,  
Te lembre a celebre historia,  
E vê do amigo saudoso,  
Qual seja a honrada memoria.



Tambem de fido animal,  
Que seo bom senhor perdeo,  
Se conta que de saudades,  
Junto ao sepulcro morreo.

He de temer este mal,  
O tempo o torna mais forte,  
E em lhe faltando a esperança,  
Bem depressa he mal de morte.

Basta, Senhora: já sabes,  
Q' em fim saudade só he  
O sentimento q' hum soffre,  
Quando o que estima não vé.

Tu, qu' onde quer qu' appareces,  
Causas Amor, e Amizade,  
Terás dado (eu não duvido)  
Motivo á muita saudade.

Os nossos Leitores desculparão a publicidade que damos aos seguintes versos jocosos ; elles são produções de hum Mestre çapateiro , sem estudos ; mas o seo genio apparece nos mesmos disparates de suas composições , e por isso os espiritos joviaes amarão ler , depois de tantas poesias serias , estas que recreão pela sua singularidade.



## SONETO.

Por *Jouquim José da Silva*, natural do Rio de Janeiro.

**E**U queria, mas eu tenho vergonha  
De dar á conhecer minha tolice ;  
Deixemos de fazer a parvoice ,  
Que havia feder mais do que a peçonha.

Mas que importa que outro se me oponha  
Por querer ser pateta , ou ser felice ,  
Se com migo assentei por fanforrice  
Ser hoje o grande Duque de Bourgonha ?

Já contente no meo gauderio estado  
Tenho fardas, palacios, e dinheiro :  
Já não peço á ninguem nada emprestado.

Porém leve o diabo o meu roteiro ,  
Que apesar das farofias do Ducado ,  
Todos me lêm nas costas — çapateiro. —



SONETO.

*Do mesmo Autor.*

**A**S Rimas de João Xavier de Mattos  
São obras de hum Genio bem completo;  
Mas melhor não faz elle hum bom Soneto,  
Do que eu faço alguns pares de çapatos.

Se elle só procura genios gratos,  
Eu quero Cordovão do mais selecto;  
Queixa-se elle do seu ingrato affecto,  
Eu me alegro de ver genios ingratos.

Bem sei que toda a Côrte de Lisboa  
Aplausos mil lhe dá com bisarria:  
Que a fama do seu verso o mundo atrôa;

Porém eu tenho cá outra valia,  
Porque todo o Brasil já me apregoa  
Primaz da Parnasal çapataria.

SONETO.

*Do mesmo.*

**S**ENHOR Mestre Alfaite, este calção  
Está como os çapatos, que eu lhe fiz?  
De que serve o dedal, thesoura e giz,  
Se não sabe pegar-lhe com a mão?

Você não he Alfaiate, he remendão,  
Eu bem podia crer o que se diz;  
Porém como por asno nunca quiz,  
Justo he sinta o mal sem remissão.

Já outro que ali mora junto á Sé  
Bem conhecido, Antonio Marroquim,  
Me deitou á perder hum guarda-pé.

Se eu daqui á dez annos, para mim,  
Não fizer hum calção de sufulié,  
Não me chamem jámais Mestre Joaquim.

SONETO.

*Do mesmo.*

**S**E quizer tomar lá o seu codório,  
Os desençaiches meus afoito lea,  
Que gostará mais delles que da cea,  
Que honte á noite comeo no Refeitório.

Não nego que o meu Padre Frei Honorio  
Goste mais do molhinho da lamprea,  
Porém a frigideira cá da vea  
Causa á todos melhor consolatorio.

Ao menos o bom Rio de Janeiro  
Não possuio hum genio desta casta,  
Por mais e mais que corra o seu roteiro.

Tem possuido alguns de afasta afasta:  
Porém nunca hum Poeta çapateiro,  
Que tenha hum tal humor; á Deos, que basta.

SONETO.

*Do mesmo.*

**N**ÃO se enfade, menina, dessa sorte,  
Por São Paulo me espere mais huns dias,  
Que os çapatos kirão nas noites frias,  
Pois não quer São Crispim que agora os córte.

Praza a Deos que eu de todo vença a morte,  
Que verá como em tres Ave Marias  
Lhe faço pra estragar as francesias  
Çapatos de setim com sólla forte.

Mas se os quer com mais pronta raridade,  
Requeira a Solimão na Mauritania  
Que servida ha de ser com mais vontade.

Pois elle pela ver na nova Albania,  
Lhe dará p'ra que traje á divindade,  
As botas do Grão Duque de Aquitania.



SONETO.

*Do mesmo*

**H**UM batuque se fez em São Gonçalo  
Das Moçoilas do Rio de Janeiro,  
Onde foi Frei Thobias pasteleiro,  
E escamador, Pai Paulo, de hum roballo.

Eis o grande Camões no seu cavallo,  
Todo torto, mui feio, e mui faceiro,  
Conduzia á função hum candieiro,  
Tres tainhas, seis pargos, e hum gallo.

Por não perder da Festa a grande manja  
Tambem se achou hum certo salafriario,  
Com cara mais inchada que turanja

Porém como não era batucario,  
Apenas o brindarão com laranja  
Serenada no ilhoz do seu Vigario.

SONETO.

*Do mesmo.*

**G**RANDE festa, Senhores, la se fez  
Onde vóa no mar muito alcatraz;  
Foi o bom Pregador hum Frei Thomaz,  
Sendo só os cantores pargos tres.

Dous gallos cada qual por sua vez,  
Com vinte cheireletes mais atraz,  
Dera sótta, codilho, seis, e az,  
O peixe de que gosta o Rei Francez.

A' função não faltarão tres goriz,  
Que dentro em quatro mil cascas de noz  
Lhe servirão de pages dous seriz.

Mas tem mão, Musa minha, á tua voz,  
Que quasi me parece por hum triz,  
Que o Soneto lá vae de foz em foz.

SONETO.

*Do mesmo.*

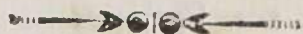
**M**AIS bulha, mais estrondo, e mais aballo  
Faz em meu peito a vossa tirania,  
Do que fez á Troiana Monarquia  
A traição formidavel do cavallo.

Mais brandas dão as torres ao badallo  
No sabbado depois da Alleluia,  
Do que a vossa cruel dura porfia  
Bate em mim fortemente por regallo.

Ora deixe esse genio presumido,  
Não darás mil carreiras e galópes,  
Como Jarbas fez dar á amante Dido.

Imita as Tisbes, Heros, e Merópes,  
Se não o coixo pae do Deos Cupido,  
Te fará sevandija dos Ciclópes.





Amor, busca a tua vida,  
Que me resolvo á deixar-te;  
Se até agora te soffri,  
Não posso mais aturar-te.

## GLOZA.

*Do mesmo Autor.*

### I.

**V**AI inspirar teu orgulho,  
O' tu rapaz malfazejo,  
A' quem arde no desejo  
De seguir o teu barulho.  
Longe de ti o engulho  
De trazer-me de corrida:  
E se alguma amante lida  
Acaso fazer-me intentas,  
Antes que eu te chegue ás ventas,  
Amor busca a tua vida.

### II.

Das tuas settas pontudas  
Meu peito não participa,  
Pois que desse arco de pipa  
Se despedem já rombudas.  
The não temo as mais agudas  
Que teu Pae costuma dar-te:  
Bate as azas por descarte,  
Tira a venda, dá hum ai,  
Vai queixar-te á tua Mãi,  
Que eu me resolvo á deixar-te.

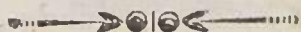
III.

Inda que vás aos Ciclópes  
Pedir temperados ferros,  
Te hei de largar quatro perros,  
Que fugirás aos galópes.  
Inda que o sendal ensópes  
Com pranto de frenesi,  
Zombarei sempre de ti,  
Pois não posso sem atalho  
Aturar-te tão bandalho,  
Se até agora te soffri.

IV.

Esse espirito guerreiro  
Occulta por desafoço,  
Que não debes ter tal fogo,  
Sendo filho de ferreiro.  
Outra vez alcoviteiro  
Vai á ser do fero Marte;  
Que eu posto agora de parte  
Pertendo dar de ti cabo:  
Não hes Amor, hes diabo,  
Não posso mais aturar-te,





Amei a ingrata a mais bella,  
Que o mundo todo em si tem;  
Eu morri sempre por ella,  
Ella nunca me quiz bem.

## GLOZA.

*Do mesmo Autor.*

### I.

**Q**UANDO eu era mais rapaz,  
Qu' jogava o meo pião,  
Andava o Centurião  
Dando á todos sótta e az.  
Nesse tempo aos Sabiás  
Armava a minha esparrella;  
Comia caldo em panella  
Por ter os pratos quebrados;  
E até por mal de pecados,  
Amei a ingrata a mais bella.

### II.

Depois de mais alguns mezes  
Já por baixo de subcapa,  
Pelas calçadas da Lapa  
Pernoitava muitas vezes.  
Não bastarão os arnezes,  
Que herdei de Matusalem;  
Só sei que querendo bem  
Me achei como Antão no êrmo,  
E o mais galante estafermo,  
Que o mundo todo em si tem.

III.

Com os annos, com a idade,  
Na festa e seu oitavario,  
Só, em passo imaginario,  
Andava pela Cidade.  
Se he mentira, ou se he verdade,  
Diga-o a minha masella,  
Que não sendo bagatella  
Bem mostra de cabo á rabo,  
Que por artes do diabo  
Eu morri sempre por ella.

IV.

Depois de velho e caduco,  
Já cheio de barbas brancas,  
Eu bispei-a dando ás trancas  
Nos sertões de Pernambuco.  
Ali trabalho e trabuco  
Por lhe abrandar o desdem;  
Mas o máo modo, que tem,  
Procedido da vil próle,  
Faz crer que nem a pão molle  
Ella nunca me quiz bem.





Sabbado fez quinta feira,  
Domingo fez trez semanas,  
Que pario a porca hum burro,  
Mas com vinte e cinco mamas.

### GLOZA.

*Do mesmo.*

#### I.

**S**EBO de grillo em cardume  
Dizem ser de boa medra;  
Sabão molle feito em pedra  
He hum galante perfume.  
Não he má para betume  
A raiz da escorcioneira:  
A galinha na popeira  
Poem os óvos na malhada;  
Lá na Semana passada  
Sabbado fez quinta feira.

#### II.

Arroz de nabo e cominhos  
Serve de emplastro á espinhella,  
Pimenta, cravo, e canella,  
De lambedor de carinhos.  
Cantochão de Barbadinhos  
Faz arias Italianas;  
Crião misérias humanas  
Hum, e dous, e argolinha;  
Inda á pouco na follinha  
Domingo fez trez semanas.

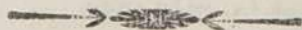
III.

O Estreito de Gibaltar  
Mora da parte d'alem;  
Arroz feito de moquem  
Faz hum bello paladar.  
Não deixa de admirar  
Quem dá forte hum grande murro;  
Qualquer estrondo ou sussurro  
He traste de taboleta;  
Faz bem notorio a Gazeta  
Que pario a porca hum burro:

IV.

Moella de pato macho  
He cordeal d'esquinencia;  
Não se atura a impertinencia  
De quem joga e dá camacho.  
De carapuça e penachro  
Se representão os Diamas;  
Usão heje as novas damas  
No Marquezado de Nisa  
Hum cavalinho de frisa,  
Mas com vinte e cinco mamas.





Empunhou Cupido as settas,  
Dirigio-as a meu peito,  
Obrigou-me a ser amante,  
Amei, ficou satisfeito.

## GLOZA.

*Do mesmo Autor.*

### I.

**N**ENHUM outro mais que eu  
Zombou sempre por capricho  
Desse formidavel bicho,  
Ou gigante pigmeo.  
Do ardente poder seu  
Escarnei ás secretas;  
Mas depois bispando as nettas  
Do mui famoso Plutarco,  
Vibrando mais forte o arco  
Empunhou Cupido as settas.

### II.

Inda assim fogi ao queima,  
Pois na verdade não quero,  
Como Leandro por Hero,  
Fazer outra tal toleima;  
Persisti na minha teima  
Com manha, commodo e geito;  
O que vendo o tal sujeito,  
Despresa as settas rombudas,  
Poem no arco as mais agudas,  
Dirigio-as á meu peito;

X

Qual outro amante mingóte  
Ardendo de amor na calma .  
Quasi dei ao demo a alma  
Na ponta do meu fagóte,  
Poz-me logo á andar de tróte  
Sem socegar hum instante ;  
E com furor incessante  
Em tão terrivel cuidado ,  
Depois de trazer-me á nado ,  
Obrigou-me á ser amante.

XIV.

Nisto tanto se interessa ,  
E me faz tamanho fogo ,  
Que fiquei amante logo  
Desde os pés té a cabeça .  
Succedeo com tanta pressa  
Este caso com effeito ,  
Que sem mover-se mais pleito  
Que o dizer dos Rabolistas ,  
Me poz no Rol dos fadistas ,  
Amei , ficou satisfeito .



Ao pé do monte Sião  
Há hum pé de Cajurû,  
Onde limpava o seo cú  
O Almirante Balão.

GLOZA.

*Do mesmo.*

I.

**D**Espresou Matusalem  
Duzentos annos de vida,  
Por não ver na amante lida  
O gosto, que o lamba tem.  
O Juiz de Santarem  
Quasi estalla de paixão;  
Das montanhas do Japão  
Ungil-o veio o seu Cura,  
Mas desceo-lhe a quebradura  
Ao pé do Monte Sião.

II.

Sem dar accôrdo de si  
Na dura terra prostrado,  
Acodio-lhe o Deos vendado,  
Com a funda de David.  
Huns daqui, outros dali  
Já chegão do Calundû;  
Levado de Bersebu  
Confirma o bom Juvenal,  
Que na nossa Cathedral  
Há hum pé de Cajurû.

III.

Esta mentira tamanha  
Que souo no Oriente,  
Fez abortar de repente  
A Imperatriz de Alemanha.  
Veio a parteira de Hespanha  
Montada n'hum baiacú:  
Faz-se a guerra no Perú  
Por se saber que Mavorte  
Vende a gadauha da morte,  
Onde limpava o seu cú.

IV.

No Romano Capitolio  
Todas estas tradições  
Se dão á ler ás Nações  
N'hum grosso livro de folio.  
Sentado então no seo solio  
Sem ter alguma attenção,  
Deu tremendo caxação,  
No tempo dos trez Filipes,  
Em sua filha Floripes  
O Almirante Balão.



**PARNAZO BRASILEIRO,**

OU

**COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS**

DOS

**POETAS DO BRASIL,**

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

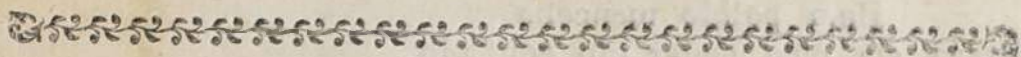
=====  
CADERNO 4.º  
=====



~~~~~  
RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.

1830.



FABULA

DO

RIBEIRÃO DO CARMO.

POR

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Natural de Minas Geraes.

IDILIO.

AONDE levantado
Gigante, a quem tocára,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema, e rára
Desta inculta região, vive *Itamonte*,
Parto da terra, transformado em monte.

De huma penha, que esposa
Foi do invicto Gigante,
Apagando Lucina a luminosa
Alampada brilhante,
Nasci; tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade;
E a pompa imaginada
De toda a minha gloria n'hum só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta, e prado
 Bem polido mancebo
 Girava em meo poder tão confiado,
 Que até do mesmo Phebo
 Imaginava o Throno peregrino
 Ajoelhado aos pés do meo destino.

Não ficou tronco, ou penha,
 Que não desse tributo
 A' meo braço feliz, que já desdenha
 Despotico, absoluto,
 As tenras flores, as mimosas plantas,
 Em rendimentos mil, em glorias tantas.

Mas ah! que Amor tyrauno
 No tempo, em que a alegria
 Se aproveitava mais do meu engano,
 Por aleivosa via
 Introduzio cruel a desventura,
 Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Vizinho ao berço caro,
 Aonde a Patria tive,
 Vivia *Eulina*, esse prodigio raro,
 Que não sei, se inda vive,
 Para brazão eterno da belleza,
 Para injuria fatal da natureza.

Era *Eulina* de *Ancóllo*,
 A mais presada filha;
Ancóllo tão feliz, que o mesmo *Apollo*
 Se lhe próstra, se humilha
 Na copia da riqueza florescente,
 Déstro na Lira, no cantar sciente.

De seus primeiros annos
 Na belleza nativa,
 Humilde *Ancóllo*, em ritos não profanos,
 A bella *Nimpha* esquiva
 Em voto ao sacro *Apollo* consagrara;
 E delle em premio tantos dons herdára.

Trez lustros, todos d'ouro,
A gentil formosura
Vinha tocando apenas, quando o louro,
Brilhante Deos procura
Acreditar do Pai o culto attento,
Na grata aceitação do rendimento.

Mais formosa de *Eulina*
Respirava a belleza;
De ouro a madeixa rica, e peregrina
Dos corações faz preza;
A candida porção de neve bella
Entre as rosadas faces se congela.

Mas, inda que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meo destino, que huma dura
Condição rigorosa
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor, para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu Nume: a dor vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quasi me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha industria o meo despenho:
Com ingrata destreza
Fiei de hum roubo (oh misero delicto!)
A ventura de hum bem, qu' era infinito.

Sabia eu como tinha
Eulina por costume,
(Quando o maior Planeta quasi vinha
Já desmaiando o lume
Para dourar de luz outro horizonte,)
Banhar-se nas corrente de huma fonte.

A' fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a Patria, onde tive o berço amado,
Recolhi numeroso
Thesouro, que roubára diligente
A meu Pai, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido
De hum bosque á fonte perto,
Esperava o portento appetecido
Da Nymphá; e descoberto
Me foi apenas, quando (oh dura empresa!)
Chego; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar; oprimida
A voz entre a garganta
Apollo? diz, Apoll... a voz partida
Lhe nega força tanta:
Mas ah! eu não sei como de repente
Densa nuvem me poem do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços:
Buscar nas sombras o meo bem intento:
Onde á meus ternos laços...!
Onde te escondes, digo, amada *Eulina*?
Quem tanto estrago contra mim fubina?

Mais hia por diante:
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh dor immensa!)
Passar a bella Nymphá, já roubada
Do Numen, á quem fôra consagrada.

Em seos braços a tinha
O louro Apollo presa;
E já ludibrio da fadiga minha,
Por amorosa empresa,
Era despojo da Deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me arrebatara.

Então já da paciencia
As redeas desatadas,
Tóco de meus delirios a inclemencia:
E de todo apagadas
Do acêrto as luzes, busco a morte impia,
De hum agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sobre mim cahindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina; e quasi exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito
O Numen soberano,
Quer vingar ultrajado o seu respeito;
Permittindo em meo damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
Da minha desventura
Triumphe sobre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella *Eulina*,
A cor inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende:
E sobre o mesmo estrago, que me assiste,
Maior ruina emprende:
Que chegando a ser impia huma Deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesouros preciosos
Chegou noticia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos;
E crendo em mim riquezas tão extranhas,
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido ferro duro
Na abrazadora chamma
Sobre os meus hombros bate tão seguro,
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvelo da porfia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah Mortaes! até quando
Vos céga o pensamento!
Que machinas estaes edificando
Sobre tão louco intento?
Como nem inda no seu Reino immundo
Vive seguro o Barathro profundo!

Idolatrando a ruina
Lá penetraes o centro,
Que Apollo não banhou, nem vio Lucina;
E das entranhas dentro
Da fecunda, mas profanada terra
Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita!
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!

Em fim sem esperança,
Que allivios me permitta,
Aqui chorando estou minha mudança;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantasia está presente.

Hum murmurar sonóro
Apenas se-me-escuta;
Que até das mesmas lagrimas, que choro,
A Deidade absoluta
Não consente ao clamor, se esfôrce tanto,
Que mova á compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fabrica eminente
De huma grande Cidade; (1) aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo á meu cuidado.

Competir não pertendo
Contigo, ó cristalino
Tejo, que mansamente vás correndo:
Meu ingrato destino
Me nega a prateada magestade,
Que os muros banha da maior Cidade.

As Nymphas generosas,
Que em tuas praias girão,
O' placido Mondego, rigorosas
De ouvir-me se retirão:
Que de sangue (2) a corrente turva e feia
Teme Ericina, Aglaura, e Deyopéa.

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas, que a fatal porfia
Da humana sede ordena,
Se attenda apenas o ruido horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém, se Apollo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da Musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deos, que o temperado côro téce,
Me fóge, me castiga, e me aborréce!

(1) A Cidade de Marianna, em Minas Geraes.

(2) Allade-se á cor muito avermelhada, que tomão as suas aguas, pelos trabalhos da mineração, em que se desmanchão as terras mais ou menos coradas, as quaes des-cem com as correntes, e as tingem.

Em fim sou, qual te digo,
O *Ribeirão* presado,
De meos Engenhos a fortuna sigo:
Commigo sepultado
Eu choro o meo despenho; elles sem cura
Chorão tambem a sua desventura.



SAUDAÇÃO A' ARCADIA.

ODE.

Por Claudio Manoel da Costa.

EM fim eu vos saúdo,
O' campos deleitosos,
Vos, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estaes os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Bellas estancias do Pastor Termindo.

Já sinto que respira
Huma aura em vós suave;
Orfeo pulsa de novo a doce Lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave;
Seu numero he mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que Pastores tão novos
São estes, que vos pisão?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matisão?
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu, Tempo, gastador os não consumes;
Briareo aqui diz este,
Ninfeo diz outro, aqui diz outro Eureste.

Na mais copada faia
Abrio o ferreo gume
O nome de *Termino*; o Sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

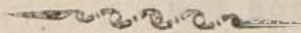
Ah! se da gloria vossa,
Pastores, cá me vira
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpira!
Entre a serie preclara
De *Glauceste* a memoria se guardára.

Mas onde hirá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso cáro abrigo,
Pastores, pode tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Com vosco está *Glauceste*,
Com vosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom Pastor d'Anfriso,
Se de Jove, e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando hum doce riso:—
Saberei nesta praia
A Titiro imitar junto da faia.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floreaça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termino* se levante.



AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO.

ODE.

Pelo mesmo Autor.

CERCANDO a urna d'ouro
Eu vejo os Generaes do forte Grego;
A' fria sombra me avizinho e chego,
Obsérvo o murcho loiro
Na descorada testa:
Nada do antigo resplendor me resta,
Mal da languida mão d'industria preso
Cahe, ou pende do sceptro o inutil peso.

Se serás de Philippe
O vencedor herdeiro, aqui pergunto;
Deixa que o mundo a teu cadaver junto
Este aviso antecipe;
Elle não póde crer-te,
Se hoje, Olympias, por ti lagrimas véte,
Aonde estão os grandes, onde as glorias,
Com que a Patria te honrou, tantas victorias?

As Legiões distantes
Aos limites das terras verdadeiros,
Nós te vimos marchar entre guerreiros
Esquadrões triumphantes:
Té os reinos d'Aurora
Levaste o ferro, e a chamma abrazadora;
Mas desde o Iado, e desde o Idaspe cheio
Voltas de luto, a terra te ábre o seio.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do Universo? Ah! não, não basta
A' Alexandre, que déra
Tanto susto ao Universo,
Que affrontando o terror de Marte adverso,
De novos mundos á conquista aspira,
Não basta o mundo todo á erguer-lhe a pyra.

Do Antartico á Calisto
O ambito se busque; neste espaço
Se guarde o peito, e se sepulte o braço,
Que a Grecia tem já visto
De rapidas campanhas
Tinto no sangue, ó Ceos! Elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve,
Sóbe ao sepulcro, e cobre-o terra leve.

Grandes, que arrebatados
Da soberba ambição, levaes a guerra
A's mais longinquas regiões da terra,
Agora debruçados,
Se he que o pasmo o concede,
Sobre o sepulcro de Alexandre vêde
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos, que a razão medita.

Philosophos de Athenas,
Os porticos deixai de Themis clara,
Lição mais digna hum morto vos prepára,
Da Acadêmia as serenas
Estudiosas horas
Abandonai; tu, que divino foras,
Sabio Platão, se esta doutrina leras,
Como tardas á vir, que mais esperas?

Mas já dizer-te escuto
A' vista do espectaculo funesto;
Este do Heroe o desgraçado resto?
Das conquistas o fructo
Outros á colher correm,
Se quentes inda da victoria morrem
Os dominantes d'Asia; oh! E quam pouco
Dista o orgulho de hum grande, ou já de hum louco!

O' sabio d'Estagira,
Deixa que entre, e registre a infausta scena,
Elle he que as honras funeraes ordena
Ao vencedor, que espira:
Eu te instrui prudente
Na temperança, diz, hoje presente,
Hoje á meus olhos, tu lição mais pura
Me intimas desde a fria sepultura.

A' tropel vem chegando
Os mais, que a Grecia nos seus fastos conta,
Aqui Demetrio, alli Metrou se aponta;
Philotes está dando
A distinguir seu rosto:
Xenofonte, Solon, Philaou posto,
Cada hum sobre o tumulo feridos
De penetrante dor lançado gemidos.

Tu, Philemon famoso,
Que de teu General honraste o lado;
Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado
Disputaste brioso,
Se te vejo este dia
Suffocar toda em luto Alexandria,
Quando cingido de abrazadas luzes
Do Augusto Chefe o feretro conduzes:

Tu só por derradeiro
Deves alçar a voz ao giro em roda,
Que cévã já teus olhos, pende toda
Junto ao morto guerreiro
A officiosa assembléa,
Das humanas grandezas huma idéa,
Principes, vos atterre; estes spectros
Fallão só c' os diademas, e c' os sceptros.

Ah! possa hum déstro ingenho
Sobre a campa do Heróe deixar gravado
Sabio letreiro á idade encomendado:
De o consultar eu venho
Nas Atticas fadigas:
" Caminhante aqui jaz, mais não prosigas,
,, Quem o mundo á si todo vio sujeito,
,, Para occupar do mundo hum campo estreito. ,,

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

SE sou pobre pastor, se não governo
Reinos, Nações, Provincias, Mundo, e Gentes;
Se em frio, calma, e chubvas inclementes
Passo o Verão, Outono, Estio, Inverno:

Nem por isso trocára o abrigo terno
Desta chossa, em que vivo, co' as enchentes
Dessa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar affiето o dia, o mez, e o anno;

Seja embora prazer, que á meo ouvido
Sôa melhor a voz do desengano,
Que da torpe lisonja o infame ruido.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

NIZE? Nize? onde estás? Aonde espera
Achar-te huma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz; mas he mentira;
Nize cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meo bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o écho me responde!
Ah! como he certa a minha desventura!
Nize? Nize? onde estás? aonde? aonde?

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

A PRESSA-SE á tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia,
Que chegue á entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
Na longa, duvidosa, e incerta via;
Nem este atravessando a região fria
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que hum breve tempo houver passado,
Hum se verá sobre a segura arêa,
Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma chêa,
Não tenho que esperar; que o meu cuidado
Faz, que gyre sem norte a minha idéa.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

AI! Nize amada! se este meu tormento,
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar podessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como attento
Meus votos tributára agradecidos!
Por seculos de males bem sofridos
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura
De teu rigor, não ha correspondencia
Para os doces affectos de ternura;

Cesse de meus suspiros a vehemencia;
Que he fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.

SONETO.

Do mesmo.

ESTES os olhos são da minha amada :
Que bellos, que gentis, e que formosos!
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada,
Tornão-se os campos de prazer gostosos;
Em zefiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde, olhos bellos, vinde; e em fim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas bellas,
Dai allivios ao mal, que estou gemendo.

Mas ah! delirio meu, que me atropellas!
Os olhos, que eu cuidei que estava vendo,
Erão (quem crera tal!) duas estrellas.

SONETO.

Do mesmo.

AQUELLE, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma;
Que o Ceo ninguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gyre o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa,
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte, ou engenho
A' suspender o ardor, com que se move
A infausta róda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças próve,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio he do Ceo, a mão de Jove!

SONETO.

Do mesmo.

Injusto amor, se de teu jugo isento
Eu vira respirar a liberdade:
Se eu pudesse da tua Divindade
Cantar hum dia alegre o vencimento;

Não logrâras, Amor, que o meu tormento
Victima ardesse á tanta crueldade;
Nem se cobrira o campo da vaidade
Desses trofeos, que paga o rendimento,

Mas, se fugir não pude ao golpe activo,
Buscando por meu gosto tanto estrago,
Por que te encontro, Amor, tão vingativo?

Se hum tal despojo á teus altares trago,
Siga a quem te despreza, o raio esquivo;
Alente a quem te busca, o doce affago.

SONETO.

Do mesmo.

ALTA Serras, que ao Ceo estaes servindo
De muralhas, que o tempo não profana,
Se Gigantes não sois, que a fórma humana
Em duras penhas forão confundindo;

Já sobre o vosso cume se está rindo
O Monarca da luz, que esta alma engana;
Pois na face, que ostenta, soberana,
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante
Elle se me affigura! Ah! qual effeito
Em minha alma se sente neste instante!

Mas ai! á que delirios me sujeito!
Se quando no Sol vejo o seu semblante,
Em vós descubro, ó penhas, o seu peito?

SONETO.

Do mesmo.

POLIR na guerra o barbaro Gentio,
Que as Leis quasi ignorou da Natureza;
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio:

Esta a virtude, a gloria, o esforço, o brio
Do Russiano Heróe, esta a grandeza,
Que igualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceu as desgraças de Dario.

Mas se a lei do Heroismo se procura,
Se da virtude o espirito se attende,
Outra idéa, outra maxima o segura:

Lá vive, onde no ferro não se accende;
Vive na paz dos povos, na brandura:
Vós a ensinaes, ó Rei, em vós se aprende.

SONETO.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga.

A' inauguração da Estatua Equestre.

VENCER Dragão, que as Furias desenterra;
Co' ás Artes adornar Sceptro, e Coroa;
Da triste cinza erguer aos Ceos Lisboa;
Pôr freio ás ondas, e dar Leis á Terra;

Tudo JOSE' na heroica Mão encerra.
O Bronze se levanta: o prazer voa;
E o seu Nome immortal a fama entoa
Entre cantos da Paz, e sons da Guerra.

Oh Rainha do Téjo, neste Dia
Ao Pai da Patria o Tempo vê com susto,
E a adorar a sua Imagem principia.

Ouçõ acclamar o Grande, o Pio, o Justo.
Quanto ostentais brilhantes á porfia
Vós a gloria de Roma, Elle a d'Augusto!

SONETO.

*Por Bernardo, natural da Villa de Santos, celebre
Pintor na Capital de Minas Geraes.*

DEBAIXXO de hum Pinheiro alubantado
Huma sesta passei muito á savôri,
Pois nos virações da Minha Liônori
Bia comer a erba, e andal-o gado.

Ella puxxando do chapeo vordado
Mobia o bento contra o meu calori,
E eu por responder-lhe á aquelle amori
Lançaba-lhe ao pescoço o meo cajado.

Mas nun sei porque monta, ou que descuido
Deixxou-me a mim, por s'hir botar á Alexxo,
Começando á esdenhar-me des-lo entruído.

Já se bê que com bem sovras me queixxo;
E quando considero em seu repudio
Da-me bontade de esvarrar-me á hum sêxxo.

SONETO.

Do mesmo Author.

HA muito, Lionor, que fiz mil juras
De te não assumir mais em meus bêrsos;
Mas como tibe agora controbersos
Com obelheiros, tórno á taes loucuras.

Q'al seja a causa, se mo tu procuras,
Sáve qu' há nesta Aldea huns taes prebersos
Que com genios malbados e dibersos
Lebantão contra mim muitas figuras.

Dizem que eu furto bersos Castelhanos,
E que não he furor que me tu deste;
Tu, Lionor, me conheces há bem d'annos,

Que nun sou com' a elles, entendeste?
Que andão repetindo muito ufanos
Bersos furtados ao Pastor Glauceste.

SONETO.

Por J. B. da Gama.

JA', Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas com migo de cautellas,
Qu' inda te espero ver, por causa d'ellas,
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças d'ouro converter-se em prata.

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de soffrer da idade os damnos,
Porque me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, em quanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos.

SONETO.

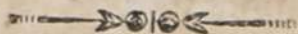
*Em resposta pelos mesmos consoantes, por huma Senhora
natural do Rio de Janeiro.*

TERMINDO, se Marfisa vos maltrata,
He porque conheceo vossas cautellas;
Porém ficai bem certo que por ellas
Nunca lhe pesará de ser ingrata.

Posto que o tempo tudo desbarata,
Em Marfisa são fixas as Estrellas,
Que as deidades não deixão de ser bellas,
Inda que o ouro se converta em prata.

Se tivesséis poder na formosura,
Eu receára então maiores damnos,
E desgraça seria o que he ventura.

A' tempo vos envio os desenganos,
Que fora para mim pena mui dura
Ver tão mal empregada a flor dos annos.



ODE.

AOS

GREGOS

POR

J. B. DE A. E S.

O' Musa do Brasil, tempera a Lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se com migo choraste os negros males,
Que a saudosa cara Patria opprimem,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te séquem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da Cruz, da Liberdade,
Farpadas inda ondeão.

As baionetas, que os servis amestirão,
Carnagem, fogo, não assistem peitos,
Que amão a Liberdade, amão a patria,
E de Helenos se presão.

Como as gotas da chuva o sangue ensópa.
Arido pó de campos devastados:
Como do funeral lugubre sino,
Gemidos mil retumbão.

Creancinhas, matronas, virgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martires morrem.

E consentis, oh Deos! Que os tristes filhos
Da redemptora Cruz, Arabes, Turcos,
Exterminem do sólo antigo e Santo
Da abandonada Grecia?

Contra Algozes os miseros combatem;
Contra barbaros Cruz, honra e justiça —
A Europa geme: só tyrannos frios
Com taes horrores fólgão.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interesse a inerte espada prendem;
E o sangue de Christãos, que lagos fórma,
Hum ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mas com tigo
Murcharão de Albion honra e renome:
O sordido egoismo, que a devóra,
He já do mundo espanto!

Não desmaies porém, a Divindade
Roborará teu braço; e na memoria
Gravará para exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animão
De Mélcides; já da campã fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Para acordar os netos.

Helenos, brada, ó vós, próle divina,
Basta de escravidão; não mais opprobrios!
He tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

Se arrazastes de Troia os altos muros
Para o crime punir, que amor causara,
Então porque soffreis há largos annos
Estupros e adulterios?

Forão assento e berço ás doutas Musas
O sagrado Helicón, Parnazo e Pindo:
Moral, Sabedoria, Humanidade
Fez vecejar a Lyra.

Ante Helenicas proas se acamava
Euxiuo, Egéo, — e mil Colonias hião
Levar Artes e Leis ás rudes plagas
E da Libya, e da Europa.

Hum punhado de Heróes então podia
Tingir de sangue Persa o vasto Ponto; —
Montões de corpos inda palpitanes
Estrumavão os campos.

Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso Ceo, e o vosso sólo?
E não são inda os mesmos estes montes,
Estes mares e portos?

Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas
O fratrecida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo á Roma.

E se de Constantino a infame próle
Do fanatismo cégo não houvera
Aguçado o punhal, ah! Nunca as Luas
Tremularão ufanas.

Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava. —
Em a esquerda o *Koram*, na dextra a espada,
Barbarie préga o Turco.

Assaz sorveste já milhões de insultos:
Já longa escravidão pagou teus crimes;
O Cco tom perdoado. — Eia, já cumpre
Ser Helenos, ser homens.

Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes:
Eia, morrei de todo, ou sêde livres; —
Assim fallou, — callou-se.

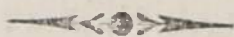
E qual ligeira nevoa sacudida
Pelo tufão do Norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
Ou Liberdade, ou Morte.

ADVERTENCIA.

OFFERECEMOS ao Publico os seguintes versos de huma Senhora Brasileira, que se recomenda á estimacão dos amadores da Poesia, não só pelas suas excellentes produções, como tambem pelas circumstancias da sua vida, que nos descobrem a grandeza e raridade do seu brilhante genio. Ella talvez fosse bem superior ás Poetizas, de que se honrão as mais celebres Nações, se pudesse pelo estudo, e leitura das melhores obras aperfeiçoar hum talento raro, de que a dotára a Natureza, e que se não pôde esconder nos pensamentos philosophicos, e rasgos verdadeiramente poeticos, que se admirão em seus versos. Fallamos da Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, cujas produções, não só honrão o Parnazo Brasileiro, como tambem provão que as nossas patricias são dotadas de genio sublime, e muito se distinguem, quando se dedicão aos encantos da Litteratura. Se por hora não apparecem em maior numero Escriptoras dignas da publica attenção, deve isso attribuir-se á huma educação acanhada, que no Brasil reduzia huma Senhora á curta esphera do manejo domestico, como se as Bellas Letras fossem vedadas ao seu séxo. Mas a civilisação vai já fazendo desaparecer esses prejuizos, e esse acanhamento, que privava as nossas patricias de encantos, que tanto se casão com a sua natural sensibilidade, e viveza de genio; e a Imprensa tirando á luz muitos escriptos de Senhoras Brasileiras, hora sepultados no esquecimento do mundo, servirá de estimular a emulacão de outras muitas, que hoje mais desembaraçadas cultivão com aproveitamento as Bellas Letras.

Nasceu a Senhora D. Delfina Benigna da Cunha na Provincia do Rio Grande do Sul no anno do 1791, e logo em 1796 perdeu a vista em consequencia de enfermidade. As suas idéas principiando á reluzir na primavera dos seus dias, descobrirão nella hum genio rarissimo; e a sua intelligencia já superior ao que se devia esperar em tão verdes annos, ajudando-se de huma prodigiosa memoria, fazia esperar que á despeito do soccorro da vista, ella seria huma Musa digna de honrar a Poesia Brasileira. Ouvindo ler e recitar, ella estudava e reflectia; a sua memoria guardava-lhe em seguro deposito, o que assim

colhia para riqueza do seu espirito, sendo tão pronta em ministrar-lhe o cabedal de idéas, que fazia suas, e augmentava consideravelmente por meio de huma continua meditação, que não só repetia com fidelidade qualquer Soneto, que se lhe recitava, mas ainda o conservava de cór sem perder hum só nome ou letra. O fogo da sua imaginação apparecia em muitos improvisos, em que exercia o seu estro, e não he para esquecer-se a gloza, que repentinamente fez da seguinte colxea, quando ápenas contava 12 annos.



A Natureza e Amor
 Combatem minha razão.

GLOZA.

Até Jupiter, Senhor
 De tudo quanto ha creado,
 Estreitamente he ligado
 A' Natureza e Amor.

Se este Deos, que he superior,
 Vive sujeito á paixão:
 Como ha de o meu coração
 Libertar-se deste mal,
 Se Amor com arma fatal
 Combate a minha razão?

Huma Senhora, cega desde a idade de dous annos, versejando na de 12, com bastantes conhecimentos sobre a Historia, e outros ramos philologicos, he sem duvida hum assombro. A Natureza parece que assim quiz indemnisal-a do que a enfermidade lhe roubára com a vista. Ella continúa a viver na conversação das Musas; e a sua alma, á proporção que se enriquece de novas e mais brilhantes idéas, manifesta-se captivando a estimação dos que a ouvem, ou improvisando no circulo de honrados parentes e conhecidos, ou discorrendo com acerto sobre as principaes bellezas dos Poetas, e Historiadores. Nós publicamos alguns dos seus versos, que tem chegado ao nosso conhecimento, seguros de que he justiça trazel-os á luz publica, em honra das Senhoras Brasileiras, e em agrado dos nossos Litteratos e sensiveis Leitores.

QUADRA.

Na fragancia delectosa
Que une á huma flôr outra flôr,
Os consortes reconhecem
Da simpathia o calor.

GLOZA.

I.

SENTE o reino vegetal
De Amor a doce influencia,
Por que da sua existencia
He a causa principal;
Ante Amor tudo he igual
Em união amorosa;
Cresce o jasmim, cresce a roza,
E em zephiros transformado
Vôa Amor de prado em prado
Na fragancia delectosa.

II.

Como he rica a Natureza!
Quantos prodigios encerra!
Em toda a extensão da terra
Brilha a celesté belleza;
Por lei de immensa grandeza
Do Supremo Architector,
Quem he pois senão Amor
Que desenvolve a harmonia,
Que huma planta, e outra cria,
Que une á huma flôr outra flôr?

III.

Meigo Amor, porção da vida,
E do universo prazer
Sem ti não podia ser,
A natura enriquecida;
Avesinha enternecida
Quando as campinas florecem:
Busca' hum consorte, e ambos tecem
O seu ninho melindroso,
E o thalamo venturoso
Os consortes reconhecem,

IV.

Se em tão perfeita união
Vivem as plantas, e aves
Porque razão tão suaves,
Os nossos laços não são?
Ha de a humana geração
Viver cercada de horror!
Nos homens he crime Amor,
N'elles seu brilho se ofusca
E extinguir cada qual busca:
Da simpathia o calor.

Por D. Delfina Benigna da Cunha.

QUADRA.

Sobre mim, tyranna Morte,
Descarrega o golpe teu,
Não he justo que mais pene
Hum infeliz como eu.

GLOZA.

I.

INCERTO vagava hum dia
Por hum bosque espesso e feio,
Eis que me sinto no seio
De huma gruta etma, e sombria;
Ouço huma voz, que dizia: —
„ Connigo termina a sorte;
„ Mas sobre que peito forte
„ O meo ferro empregarei? „ —
Intrepido eu lhe gritei
„ Sobre mim, tyranna Morte „

II.

Clama ella „ Oh Ceos que escuto:
„ He homem quem me não teme?
Eu lhe torno „ He sim quem geme,
„ Sou eu que com males luto;
„ Pagar o commum tributo
„ He só o desejo meo;
„ Da ingrata que me offendeo
„ Esquecer procuro a offensa;
„ Neste peito sem detença
„ Descarrega o golpe teu.

III.

„ Sempre de penas cercado
„ Tégora tenbo vivido ,
„ E tem Amor fementido
„ Meus dias envenenado ;
„ Assim passo amargurado
„ Suspirando por Pirene ,
„ Por mais que brade , e que accene ,
„ Nega-me sempre attenção !
„ Oh Morte , meo coração
„ Não hé justo que mais pene.

IV.

„ Extingue a paixão com a vida ,
„ Triunfa do Deos de Amor ,
„ Do teu calis o amargor
„ De certo não me intimida , „
Nisto a Morte endurecida
De compaixão signaes deo ;
Do seu rigor se esqueceo ,
Por cumprir-se a lei da sorte ,
Porque em vão implora a Morte
Hum infeliz como eu.

Da mesma Authora.

QUADRA.

Que muito que nos Extractos
Sejas, Bomtempo hum primor,
Quando de *Estampas* tu fallas,
Es hum Extracto de Amor.

GLOZA.

I.

QUE de Orfeo roubaste a Lira,
Bomtempo, eu onso affirmar;
Pois tu pudeste abrandar
Do vendado Deos a ira.
Ouvindo-te Amor, suspira...
E aos Mortaes não dá máos tratos;
O mesmo Orfeo sons tão gratos
Extrahir ah! não sabia;
E se o vences na harmonia,
Que muito que nos Extractos!

II.

Deo-te a sabia Natureza
Hum dom tão sublime e raro,
Que não pode o tempo avaro
Destruir sua belleza,
Do teo merito a grandeza
Tem Divinal esplendor;
Quem da harmonia o valor
Observa attento, e cisudo,
Jamais duvida, que em tudo
Sejas, Bomtempo, hum primor.

III.

Que importa que os invejosos
Murmurem de ti em vão?
Tu podes ter o braço
De os deixares mentirosos.
Mesmo em lances amorosos
Se acaso hum suspiro exhalas,
Se o doce effeito não callas,
Que Amor em ti tem causado,
Não podes ser imitado,
Quando de Estampas tu fallas.

IV.

Quando assim as Nymphas chamas,
Que encantão tua alma pura,
Patentéas a ternura,
Desse amor, em que t' inflammas.
Se os ardentes sons derramas
De teu plectro encantador,
Brilha em todos almo ardor,
Exclamão — Ente Benigno,
Não es humano, es Divino,
Es hum Extracto de Amor.

Da mesma Authora.

QUADRA.

Os momentos, que nos restaõ,
Linda Marcia, aproveitemos;
Momentos tão venturosos
Sabe o Ceo quando teremos.

GLOZA.

I.

TU não vês como emmurchece
A roza, que á pouco abrira?
Não sentes como suspira
Rola, que o bosque intrestece?
Que tudo, ó Marcia fenece,
Flores, prados, manifestão;
Em quanto se não funestão
Os meos dias, e os teos,
Passarás nos braços meos
Os momentos, que nos restaõ.

II.

Não te esquives, doce amada,
Ao meo amor excessivo,
Vê por ti n'hum fogo activo
Minha alma pura abrazada,
Se foges, prenda adorada,
Desgraçados viveremos;
Estes momentos que temos
De liberdade, e de amor,
Dá nos o Ceo por favor,
Linda Marcia, aproveitemos.

III.

Não te deixes succumbir
Ao temor, que as almas gela;
Attende só, Marcia bella,
Ao que Amor nos faz sentir;
Vamos ternamente unir
Nossos peitos amorozos,
Sejamos ambos ditozos,
De amor vivas provas dando,
Felizmente em paz gozando
Momentos tão venturozos.

IV.

Não te demores, querida,
Completa a minha ventura,
No regaço da ternura
He doce passar a vida;
Ah! Marcia, não te intimida
Esse Fado, a quem tememos?
Ai de nós, que não sabemos
O que a sorte nos destina!
Dias tães, Marcia Divina,
Sabe o Ceo quando teremos!

Da mesma Authora.

SONETO.

*Aos annos do Sr. Antonio José de Araujo,
Tenente do Imperial Corpo de
Engenheiros.*

TU, dos amores suspirado encanto,
Aonio divinal, vate sublime,
Escuta o louvor meu, que mal exprime
Da Sagrada amizade o fogo santo.

Teu dia natalicio, Aonio, eu canto;
Tão alto assumpto, me arrebate, e anime
E o Delio côro, que jamais se exime
De louvar-te, fará que eu possa tanto.

Suaves Musas, affagai meu plectro,
Para que eu possa tão faustoso dia
Dignamente cantar em doce metro.

Aonio, Apollo que meus passos guia
Me franquêa tambem o Del o Sceptro:
Vê qual he teu poder, tua valia.

Pela mesma Authora.



SONETO.

*Em resposta ; Por Antonio José de Araujo,
natural do Rio de Janeiro.*

VICTIMA triste de amoroso encanto,
Tu me chamas Felinda em som sublime ;
Em som que a meu pesar assás exprime
Da verdade o fulgor mais puro e santo.

Ternas mágoas de amor em doce canto,
Pertendes que a sofrer áudás me anime ;
Porém dellas o peito não se exime,
Vê qual he meu pesar que pode tanto.

Redobra esforços mil ao mago plectro,
Torna medonha noite, em claro dia ;
Meus males affagai em brando metro.

Vencer a minha dor seja teu guia
Pois ter do Delio côro, a palma, o Sceptro,
Hum triumpho não he de mais valia.



SONETO.

*Ao Excellentissimo e Reverendissimo Sr. Bispo
Capellão Mór.*

SENHOR, de quem a Fama ha muito canta
Memoraveis acções de san piedade,
Pondera qual será minha orfandade
Em tão misero estado, em magoa tanta.

Tua alma bemfazeja, pura, e santa,
Attenta escuta a voz da humanidade,
E a força da cruel mendicidade
Tua Benificencia assaz quebranta.

Tornas feliz o Mundo desgraçado,
Oh Numen Tutelar dos Homens Guia!
Tu es copia fiel do Ceo sagrado.

He teu renome qual astro do dia,
Sem que possa jamais ser eclipsado,
Porque teus dotes são d'alta valia.

Pela mesma Authorca.

SONETO.

AO

FAUSTO NATALICIO

DE

SUA Magestade o Imperador.

TEUS Feitos, ó Grão Rei d'eterna Fama,
Te erguem Padrões, e Estatuas permanentes;
Conta Tuas Acções altipotentes
A voz que pelo mundo se derrama.

A' bem dos Teus ó Teu Valor s'inflamma,
E os torna, Senhor, independentes,
E ao Brasil dando Luzes refulgentes
Por seu Imperador eis que Te aclama.

Oh Pedro Invicto! Tua gloria he vasta,
Não a deslumbra o tempo, nem a altera:
Estatuas, e Padrões o tempo gasta.

Curvo Porvir o Nome Teu venera,
E para encher de gloria ao mundo basta
Que este Dia immortal brilhe na esfera.

Pela mesma Authora.

SONETO.

▲

CHEGADA DE SUA Magestade FIDELISSIMA

▲

SENHORA D. MARIA DA GLORIA.

ALÇA Neptuno a fronte coroada
De verde musgo, e de coral ramoso,
E ao Nitheroy saudando respeitoso,
Bem diz do Rio a sorte afortunada.

Estava, diz, por Jove destinada
A gloria tua, ó Nitheroy famoso,
No egregio Imperador, que justicoso
Sancciona as Leis, está mui bem firmada.

Assim disse do Mar o Deos potente,
E ouvindo a sua voz edificante,
Das Ondas surge Apollo refulgente.

Ao mundo traz o dia fulgurante,
Que marca deste Imperio a gloria ingente,
De ter hum Semi-Deos por Imperante.

Pela mesma Authora.



SONETO.

▲

SUA Magestade Imperial

POR OCCASIÃO DE SEGUNDA VEZ TER CHEGADO AO RIO DE JANEIRO.

A Ti corro, Senhor, porque vivia
Saudosa por Beijar-Te a Mão Augusta;
O tumido Oceano não me assusta,
Nem me assusta de Eólo a valentia.

Desprézo seu furor com ousadia,
Porque longe de Ti viver me custa;
Tua Presença amavel, e venusta
Novo Estro me dá, nova harmonia.

Vê, Senhor, como vem de varias terras
Correndo a Ti mil gentes sem ventura;
He porque alta virtude em Ti encerras.

Tua Alma Bemfazeja, doce e pura
Evita as tórpes intestinas guerras,
E a gloria dos Teus torna segura.

Da mesma Authora.

SONETO.

A'

SUA Magestade o Imperador.

O Senhor Dom Pedro I.

Por occasião da infausta morte de sua Magestade
a Imperatriz.

O Que vejo? O que escuto! A sorte austera
Ao melhor dos Monarchas tiranisa,
O pranto, que em seus olhos se divisa,
He prova da expressão, que n'alma impera.

Heróe, prole de Heróes, sofre, tolera;
A constancia aos humanos divinisa;
Vê que a Tua Consorte os Astros pisa
Por justa Lei do Ceo, que não se altera.

Não mais o pranto Teu corra apressado:
Modera Tua dor, Tua saudade
De impulso divinal reanimado.

Pois Tua Esposa gósa na verdade
O premio, que á virtude he destinado,
No seio da brilhante Eternidade.

Pela mesma Aulhora.

SONETO.

A

SENTIDÍSSIMA MORTE

DE

SUA Magestade a Imperatriz.

AFOITA pisa o Regio Pavimento
A Morte austera cruelmente armada,
Ai de nós! Ella só vem conspirada
Contra quem de virtudes he Portento.

Emprega o golpe teu, monstro cruento,
No vicio rude, na traição malvada,
E deixa-nos gosar a Prenda Amada,
Que para nós baixou do Etereo assento.

Mas que digo?... Ai de mim!... O geral pranto
Me annuncia do mal toda a fereza,
Vejo sobre o Universo escuro manto.

Suspira e chora a madre natureza...
A sabia Imperatriz do Mundo encanto
Volveo ao Ceo, deixando a Redondeza.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A' SAHIDA DO BRASIL

DE

SUA Magestade Fidelissima

A

SENHORA D. MARIA DA GLORIA.

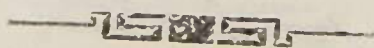
PARA sempre! Ai de nós! Rainha Augusta,
Deixas os Patrios lares tão queridos?
A gloria, que vais dar a Povos fidos,
Aos fidos Brasileiros quanto custa!

Do mar, do vento a ira nos assusta;
Mas já por Ti não somos Attendidos!
São daqui, dali, tristes gemidos...
Nossa dor, e saudade, ah como he justa!

O Patrio Rio, que vaidoso ondeava
Ufano com teus dons; queixoso agora
A margem triste com seu pranto lava.

Do excelso Pai o Rosto se Descora,
E o Brasil, que contente Te Encarava,
Triste, e saudoso, Te Suspira, e chora.

Pela mesma Authora.



SONETO.

A
SUA ALTEZA IMPERIAL

o
SENHOR DOM PEDRO DE ALCANTARA

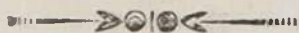
No DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1829.

BENIGNOS Fados com risonho aspecto
Destinão ao Brasil Faustosa sorte,
E absortos em magico transporte
Chamão a Pedro o Grande Seu Dilecto.

Amplitude cabal dando ao projecto,
Que tinham de o salvar á dura morte,
Daõ a este Monarcha Pio, e Forte,
Terno Filho, penhor do Seu Affecto.

Exulta o Pai, e o Brasil todo exulta,
Contemplando no Filho outro segundo
Heróe, que entre os Heróes Seu Nome avulta.

Principe excelso, o Teu Natal jucundo
He Obra prima de huma mão occulta,
Que ennobrece, que encanta, ao Novo Mundo.



SONETO.

A

SUA Magestade Imperial

POR OCCASIÃO DE REQUERER AO MESMO
AUGUSTO SENHOR.

QUEM te falla, Senhor, quem te saúda,
Não vê raiar de Phebo a luz brilhante;
Da-lhe pio agasalho hum breve instante,
Seu Fado imigo em brando Fado muda.

A sustentar o peso assaz lhe ajuda
De huma vida, que á morte he semelhante;
Não chegue a ser afflicta mendigante,
Quem a hum tal Protector roga, lhe acuda.

He por ti, que eu espero ser contente,
E supponho, Senhor, que não me illudo:
Da tua Alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o Grande hum forte escudo,
Creio, folgo, e afirmo afoitamente,
Que és Pai, és Bemfeitor, és Nume, és Tudo.

Da mesma Authora.



SONETO.

AO

MESMO AUGUSTO SENHOR.

QUE he isto, coração? Quanta ventura
Desfructo neste dia aurifulgente?
Vejo o sabio Imperante affavelmente
Acolher teus suspiros de amargura.

Seu Nobre Coração, Sua Alma pura
Me anima, me promette gloria ingente;
Qual éra já não sou, quão de repente
Se mudou minha sorte infausta, e dura!

Benigno rosto para mim voltando
O excelso, o Immortal Pedro Primeiro
Me vai da vida as magoas adoçando.

Tu és Monarcha o Genio Brasileiro,
E aos Mundos dous, prudentes leis dictando,
Assombro causas ao Universo inteiro.

Pela mesma Authora.

SONETO.

AGRADECENDO AO MESMO AUGUSTO
SENHOR O DESPACHO, QUE
OBTEVE.

O' Inclito Imperante, eis me prostrada
A teus Pés, submissa, e respeitosa,
Beijando a Divinal Mão dadivosa,
Que a vida me tornou menos pesada.

Tua alma de virtudes adornada
Commigo se ha mostrado tão piedosa,
Que bem posso zombar da sorte irosa,
Tendo minha esperança em Ti fundada.

Apenas o meo triste mal soubeste,
Egregio Imperador d'Alta Memoria,
Tornar-me venturosa em fim quizeste.

Tua Fama, Senhor, hé já notoria,
O teu Nome immortal fazer pudeste,
Dando nome ao Brasil, ao Mundo Gloria.

Da mesma Authora.

SONETO.

AO

MESMO AUGUSTO SENHOR

ABRAZADA, Senhor, em fogo intenso
Minha alma exulta, e de prazer se inflamma;
E o gozo, que nas vozes se derrama,
A todos conta Teu Favor extenso.

A Ti da gratidão vò a incenso,
Por mim lançado na mais pura chamma,
Esmalte do Brasil, honra da Fama,
Maravilha do Ceo, Numen immenso.

Se eu do Thracio cantor tivera a Lira,
Cantára os Feitos Teus, em Delio verso;
Porém meu Estro em vão a tanto aspira.

Foi vencido por Ti meu fado adverso,
Completa páz minha alma hoje respira,
E tu, Senhor, sem par és no Universo.

Da mesma Authora.



A SUA Magestade o Imperador,

como

Perpetuo Defensor do Brasil,

No dia 13 de Maio de 1828.

SONETO.

C'ROAS sem conto de virentes Louros,
Que o Tempo estragador murchar não possa,
Perpetuo Defensor da cauza nossa,
Ornem Teu Busto em seculos vindouros.

Sem Temerdes phalanges nem pelouros
Promettestes expor a Vida Vossa;
E o Dedo Teu Omnipotente esbôça
Da nossa Liberdade aureos thesouros.

O modelo dos Reis em Ti se observa,
O' Grande, ó Immortal Pedro Primeiro!
Jove T'escuda, illustra-Te Minerva.

Tu Cimentaste o Solio Brasileiro;
Para Teu Nome a Gloria se reserva
De encher de grande assombro o Mundo inteiro.

Da mesma Authora.

SONETO.



A' par de Lum coração como o de Pedro,
Os Diademas que são? que vale o Mundo?

Nova Castro.

IMPERIO vasto, rico, e florescente
Incentivo não he d'alta valia,
Perante huma Alma, Generosa, e Pia,
Que de virtudes Tem dom eminente.

Excelsa AMELIA, o encanto refulgente,
Que aos Teos formosos olhos Alicia,
He dadiva do Ceo, que o Ceo Te envia,
Sublime, e Pura, de valor ingente;

Almos prazeres Te prepara a Sorte,
O Facho do Himineo se accende ao lume
De mais ardente amor, do amor mais forte;

Tocaste, AMELIA, da Grandeza o Cume,
O Heróe, que o Ceo Te Deo para Consorte,
He mais que Imperador, He Pai, He Nume.

Da mesma Authora.

A PRIMAVERA,

IDILIO

TRADUZIDO DO GREGO EM PORTUGUEZ

POR

J. B. A. S.

JA' do Ether fugio ventoso Inverno,
E da florida Primavera a hora
Purpurea rio: de verde herva mimosa
A terra denegrída se corôa.
Bebem os prados já liquido orvalho,
Com que medrão as plantas, e festejão
Os abertos botões das novas rosas.
Com os asperos sons da fruta rude
Folga o serrano, o Pegureiro folga
Com os alvos recentes cabritinhos.
Já sulcão nautas estendidas ondas;
E Favonio innocente as vélas boja.
As Menades, cobertas as cabeças
Da flor d'hera, tres vezes enrolada,
Do uvifero Baccho Orgias celebrão:
A geração bovina das abelhas
Seus trabalhos completa; já produzem
Formoso mel; nos favos repousadas
Candida cera multiplicão. Cantão
Por toda a parte as sonoras Aves;
Nas ondas o Alcyão, em torno aos tectos
Canta a Andorinha; canta o branco Cysne
Na ribanceira, e o Rouxinol no bosque.
Se pois as plantas ledas reverdecem;
Florece a Terra; o Guardador a fruta
Tange, e folga co' as maçans folhudas;
Se Aves gorgeião; se as Abelhas crião;
Navegão Nautas; Baccho guia os choros:
Porque não cantará tambem o Vate
A risonha, a formosa Primavera?

CANÇÃO

NO DIA 8 DE OUTUBRO DE 1785

AO

EXCELLENTISSIMO LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

FOR

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

ELEGRIA flor da Lusitana Gente,
Nobre inveja da estranha,
D'antigos Reis preclaro descendente, (1)
Luiz, a quem se humilha quanto banha
Do Grão Tridente o largo Senhorio,
Desd'o Amazonio, até o Argenteo Rio. (2)

Em quanto concedeis repouso breve
A's redeas do Governo,
Ouvi a Musa, que a levar se atreve,
Ao som da Lyra de ouro, em canto eterno,
O Nome vosso a ser brilhante Estrella,
Onde habita immortal a Gloria bella.

Só ás Filhas do Ceo foï concedido
Do Lethes frio, e lasso
Os Heroes libertar; calca atrevido
Tempo devorador, com lento passo,
Tudo quanto os mortaes edificarão;
Nem deixa os écos das acções, que obrarão.

Receba o vasto Mar no curvo seio (3)
Os marmores tallados;
O amoroso Delfim, o Tristão feio
Respeitem temerosos, e admirados.
A Muralha, onde Thetis québra a furia;
Do maritimo Jove eterna injúria.

Ao ar se eleve Torre magestosa, (4)
 Thesouro amplo, e profundo
Das riquezas, que envia a populosa
Europa, e Asia grande ao Novo Mundo;
Por quem soberbo, ó Rio, ao mar te assomas,
Tu, que do Mez primeiro o nome tomas. (5)

Lago triste, e mortal, no abysmo esconda (6)
 Pestiferos venenos;
E o leite, onde dormia a esteril onda,
Produza os Bosques, e os Jardins amenos,
Que adornando os fresquissimos lugares,
Dem sombra á terra, e dem perfume aos ares.

O vosso invicto Braço os bons proteja,
 E os soberbos opprima:
Modêlo sempre illustre em Vós se veja
De alma grande, a quem bella gloria anima;
Regendo o Sceptro respeitado, e brando;
Digno da Mão, que Vos confia o Mando.

Os justos premios de emula Virtude
 Da vossa mão excitem
Ao nobre, ao generoso, ao fraco, e rude:
As Artes venturosas resuscitem;
E achando em Vós hum inclito Mecenas,
Nada invejem de Roma, nem de Athenas.

A Paz, a doce Paz contemple alegre
 As Marciaes bandeiras:
Prudente, e justo o vosso Arbitrio regre,
E firme a sorte de Nações inteiras;
Derramando por tautos meios novos
A ditosa abundancia sobre os Póvos.

Cresça a próspera Industria, que alimenta
 Os solidos thesouros:
O Ocio torpe, e a Ambição violenta
Fujão com funestissimos agouros;
Fuja a céga Impiedade; e por castigo
Negue-lhe o Mar, negue-lhe a Terra abrigo.

Acções famosas de louvor mais dignas,
Que as de Cesar, e Mario!
Vós não sereis ludibrio das malignas
Revoluções do Tempo iniquo, e vario:
Que as bellas Musas, para eterno exemplo,
Já vos consagrão no Apollineo Templo,

Lá se erige mais solida columna,
Que o marmore de Paros;
E longe dos teus golpes, ó Fortuna,
Lá vive a imagem dos Heróes preclaros:
Assim respeita o tempo os nomes bellos
De Scipiões, de Emílios, de Marcellos.

Entre estes vejo o Achilles Lusitano, (7)
Que prodigo da vida,
Foi o açoute do barbaro Africano,
E exemplo raro d'alma esclarecida,
De que são testemunhas nunca mortas
D'Ourique o campo, de Lisboa as portas.

O grande Vasconcellos vejo armado, (8)
Que arranca, e despedaça
O alheio ferreo jugo ensanguentado;
E os soberbos Leões forte ameaça;
Da guerra o raio foi, da paz o leme;
America inda o chora, Hespanha o teme.

Quem he o que entre todos se assinála
No próvido conselho,
E no valor, e na prudencia iguala
Da antiga Pylos o famoso velho? (9)
He Pedro, que com hombros de diamante (10)
Foi d'hum, e d'outro Ceo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso Vos espera
A par de taes Maiores,
Incllyto Heroe, na scintillante esfera?
Eu vejo o Busto, que entre resplendores
As Virtudes, e as Musas vos levantão
Ao som dos hymnos, que alternadas cantão,

Luiz, Luiz a abobeda celeste
 Por toda a parte soa ;
E tu, ó Clio, tu que lhe teceste
Co' a propria mão a nitida coroa,
A voz levantas, entornando as Graças
O nectar generoso em aureas taças.

Delicia dos humanos, clara fonte
 De Justiça, e Piedade,
Não sentirás do pallido Acheronte
Ferreo somno, nem densa escuridade.
Cantou a Musa: a Inveja se devora,
E o Tempo quebra a fouce cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
 Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os Orbes luminosos,
Dá vida a Eternidade ao novo Busto.
Hum chuvaireiro de luz sobre elle desce,
E nova Estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a Lyra
 De louros enramada:
Recebe.... ella já voa, e sóbe, e gira,
Rompendo os ares de esplendor cercada;
Já Satellite adorna o Firmamento,
E te acompanha lá no Ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz Habitador do Téjo
Conta que a nova Estrella,
Banhada em luzes da Rainha Augusta,
Reflecte ao Novo Mundo a Imagem della.

(1) Para verificar-se Real a Ascendencia desta Excellentissima Familia, basta notar que, sendo a sua varonia de Vasconcellos, e tendo principio no Conde D. Osorio, este casou com D. Rufa, Neta da El-Rei D. Fernando; e igualmente que o Excellentissimo Sr. Affonso de Vasconcellos, setimo Conde de Calheta, casou com a Princeza Pelagia Senfonia de Rohan, de quem nasceo o Illustrissimo e Excellentissimo Sr. José de Vasconcellos e Sousa, quarto Conde de Castello-Melhor.

(2) Desde o Rio das Amazonas até o da Prata estão as Provincias, que formão o Estado do Brasil.

(3) O novo Caes na Marinha da Cidade.

(4) O Magnifico edificio da Alfandega, que tem na frente esta Inscricção:

*En, Maria Prima regnante, è pulvere surgit,
Et Vasconcelli stat domus ista manit.*

(5) O Rio de Janeiro.

(6) O Passeio publico no lugar, onde houve huma Lagôa, que infeccionava a vizinha Cidade. Este sitio he delicioso, pela sombra, e boa ordem das arvores, plantas aromaticas, e crystalinas fontes.

(7) Martim Moniz, Filho de D. Moninho Osorio, e Neto do Conde D. Osorio, governou huma das linhas da batalha do Campo de Ourique, onde deo grandes provas do seu valor; e depois no anno de 1147, quando El-Rei D. Affonso I. sitiou, e ganhou Lisboa, morreo valerosamente nas portas do Castello, que ainda conservão o seu nome.

(8) D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, segundo Conde de Castello-Melhor: na guerra da Acclamação ganhou muitas victorias, e governou as Armas das Provincias de Trás os Montes, do Minho, o Exercito do Alem-Téjo, e depois o Estado do Brasil.

(9) Nestor o mais prudente dos Gregos.

(10) Pedro de Vasconcellos e Souza, Filho de Simão de Vasconcellos e Souza, Neto de D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, foi Mestre de Campo General com o Governo das Armas do Minho, Beira, e Alem-Tejo, Governador, e Capitão General do Estado do Brasil, Embaixador extraordinario á Corte de Madrid, do Conselho de Guerra, Estriboiro Mór da Princeza do Brasil, &c.

SONETO.

Do mesmo.

EU vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e he tão bella,
Que mereçe igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abraçado.

Mas ah! Que aquella me despreza amante;
Pois sabe, que estou preso em outros braços,
E Esta não me quer por incostante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dois semblantes hum semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços.

SONETO.

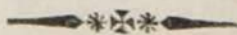
Do mesmo.

NÃO cedas, coração; pois n'esta empreza
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não podes amar sem vil baixeza:

Rompa-se o forte laço, que he fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando;
Vença-te o brio pelo amor cortando,
Que he honra, que he valor, que he fortaleza:

Foge de ver Altéa; mais se a vires,
Porque não venhas outra vez a ama-la,
Apaga o fogo, assim que o presentires;

E se inda assim o teu valor se abala,
Não lh' o mostres no rosto; ah! Não suspires!
Calado geme, soffre, morre, estala.



SONETO.

A' RAINHA D. MARIA I.

Pelo mesmo Author.

EXPOEM Thereza (1) acerbas magoas cruas,
E á briosa Nação de furor tincta
Faz arrancar da generosa cinta
O reflexo de mil espadas nuas.

Arrasta, e piza as Ottomanas Luas,
E por mais que Neptuno o não consinta,
A Heroína do Norte (2) faz, que sinta
O pezo o mar Egeo das quilhas suas.

Seos nomes no aureo Templo a Fama ajunta;
Mas pintar seos estragos não se atreve,
Ao seo Danubio, ao mar negro o pergunta:

Lusitania aos Ceos muito mais deve:
Que a rege, como aos povos d'Amathunta,
Freio de rosas posto em mãos de neve.

(1) Maria Thereza d'Allemanha.

(2) Catharina da Russia.

SONETO.

A' Mesma. Pelo mesmo Author.

A Paz, a doce May das alegrias
O pranto, o lucto, o dissabor desterra;
Faz que s'esconda a criminosa guerra,
E traz ao mundo os venturosos dias:

Desce, cumprindo eternas prophcias,
A nova geração dos Ceos á terra;
O claustro virginal se desencerra,
Nasce o filho de Deos, chega o Messias:

Busca hum Presepio, cahe no pobre feno
A mão omnipotente, a quem não custa
Criar mil mundos ao primeiro aceno.

Bem dita sejas, Lusitania Augusta!
Cobre o mar, cobre a terra hum Ceo sereno,
Graças ati, ó Grande, ó Sabia, ó Justa.

SONETO.

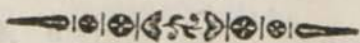
A' sonhada Republica do Equador, por hum Brasileiro.
1824.

OS meninos de escolla Quinta feira,
E Domingo na rua se ajuntavão;
E n'hu' forte de arêa, que formavão,
Punhão por pavilhão palha de esteira.

Fingindo-lhe a redor cava e trincheira,
Taquari, como peças, lhe montavão,
E em bexiga de boi tambor tocavão,
Gastando n'este brinco a tarde iateira.

Hum sendo Capitão, outro Sargento,
Canudo de mamão sopra o trombêta;
E a noite a pés desfaz-se o novo invento.

Assim gente com barba, e que he pateta,
N'hum feriado giza sóbre o vento
A pueril Republica de pêta.



LYRA.

PELO PADRE CALDAS.

O Homem não pode ser
Surdo ás Leis da Natureza;
Porque o iman da belleza
Tem mais força, mais vigor:
Meiga Anarda, corre aos braços
Do teu sincero amador.

Olha, se amor fora crime,
O homem não fora o réo;
Porém sim o sacro Ceo:
Porque, sendo o seu author,
O homem formou mais fraco,
Do que o doce, e terno amor.

Deu-te o Ceo nos lindos olhos
Attractivo meigo, e doce,
E, se amar-te hum crime fosse,
Eu me confundo, que horror!
Condennava a creatura
O seu mesmo creador.

Olha se amor fora crime, &c.

Amor he base da vida,
He quem nos doira a existencia;
Nesta essencia, e n'outra essencia
He hum Deos dominador:
A seus pés se curva o sabio
O cafre, o Rei, o pastor.

Olha se amor fora crime, &c.

O terno pombo rulando
Não anima a doce amada?
Não ama n'agua salgada
O peixinho nadador!
O Ceo reparte com todos
Este instinto abrazador.

Olha se amor fora crime, &c.

Minha Anarda, se he delicto
Ser Leal, ser puro, e terno;
Porque não tragou o Averno,
Com fogo consumidor,
Quando foi buscar a esposa
Da Tracia o doce cantor?

Olha se amor fora crime, &c.

Os homens homens produzem
Por effeitos da ternura,
A corporea constructura
Acha nisso alto sabor:
Quando não, dormira o mundo
Do nada ainda no horror.

Olha se amor fora crime, &c.

E se acaso te assaltar
Atroz, bifronte illusão,
Não lhe prestes attenção,
Por ser monstro seductor,
Que os nossos olhos deslumbra
Com brilhantismo impostar.

Olha se amor fora crime, &c.

Eu, que amante entrego toda
A discursiva razão,
Extingo o falso clarão
Desse monstro malseitor,
E concedo á natureza
Hum nectar d'alto sabor.

Olha se amor fora crime, &c.

Jove, que he pai dos colicolas,
Em seu seio amor gerou;
Depois á terra o mandou
Como hum Deos consolador;
Deos, que dá iguaes delicias
Tanto ao Rei, como ao Pastor.

Olha, Anarda, se não pode
Errar hum Deos, porque he Deos,
Como havemos nós ser réos
Por seguir o Deos de amor?
Ah! Voa, voa á meus braços,
O' bella, deixa o temar.



AOS ANNOS DE HUMA SENHORA.

RONDO'.

POR JOSE' PEREIRA.

Natural do Rio de Janeiro.

Dâ-me, Appollo, a lyra d'ouro,
Que hum thesoiro de belleza,
Alta empreza exige e manda
Terna e brauda a voz alçar.

EU não canto heroe cruento,
Que de estragos faz alarde,
Taes façanhas, cedo ou tarde,
Qual o vento haõ de passar.

Soando a lyra divina
Já de inveja córa Orfeo,
He divino o canto meo
Se de Uliua vou cantar.

Dâ-me Apollo, &c.

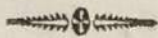
Tem lindo e longo cabello,
Com que Amor as almas prende:
E qual mortal se defende
De seo bello e terno olhar?

Na branca frente fagueija
De continuo o pejo a rosa,
A breve boca mimosa
Amor beija sem cessar.

Da-me Apollo, &c.

Querendo pintar-lhe o peito
De ternura a voz se afracca,
A harmonia não aplaca
Doce effeito de adorar:

Fugi, sensiveis humanos,
D'esse sitio que ella habita,
Onde Amor hoje por dita
Vai seus annos festejar.



RONDO'.

Já o inverno foge, Alcina,
Da campina, e d'alta serra;
Já não berra o Norte irado,
N'este prado gira Amor.

BRANCA neve, gelo frio
Já não cobre esta collina;
Corre a fonte cristallina,
Corre o rio bramidor.

A agradavel Primavera
Veste o campo de mil flores,
O Sol lança vivas cores,
Recupera o resplendor.

Já o Inverno foge, &c.

A andorinha rastejando
Na Lagoa prateada
Com ligeira aza apressada
Vai tocando o seu licor :

Pela umbrosa e verde selva
Errar vejo o manso gado,
Co' a charrua já curvado
Corta a relva o agricultor.

Já o Inverno, &c. &c.

Torna a abelha ao seu serviço,
Zune, e beija a flor mimosa,
Volta alegre, e cuidadosa
Ao cortiço o mel compor ;

Que prazeres, que receio ?
Oíço já nestes raminhos
Dos alegres passarinhos
O gorgueio encantador :

Já o Inverno, &c.

Vem, pastora, tu formosa,
De jasmim huma capella,
Vem cingir a fronte bella
E da roza linda flor :

Junto a ti... que feliz sorte!
Ah! Não posso a alegria
Exprimir, nem qual seria
Meu transporte, e terno ardor.

Já o Inverno foge, &c. &c.

Pelo mesmo Author.



QUINTILHAS.

A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga.

I.

MMUSA, não sabes louvar,
E por isso neste dia,
Entre as vozes d'alegria,
Não pertendo misturar
Tua rustica harmonia.

II.

Tens razão, mas não escuto
Os teus argumentos bellos:
Por mostrar novos disvellos
Demos o annual tributo
Ao illustre Vasconcellos.

III.

Vamos pois a preparar,
Que eu te darei as lições;
Folheando no Camões,
Bem podemos remendar
Odes, Sonetos, Canções.

IV.

Podemos fingir hum sonho
Por methodo tal e qual,
Se o furto for natural,
Eu delle não me envergonho,
Todos furtão, bem ou mal.

V.

Vê se lhe podes grudar
Huma bella madrugada,
Que muita gente barbada
Aplauda sem lhe importar
A razão, por que lhe agrada.

VI.

Feita assim a introduccão,
Passemos ao elogio,
Não te escape o patrio Rio
Sabindo nesta occasião
Lá de algum lugar sombrio.

VII.

Coroado de mil flores
Venha a torto e a direito ;
E se fizer hum tregeito,
Clamarão logo os leitores :
Viva, bravo, isto he bem feito.

VIII.

Co' as virtudes, co' as acções
Do nosso Herce não te mates ;
Basta que a obra dilates,
Dividida em pelotões,
Por sonoros disparates,

IX.

Quero ver a mão robusta
D' Alcides, encaixe, ou não,
E alguma comparação.
Ainda que seja á custa
D' Anibal, ou Scipião.

X.

Hão de vir de Jove as filhas,
Marte horrendo e furibundo,
E com saber mais profundo,
Traze as sete maravilhas,
Que ninguem achou no mundo.

XI.

Se acaso a Ode te agrada,
Para atterrar teus rivaes,
Tece em versos desiguaes,
Crespa frase entortilhada,
Palavras sesquipedaes.

XII.

Crepitantes, denodadas,
Enchem bem de hum verso as linhas,
E eu me lembro que já tinhas
N'outro tempo bem guardadas,
Muitas destas palavrinhas.

XIII.

Se de Soneto es amante,
Seja sempre pastoril,
Que sem cajado e rabil,
O Soneto mais galante
Não tem valor de hum ceitila.

XIV.

Venha sempre o adejar,
Que he verbiho, de que gosto,
E já me sinto disposto
Para o querer engastar
N'hum Idilio de bom gosto.

XV.

E pois que aqui nos achamos,
Tão longe de humano trato,
Que inda o velho Peripato
Por toda a parte encontramos,
Com respeito, e apparatus:

XVI.

Dois trocadilhos formemos
Sobre o nome de Luiz,
Seja Luz, ou seja Liz,
O epigramma feito temos,
E só lhe falta o nariz.

XVII.

Acrosticos! Isso he flor
D'hum engenho singular;
Quem os soubera formar,
Que certo tinha o penhor
Para a muitos agradar!

XVIII.

Agudissimos Poetas,
Gente bem aventurada,
Que estudando pouco, ou nada,
Tem na cabeça essas petas,
E outra muita farfalhada!..

XIX.

Mas, oh Musa, o meo desgosto
He tal que já tenho pejo
De ti mesma, quando vejo
O teu animo indisposto
Para cumprir meu dezejo.

XX.

Não tive dias bastantes.. —
Basta, basta, isso he engano,
Sobeja o tempo de hum anno,
E he muito seis estudantes
Para hum só Quintilianno.

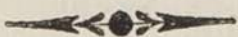
XXI.

Sei que ha nesta occasião
Poetas, filhos, e Paes;
Porém sejam taes ou quaes,
Cumpre tua obrigação,
Deixa cumprir os demais.

XXII.

Vinte quintilhas já são,
Nos annos não se fallou;
Mas á margem vendo estou,
Ler no Livro da razão
— Foi omisso, não pagou. —

Eis aqui como se ganha
O labéo de caloteiro,
Mas eu não sou o primeiro
Que tive esta boa manha,
Nem serei o derradeiro.



RETRATO DE AMIRA.

POR

DOMINGOS CALDAS BARBOZA.

SE as bellezas, virtudes, e graças
Em versos se podem cantar e exprimir,
Vou cantar atractivos de Amira,
Venhão escutar-me, que há muito que ouvir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não digo que os louros cabellos
Aos raios de Phebo podem competir,
Que assim bellos, quaes são, não precisão
Para os seus louvores qu' eu queira mentir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Nem direi que são duas estrellas
Os olhos d'Amira, qu' eu sempre segui,
Basta só que confesse a verdade
Que huns olhos tão lindos jamais nunca eu vi.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Pouco faço, se as faces comparo
Com rosa purpurea, com branco jasmim,
Que os jasmins misturados co' as rosas
A cor animada não fazem assim.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Os poetas, que pintão as bocas
Com perolas dentro, por fora rubim,
Vejão beijos e dentes de Amira
Mais rico que tudo quanto ha para mim.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não sei o que vejo no seio,
Quando elle respira, mover-se e bolir,
He simpatico o seu movimento
Que faz os dezejos aos olhos subir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Não se encontra figura mais bella
Nem corpo mais lindo formoso e gentil,
Se me prostro aos seus pés, e se os beijo
Eu devo fazel-o mil vezes e mil.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.



RETRATO.

Pelo mesmo Author.

POIS que o lindo original
Meus tristes olhos não vem,
Quero ao menos consolar-me
Co' o retrato de meu bem.

Mas quem há de retratal-a ?
Quem se atreve á tanto, quem ?
Quem ha que possa pintar
As perfeições do meu bem ?

Pinte a minha fantasia ,
Só á ella isso convem ,
Qu' ella sempre anda occupada
Nas idéas de meu bem.

As suas formosas tranças
Se tão linda graça tem,
He que as graças enfeitarão
Os cabellos do meu bem.

Os olhos da minha amada
Cativão quantos os vêm ;
Ninguem fica em liberdade
Vendo os olhos de meu bem.

As faces, as lindas faces,
Em que neve e rosas tem,
São mimos da natureza,
Que se apurou no meu bem.

Por entre hum rubim partido
As perolas todos vêm,
Que adórnão a graciosa
Linda boca do meu bem.

Quem verá seu niveo seio
Sem sentir amores, quem,
Se os amores se recolhem
Entre o seio do meu bem?

Ah! Ninguem se chegue á elle,
Que hum fatal encanto tem;
Parece neve, e tem fogo,
Com que me abraza o meu bem.

Não posso dizer do mais
Que nunca os meus olhos vêm;
Que digão só meus dezejões
O que suppõem no meu bem.

Outra assim tão linda e bella
Todo este campo não tem,
Nem que possa comparar-se
Co' as bellezas do meu bem.

Não quero dizer o nome,
Que dizel-o não convem;
Basta só qu' este segredo
Saiba-o eu, saiba-o meu bem.

MADRIGAES.

AMOR COM AS QUATO ESTAÇÕES.

AMOR tentoz zombar da Primavera,
E escarneceo o louco
Das suas flores, que duravão pouco;
Mas a bella estação lhe respondia,
— Dize, as tuas finezas preciosas
Acaso durão mais, que as minhas rosas? —

O Estio suava, e tressuava,
Amor co' a venda o rosto lhe limpava;
Com isto, que hum favor só parecia,
O Estio languidez maior sentia,
Tè que lhe respondeo: — Deixa-me em paz;
Que a tua compaixão peior me faz;
Teus soccorros, Amor,
Aos cançados não dão, tirão vigor. —

Ao Outono se offereceo o Deos frexeiro
Para ser vendimeiro;
Mas da vinha foi logo elle expulsado;
Por que dos caxos doces, que espremia,
O succo sempre amargo se fazia.

„ Fuge do lume, e busca as minhas chamas.
„ Terás mais doce natural calor. „
Disse ao Inverno Amor:
Mas o velho lhe torna: — em paz me deixa,
A quem te não conliece te destina;
Que eu sei que dos mortaes hês a ruina;
Tu destróes a Velhice,
Tu estragas a propria mocidade:
E que fará teu fogo
A' minha debil decadente idade? —

(Anônimo.)

CONSELHOS DE ALVALENGA PEIXOTO,
A SEUS FILHOS.

I.

MENINOS, eu vou dictar
As regras do bem viver ;
Não basta somente ler ,
He preciso ponderar ,
Que a lição não faz saber ,
Quem faz sabios he o pensar .

II.

Neste tormentoso mar
D' ondas de contradicções ,
Ninguem soletre feições ,
Que sempre se ha de enganar ;
De caras á corações
Ha muitas legoas , que andar .

III.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos ,
Que as paredes tem ouvidos ,
E tambem podem fallar :
Ha bixinhos escondidos ,
Que só vivem de escutar .

IV.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião ,
Que os males por si virão ,
Sem ninguem os procurar ;
E antes que ronque o trovão ,
Manda a prudencia ferrar .

V.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes, e raparigas
Não sabem mais, que asnejar;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar,

VI.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem, que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batão ferros vermelhos,
Deixem hum pouco esfriar.

VII.

Se he tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de hum bilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

VIII.

Se vos mandarem chamar
Para ver huma função,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão
Quem está bem, deixa-se estar.

IX.

Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e topo,
Prontos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fabulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

X.

Quem falla, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E pode quem conta os contos,
Mil pontos acrescentar;
Fica hum rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

XI.

Com Deos, e o Rei não brincar,
He servir, e obedecer,
Amar por muito temer,
Mas temer por muito amar,
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

XII.

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mas eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Pode o resto adivinhar.

Fim do I. Volume.

 INDICE

Do 1.º Numero.

Sonho , por Alvarenga Peixoto.....	5
— por Cordovil.....	43
Odes á Rainha D. Maria I. por Alvarenga Peixoto...	6
— Ao Marquez do Pombal , idem.....	9
— Ao Vice-Rei Vasconcellos , por Cordovil.....	42
— A' Affonso de Albuquerque , por Vidal de Barboza.....	51
— de Author Anonimo ; (parece que não ho Brasileiro).....	57
Canto Epico , em Oitavas , por Alvarenga Peixoto , baptisando-se em Minas D. José de Menezes	12
— Os Campos Elisios , por J. B. da Gama.....	25
— Epithalamio do mesmo , á D. Maria Amalia....	27
— Ao Marquez do Pombal , idem.....	31
A Gruta Americana , por Silva Alvarenga.....	22
Protheo , por Cordovil.....	34
Carnaval , pelo Conego João Pereira.....	59
Epistola , de Cordovil , aos Arcades do Rio de Janeiro.	38
Dythirambo , pelo mesmo , á huns annos.....	48
Oitava de Camões — Deu signal , &c. glosada por José Eloy Ottoni.....	54
Sonetos — de Alvarenga Peixoto. Nas azas do valor em Accio vinha — improvisado.....	17
— Se armada a Macedonia ao Indo assoma.....	18
— A mão , que aterra de Nemeo a garra.....	19
— Por mais que os alvos cornos curve a Lua....	19
— Do claro Tejo á escura foz do Nilo.....	20
— Honradas sombras dos maiores nossos.....	17
— Nem fizera a discordia o de-atino.....	21
— Peitos que amor da Patria predomina.....	63
— Nas louras tranças da gentil Tircéa , pelo Padre Antonio Pereira Caldas.....	58



INDICE.

Do 2.º Numero.

A Declamação Tragica — Poema por J. B. da Gama..	3
Epistola de Silva Alvarenga, á J. B. da Gama.....	9
——— Theseo á Ariadna, pelo mesmo Alvarenga...	12
Idilio de Francisco José de Sales (de Minas) — ou Fa- bula de Orpheo e Euridice.....	17
Elegia de Ovidio, traduzida por Soares de Meirelles..	29
Retrato, por Alvarenga Peixoto.....	34
Cançoneta de Metastasio, traduzida por Alexandre de Gusmão.....	38
Palinodia, do mesmo — traduzida por Araujo Guimarães (Elmano Bahiense)....	43
Lira por Vilella Barboza.....	47
—— pelo mesmo.....	49
Cantata, a Primavera, pelo mesmo.....	53



INDICE.

Do 3.º Numero.

Quitubia, Poema por J. B. da Gama.....	3
Templo de Neptuno; Idilio por Silva Alvarenga.....	9
Ode sobre a Restauração do Recolhimento de N. Se- nhora do Parto, ao Vice-Rei Vasconcellos, por Silva Alvarenga.....	18
Ode ao mesmo por Vidal de Barboza.....	22
Ode á Mocidade Poitugueza, por occasião da Refor- ma de Coimbra, por Alvarenga.....	28
Oitavas — Discripção do Pão do Assucar, pelo Cone- go João Pereira (extrahida da Estolaida)....	17
Oitava á Estatua Equestre, por Seixas Brandão (Me- dico das Caldas).....	31
—— de Camões — Estavas linda Ignez, &c. glosada pelo dito Seixas.....	33

Sonetos de J. B. da Gama

- Não sintas, não, Marquez, que o povo injusto 12
- Ergue de jaspe hum globo alvo e rotundo.... 14
- Se eu beijo a praia, e vos penduro o voto.. 15
- Em quanto o Potemkim o Turco aterra..... 16
- Já do lenho as prisões se desatarão..... 25
- Fundou co' a forte espada a Monarquia..... 68

De Alexandre de Gusmão.

- Isto não he vaidade, he desengano..... 66

De Luiz Paulino.

- Eis já dos Mausoleos silencio horrendo..... 67

De Custodio Gonçalves Ledo.

- Que importa meu Doutor, tenha defeitos..... 26
- Quam doce he meu Doutor, na estação fria.. 27

De Seixas Brandão.

- Parece-me que véjo a grossa enchente..... 32

De Joaquim José da Silva (o Çapateiro.)

- Eu queria, mas eu tenho vergonha..... 42
- As Rimas de João Xavier de Mattos..... 43
- Senhor Mestre Alfaiate, este calção..... 43
- Se quizer tomar lá o seu codorio..... 44
- Não se enfade, menina, dessa sorte..... 44
- Hum batuque se fez em São Gonçalo..... 45
- Grande festa, Senhores, lá se fez..... 45
- Mais bulha mais estrondo e mais aballo..... 46

8 Quadras glizadas do mesmo Çapateiro, desde pagina 47, até 62.

Fabula do Morro do Ramos, em quadras pelo Padre

- Silverio da Paraopeba..... 63

INDICE.

Do 4.º Numero.

Fabula do Ribeirão do Carmo, por Claudio Manoel da Costa (Glauceste).....	8
Ode, Saudação á Arcadia, pelo mesmo.....	10
— Ao sepulcro de Alexandre Magno, dito.....	12
— Aos Gregos, por J. B. de A. e S.	22
Canção, á Vasconcellos, por Silva Alvarenga.....	52
Idilio — a Primavera, traduzido do Grego, por J. B. de A. e S.	51
Lira — pelo Padre Domingos Caldas Barboza.....	60
Quintilhas á Vasconcellos, por Silva Alvarenga.....	65
Retrato de Amira, por Caldas Barboza.....	69
———— pelo mesmo.....	71
Rondó por, José Pereira, á hums annos.....	62
———— pelo mesmo á Primavera.....	63
Sextinas, conselhos á seus filhos por Alvarenga Peixoto	74
Madrigaes, Amor com as quatro Estações.....	73
Sonetos de Claudio Manoel da Costa; de pagina 15 á 19	
De Silva Alvarenga á Estatua Equestre	
Soneto Vencer Dragão, que as furias desenterra.....	19
De Bernardo, Pintor em Minas	
———— Debaixxo de hum Pinheiro alubantado.....	20
———— Há muito, Léonori, fiz mil juras.....	20
De José Basilio da Gama	
———— Já, Marfiza cruel, me não maltrata.....	21
Em resposta, pelos mesmos consoantes, e por huma Senhora do Rio de Janeiro	
———— Terminado, se Marfiza vos maltrata.....	21
De D. Delfina Benigna da Cunha, de pagina 35 á 50	
De Alvarenga Peixoto	
———— Eu vi a linda Estella, e namorado.....	57
———— Não cedas, coração; pois nesta empreza..	57
———— Expõe Thereza acérbas magoas cruas.....	58
———— A Paz, a doce Mãe das alegrias.....	59
Por hum Brasileiro	
———— Os meninos da escolla Quinta feira.....	59
Advertencia sobre a S.ª D. Delfina Benigna da Cunha	25
Quadras glosadas pela mesma Senhora, de pagina 27 á 33	

ADVERTENCIA.

APESAR de grandes cuidados na publicação das Poemas deste 1.^o volume do *Parnazo Brasileiro*, escaparão ainda assim muitos erros, dos quaes huns se podem attribuir á descuidos Typographicos, e outros á erros de copias. Apressamo-nos pois a emendar huns e outros, para que assim melhor sirvão á reimpressão, que talvez se faça, quando publicarmos o 2.^o volume em melhor letra, e formato; advertindo, que não fomos temerarios nas emendas das copias, e sim condescendentes com os concelhos de pessoas possuidoras de copias mais exactas, ou que tiverão amizade aos nossos Poetas, e por isso ainda se lembião das suas composições para bem corrigirem os defeitos introduzidos depois.

ERRATAS*Do 1.^o Numero.*

<i>Pag.</i>	<i>Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
5	2 e	socegada	socegada.
	13	activo	altivo
	31 e	sou	sou
6	8	A quem	Que á quem
	21	cofre	cafre
	27	vistasas	diversas
7	4	o instavel	instavel
	23	Do Cabo ao mar	Ao Cabo, ao mar
	33	e constantes	mas constantes
8	2	Honrar	Honrai
	8	De mãos	A' mãos
8	29	Do pão	No pão
	34	mares	ares
9	12	Que vem	E vem
	23	Os furores	Dos furores
10	17	Provincias e Cidades	Cidades e Provincias
	26	honroso	honrado

<i>Pag.</i>	<i>Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
11	9	no gabinete	do gabinete
12	7	E o vosso sangue &c.	E esta terra que o vosso sangue &c.
	16	que produzio	o que produz
	19	Henrique	Henriques
13	2	o mando	o Sceptro
	6	experimentareis	o vereis então
	7	louvar	hourar
	18	de delicias	das delicias
15	25	te fallo	te chamo
17	17	a Grecia	a Guerra
19	8	mostras	apontas
	12	em oiro, em ferro	d'oiro e ferro
	25	Para ás	Pelas
20	13	hé	hés
21	10	E os dons sublimes &c.	Ella só os sublimes dons encerra
	17	as ruinas	a ruina
	23	co' a mão que erguia	a mão que erguera
	24	Confundir	Desmentir
	27	o seu	em seu
25	6	por quem a	por que' a
28	12	e o que	o que alcanças
29	30	novo	nova
31	11	do Pae	só Paes
	6	reclinado	recostado
	18	truncos ... muros	os troncos ... os muros
	21	novo	louco
	22	nos seculos	dos seculos
32	1	recostado	reclinado
	5	E hum	C' hom
	6	Os braços	E os braços
	11	innocencia	innocencia,
	12	Na terra, e o crime	Na terra o crime, &c.
	16	cuidavas	suppunhas
	29	Consagrar	Consagrou-se
	30	depois ferir	ferir depois
33	2	Vomita essas injurias	E vomita as injurias, &c.
	12	hé toda tua	toda he tua
	16	As mãos, e os olhos.	E as mãos e os olhos &c.
	21	vista	voz
	31	perolas	as perolas
	32	Arbitro	Tributo
34	1	Formoso	Famoso

<i>Pag.</i>	<i>Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
34	13	Conta-lhe a viste.	Pinta-lhe ... viste
	18	os desgrenhados	as desgrenhadas
37	32	dão pomos	dão os pomos
39	27	louros	louro.
42	10	mil escravos montes e	sordidos escravos as
	11	Sertões , &c.	Campinas
	12	Em busca , &c.	Em busca
	18	Ouvir	Sertões ignotos , &c.
	24	Recolhe em seu celei-	De ouvir
		ro o loiro trigo	Recolhe alegre no ce-
43	27	os diamantes	leiro o trigo
47	25	Felix	o diamante
54	21	rebombo	Filis
55	21	rebomba	ribombo
57	ultimo	quem	ribomba
58	9	Que teo nome o	á quem
			Que teo nome he o
59	29	fauce	nome , &c.
63	no fim	J. B. da Gama.	fouce.
			Ignacio José de Alva-
			renga Peixoto.

ERRATAS

Do 2.º Numero.

<i>Pag.</i>	<i>Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
6	16	e saudosa	de saudosa
20	16tu, que a vistetu, que o viste
21	30	..somnolente Lethesomnolento Lethe ;
28	19mas aindamas inda
35	6	Da Silva	Da Selva
36	17	Entr' alvos dentes	D' entr' alvos dentes
38	6	Que as Graças nuas ;	Que as Graças nuas
40	15	...não te achonão te julgo
46	7	Nas êeas	Nas veias
47	1	A hum peito	Ao peito
47	2	A hum amante	Ao amante
52	3	seu, passo	seo passo
52	5	me apertas	me prendes
52	7	ou se prendes	ou se passeas

ERRATAS

Do 3.º Numero.

<i>Pag. Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
6	10 Hé tímido	Hé temido
7	24 Thé ver fugir	Thé ver surgir
10	11 N' huma mão	N' ãa mão
13	1 Não temas	Não sintas
ib.	8 Teo nome excelso	Teo genio claro
16	5 ..lamenta a guerra	..contempla a guerra
23	21 ..o quente eixo	..o eixo quente
31	11 ..com a mão erguida	..já co' a dextra erguida
ib.	12 ..mas attenta para	..mas suspensa pára
ib.	13 Vendo que ficaria	Por não querer ficasse.

ERRATAS

Do 4.º Numero.

<i>Pag. Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
5	24 Que o menor mal	Que o mal menor
5	36 corrente	correntes
7	1 Então já da paciencia	Então da paciencia
7	23 que exalei	que esparzi
19	25 adorar a sua	adorar sua
20	15 Lionor, que fiz	Lionori, fiz
20	25 conheces há	conheces de há
20	26 Que, &c	Olha, e num sou com' elles, entendeste?
20	27 Que, &c.	Que cantão nestes mon- tes muito ufanos
20	28 ao Pastor	do Pastor
24	27 o Ceo tom	o Ceo tem
57	do mesmo	por Alvarenga Peixoto.
57	23 mais se a vires	mas se a vires.
71	22 Em que rosas, &c.	Que rosas e neve tem
72	6 amores, quem,	amores, quem?
72	8 do meu bem?	do meu bem.

Rio de Janeiro. Na Typographia Imperial e Nacional. 1830.

